



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

IANARA APOLONIO ROSA LIMA

**A RETOMADA XOKÓ:  
TERRITÓRIO E RENASCIMENTO CULTURAL DE UM POVO**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

IANARA APOLONIO ROSA LIMA

**A RETOMADA XOKÓ:  
TERRITÓRIO E RENASCIMENTO CULTURAL DE UM POVO**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ugo Maia Andrade

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

IANARA APOLONIO ROSA LIMA

**A RETOMADA XOKÓ: TERRITÓRIO E RENASCIMENTO CULTURAL DE  
UM POVO**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia da  
Universidade Federal de Sergipe para obtenção do  
título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ugo Maia Andrade

Aprovado em: 22/04/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Prof. Dr. Ugo Maia Andrade-UFS)

---

(Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira Filho - MN/UFRJ)

---

(Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho - UFBA)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L732r Lima, Ianara Apolonio Rosa  
A retomada Xokó : território e renascimento cultural de um povo / Ianara Apolonio Rosa Lima ; orientador Ugo Maia Andrade. – São Cristóvão, SE, 2024.  
165 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Antropologia. 2. Índios Kariri - Xokó. 3. Identidade social. 4. Etnologia. 5. Índios Xokó - Sergipe. I. Andrade, Ugo Maia, orient. II. Título.

CDU 572

*“Somos todos filhos das  
Retomadas.”*

Dedico esse trabalho ao meu pai, José Valmir Rosa (In memoriam) e a ancestralidade Xokó.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a mãe natureza que me concedeu o privilégio de realizar meus projetos. A minha ancestralidade encantada, que me fortalece todos os dias, a cada novo desafio, por ter nascido na terra dos Aramurus, por ser uma Xokó. Aos meus pais, que me deram base para ser a mulher que sou. Agradeço também aos Canicor, com os quais me sinto em obrigação; aos meus ancestrais que aqui moraram, que foram expulsos tantas vezes do seu lugar, como os meus bisavós, Zefinha e João Canicor (In memoriam); sinto-me honrada em fazer parte desse tronco familiar, índios, caboclos, sertanejos pobres, que eram obrigados a negarem as origens indígenas; morreram sem fazer a viagem de volta à sua terra, mas acredito que de algum lugar eles estão honrados, pois seus descendentes retornaram e retomaram, não só a terra, mas também a essência indígena. Gratidão a eles. Ao meu Orientador, o Professor Ugo Maia, o mestrado era um sonho e ele contribuiu para que isso tornasse realidade. A orientação é essencial no processo, obrigada professor, por compartilhar comigo um pouco do seu vasto conhecimento. Gratidão às minhas duas filhas e ao meu filho, que estou a gestar, foi também por eles que resgatei esse sonho. Ao meu esposo, Paulo Junior, que com tanta paciência me ajuda no processo de tornar as coisas menos árduas, saíamos com chuva pelas madrugadas, a fim de pegar o primeiro ônibus, que passava às 5:00 horas da manhã, em Monte alegre, sem preguiça e sem reclamação, sempre me apoiou em todas as minhas decisões, minha eterna gratidão a ele. A minha família, que me apoia e cuida das minhas filhas, na minha ausência, com paciência e carinho, preenchendo aqueles espaços deixados por mim. A Ana Beatriz, minha sobrinha, que me acolheu em sua casa, onde tive toda a liberdade e acolhimento, durante o período em que se fez necessário estar presencialmente em Aracaju, obrigada Bia. Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFS e aos professores com quem tive contato neste tempo. Ao suporte financeiro disponibilizado pela CAPES. À minha querida turma, onde conheci tantas pessoas boas, que turma maravilhosa, acolhedora, divertida. A minha amiga Ana, como foi importante compartilhar as experiências e vivências com uma mulher forte, bonita, inteligente e humana, como está difícil encontrar pessoas assim. Gratidão a amiga, que o mestrado em Antropologia me deu. Aos meus interlocutores, que com tanta generosidade e simplicidade, abriram as portas dos seus lares e permitiam-me usar gravadores: Frei Enoque, seu Oliveira, Girleno, Herilo, Cristiano, Daniely, o Pajé Jair, Anisio, o Cacique Bá e a tantos outros, que mesmo sem saberem, contribuíram no processo; a todos eles minha eterna gratidão. Agradeço, profundamente, a receptividade com a qual meus parentes de Kariri-Xokó me receberam, fizeram me sentir em casa e acolhida, gratidão ao pajé Júlio Suíra, sua energia

emana muita paz, obrigada pajé. Aos parentes, Tawãã e Nunes, que me concederam entrevistas e a todos aqueles que, ali, me concederam uma boa conversa. Gratidão. Não poderia deixar fora dos meus profundos agradecimentos a professora Beatriz Góis, com a qual tive uma única vez, para uma entrevista, agradeço por essa e por tudo que fez pelos Xokó; sem dúvidas, seus estudos e pesquisas clarearam os caminhos, antes escuros, dos caboclos da Caiçara; gratidão professora. Agradeço, mais uma vez, a Deus pelo discernimento, calma e paciência na jornada. Toda caminhada é difícil, toda caminhada causa exaustão, desânimo e vontade de recuar, mas é com a ajuda de pessoas, como as citadas acima, que conseguimos levar um sonho adiante, são pessoas como essas que transformam o mundo, que faz seu papel no mundo. Obrigada, pessoas humanas e não humanas. E por fim, agradeço profundamente aos meus encantados, que a todo momento sinto-os presentes, me auxiliando e me guiando. Obrigada, senhor, por conceder a graça de estar vivendo e realizando tudo isso.

## RESUMO

A presente proposta tem como objetivo apresentar as retomadas da Caiçara e Ilha de São Pedro, realizadas entre as décadas de 1970 e 1980, como parte fundamental do processo contemporâneo de renascimento cultural dos índios Xokó, implicando em retomadas de costumes, hábitos e de elementos da organização social. A retomada territorial passa a ser um fator fundamental, que marcou a vida dos Xokó e determinou o futuro dos “caboclos da Caiçara”, que a partir de então se identificariam como índios. Retomar para os Xokó é pegar algo que lhes fora roubado, é tomar para si aquilo que, por direito, lhes pertencem e lhes fora negado<sup>1</sup>. Mas também é categoria nativa que articula, direitos, mobilização coletiva, história, ritual e cultura (Andrade, 2019) e dessa forma apresentaremos os processos de retomada territorial, momento que é caracterizado pela reconquista das terras da Caiçara e Ilha de São Pedro, e retomada cultural, quando os “caboclos da Caiçara” passam a se identificarem como Xokó, resgatam suas tradições, passam a praticar o toré, até então, proibido pelos proprietários da terra, e resgatam o Ouricuri, que também era uma prática proibida. O resgate do Ouricuri provocará outras mudanças na vida cultural dos Xokó de Sergipe. Nos processos de (re)constituição, a busca pelos mistérios não revelados, em 2003 a revelação do cacique da Natureza (cacique Bá), vai provocar o renascimento Cultural dos Xokó, nascia na serra do Surubim o cacique da natureza; e renascia os Xokó com forte sentimento ancestral. Naquele dia ouviam-se gritos da alma ancestral, sufocada pelas pressões genocidas, marcando assim uma nova era na história dos Xokó, ali, começava a se reconfigurar, enquanto povo, a ressignificar tudo que havia adotado por cultura e tradição em 1979. Por essa razão, podemos falar que a revelação do Cacique pode ser vista como a última fase das retomadas, que é quando os Xokó retomam a essência indígena. São essas reconquistas, na forma de retomadas, que determinaram o renascer cultural do povo Xokó.

**Palavras-chave:** Retomada. Renascimento cultural. Povo Xokó. Identidade. Reconstituição.

---

<sup>1</sup> Segundo Daniela Alarcon, “as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas e que se encontravam em posse de não-índios”. (ALARCON, 2013, p.23).

## ABSTRACT

This proposal aims to present the recovery of caiçara and Ilha de São Pedro, carried out between the 1970s and 1980s, as a fundamental part of the contemporary process of cultural rebirth of the Xokó Indians, implying the recovery of customs, habits and elements of the social organization. The territorial recovery became a fundamental factor that marked the lives of the Xokó and determined the future of the “caboclos of Caiçara”, who from then on would identify themselves as Indians. To return to the Xokó is to take something that was stolen from them, it is to take for themselves what rightfully belongs to them and was denied to them. But it is also a native category that articulates rights, collective mobilization, history, ritual and culture (Andrade, 2019) and in this way we will present the processes of territorial recovery, a moment that is characterized by the reconquest of the lands of Caiçara and São Pedro Island and resumption cultural, when the “caboclos of Caiçara” began to identify themselves as Xokó, they rescued their traditions, began to practice the toré until then prohibited by the land owners, and rescued Ouricuri, which was also a prohibited practice. The rescue of Ouricuri will bring about other changes in the cultural life of the Xokó of Sergipe. In the processes of (re)constitution, the search for unrevealed mysteries, in 2003 the revelation of the chief of Nature (chief Bá) will provoke the Cultural rebirth of the Xokó, the chief of nature was born in the Serra do Surubim; and the Xokó were reborn with a strong ancestral feeling. That day one could hear screams of the ancestral soul suffocated by genocidal pressures, thus marking a new era in the history of the Xokó, there it began to reconfigure itself as a people, to give new meaning to everything it had adopted as culture and tradition in 1979. For this reason, We can say that the Cacique's revelation can be seen as the last phase of the recovery, which is when the Xokó regain their indigenous essence. It is these reconquests, in the form of retakes, that determined the cultural rebirth of the Xokó people.

**Keywords:** Resumption. Cultural renaissance. Xoko people. Identity. Reconstitution.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1:</b> Localização da terra indígena Caiçara/Ilha de São Pedro.....                                       | 14 |
| <b>Figura 2:</b> Aldeias indígenas em Sergipe no século XIX .....   | 15 |
| <b>Figura 3:</b> Aldeia indígena Xokó imagem de drone.....  | 16 |
| <b>Figura 4:</b> Ilha de São Pedro.....   | 17 |
| <b>Figura 5:</b> .....  | 18 |
| <b>Figura 6:</b> .....  | 18 |
| <b>Figura 7:</b> .....  | 19 |
| <b>Figura 8:</b> Caminhada Da Resistência/Acervo pessoal.....   | 19 |
| <b>Figura 9:</b> Na igreja também se dança toré.....  | 20 |
| <b>Figura 10:</b> setembro de 2023.....   | 20 |
| <b>Figura 11:</b> População da ilha de São Pedro/ aldeia Xokó.....  | 38 |
| <b>Figura 12:</b> Família não indígena e família Xokó formada por cônjuge e filhos não indígenas.....               | 44 |
| <b>Figura 13:</b> Paieta, instrumento que dá acabamento nas panelas de barro por dentro.....                        | 45 |
| <b>Figura 14:</b> Damiana Xokó; única ceramista na ativa.....   | 48 |
| <b>Figura 15:</b> Como se veste e como se vestiam os Xokó nas festas tradicionais.....                              | 66 |
| <b>Figura 16:</b> Padroeiro dos Xokó.....   | 78 |
| <b>Figura 17:</b> Festa do padroeiro São Pedro.....   | 78 |
| <b>Figura 18:</b> A igreja também serviu de morada para os Xokó em 79.....  | 79 |
| <b>Figura 19:</b> A história da retomada Xokó começava a tomar os jornais do país.....                              | 80 |
| <b>Figura 20:</b> Recortes de jornal: a Igreja católica denuncia a omissão das autoridades em favor dos Britos..... | 82 |
| <b>Figura 21:</b> Transformação do índio em caboclo e deste em Xokó.....  | 84 |
| <b>Figura 22:</b> Reisado e o samba de coco, diversão dos caboclos da Caiçara.....                                  | 88 |
| <b>Figura 23:</b> Samba de coco: Diversão dos caboclos da Caiçara/acervo frei Enoque.....                           | 89 |
| <b>Figura 24:</b> Recorte de Jornal. Acervo frei Enoque.....  | 91 |
| <b>Figura 25:</b> Entrada na Ilha de São Pedro, 1979.....   | 91 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 26:</b> A geração dos Xokó no olhar de frei Enoque.....                  | 97  |
| <b>Figura 27:</b> Acervo pessoal Frei Enoque.....                                  | 99  |
| <b>Figura 28:</b> Momento em que os caboclos da Caiçara cercam a ilha em 1978..... | 101 |
| <b>Figura 29:</b> Ocupação da ilha de são Pedro.....                               | 102 |
| <b>Figura 30:</b> Frei Enoque na festa do padroeiro Xokó.....                      | 105 |
| <b>Figura 31:</b> Cemitério dos caboclos.....                                      | 110 |
| <b>Figura 32:</b> Cacique Bá setembro de 2022.....                                 | 123 |
| <b>Figura 33:</b> O gavião como símbolo de força para os Xokó.....                 | 128 |
| <b>Figura 34:</b> O Cemitério dos caboclos.....                                    | 136 |
| <b>Figura 35:</b> Caminhos que levam ao passado.....                               | 138 |
| <b>Figura 36:</b> Pedras que dão pistas sobre o passado.....                       | 139 |
| <b>Figura 37:</b> Cruzeiro no centro do cemitério dos caboclos.....                | 140 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>21</b>  |
| <b>2. CAPÍTULO I.....</b>  | <b>35</b>  |
| <b>CAPÍTULO I: RESISTIR PARA EXISTIR.....</b>                            | <b>36</b>  |
| 2.1. Organização social da aldeia Xokó.....                              | 36         |
| 2.2. Xokó e a relação com os não indígenas.....                          | 42         |
| 2.3. Da paieta à Caneta: de mães ceramistas a filhas universitárias..... | 45         |
| 2.4. Renascimento da cultura Xokó.....                                   | 56         |
| 2.5. Toré Dos Xokó.....  | 60         |
| <b>3. CAPÍTULO II.....</b>   | <b>61</b>  |
| <b>CAPÍTULO II – Ilha de São Pedro Terra de Missão.....</b>              | <b>68</b>  |
| 3.1. De Caboclos a Xokó.....   | 84         |
| 3.2. A Retomada do Território Xokó.....                                  | 100        |
| 3.3. Frei Enoque: o Frei dos índios.....                                 | 105        |
| <b>4. CAPÍTULO III.....</b>  | <b>109</b> |
| <b>CAPÍTULO III – Na busca dos mistérios não revelados.....</b>          | <b>110</b> |
| 4.1. O Ouricuri: De volta a terra de Itamariná.....                      | 110        |
| 4.2. Última fase da retomada Xokó: maio de 2003.....                     | 119        |
| 4.3. Jurema: o alimento da Fé.....                                       | 129        |
| 4. Os Xokó e a natureza pós revelação.....                               | 134        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                      | <b>143</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                | <b>146</b> |
| <b>7. APÊNDICES.....</b>   | <b>152</b> |



## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA ETNOGRÁFICA



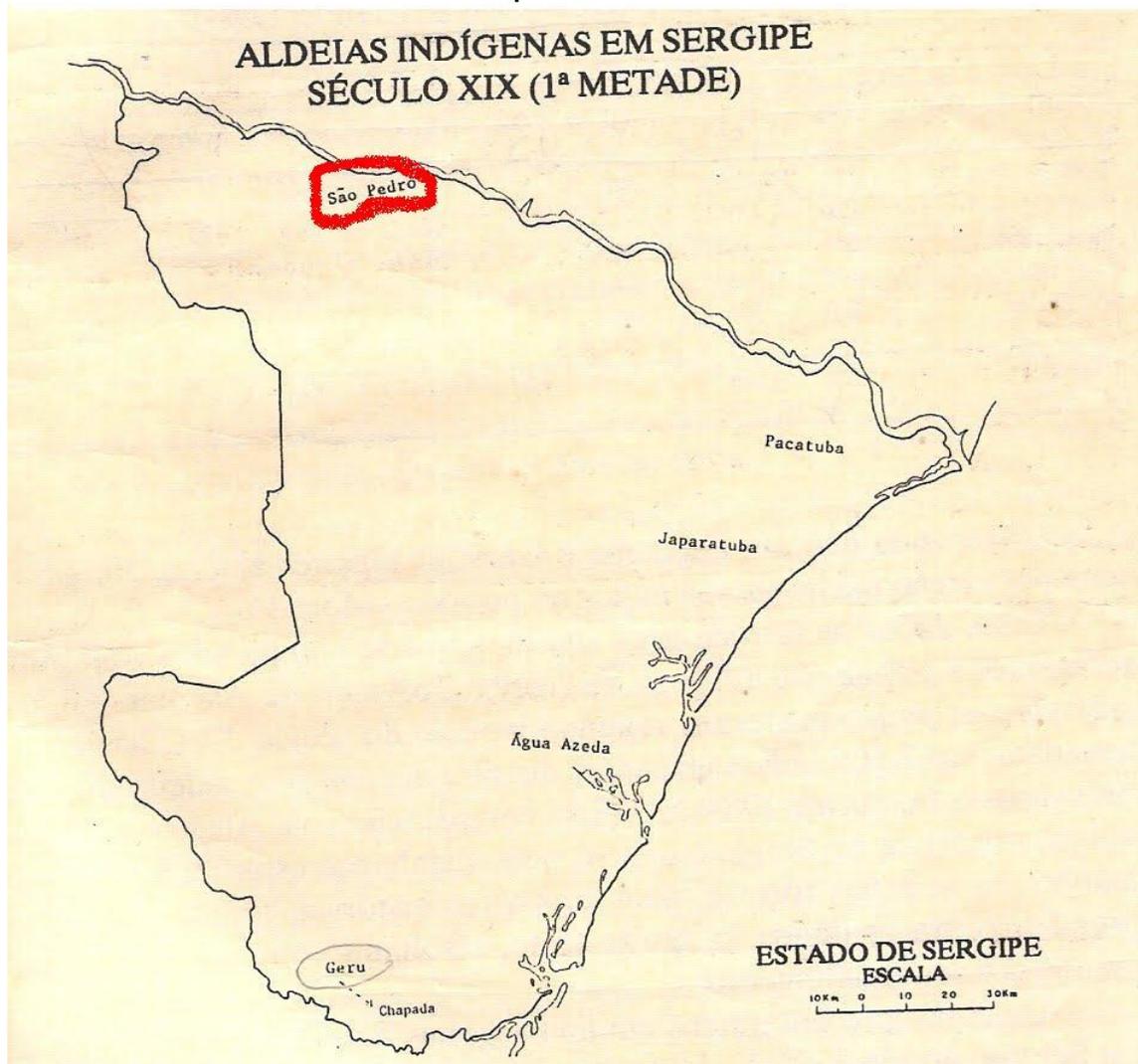
**Figura 1:** Localização da terra indígena Caiçara/Ilha de São Pedro

Fonte: Caiçara/Ilha de São Pedro - Google Maps<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/Cai%C3%A7ara%2FIlha+de+S%C3%A3o+Pedro,+Porto+da+Folha+-+SE,+49800-000/@-9.8181722,-37.3865227,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x70f5a2643c8a3bd:0xf439d15b5c6b6a31!8m2!3d-9.8233315!4d-37.3843932!16s%2Fg%2F11g6rnm8c\\_?entry=ttu](https://www.google.com.br/maps/place/Cai%C3%A7ara%2FIlha+de+S%C3%A3o+Pedro,+Porto+da+Folha+-+SE,+49800-000/@-9.8181722,-37.3865227,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x70f5a2643c8a3bd:0xf439d15b5c6b6a31!8m2!3d-9.8233315!4d-37.3843932!16s%2Fg%2F11g6rnm8c_?entry=ttu)> . Acesso em: 20 mar. 2024.

## Mapa



**Figura 2:** Aldeias indígenas em Sergipe no século XIX

Fonte: Mais história: Índios de Sergipe - Xócos ([jfmhistoria.blogspot.com](http://jfmhistoria.blogspot.com))<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://jfmhistoria.blogspot.com/2011/10/cultura-tupi-garani-em-sergipe.html> >. Acesso em: 20 mar. 2024.

## IMAGENS DA ALDEIA XOKÓ

**Figura 3:** Aldeia indígena Xokó imagem de drone



Fonte: Instagram Meu Porto da Folha Diferente

**Figura 4:** Ilha de São Pedro



Fonte: Instagram Meu Porto da Folha Diferente

**IMAGENS DO TRABALHO DE CAMPO: SETEMBRO DE 2022 e 2023****Figura: 5**

Fonte: Fotos da autora

**Figura: 6**

---

<sup>4</sup> Todas as imagens presentes em tal trabalho, são de autoria da autora da dissertação com exceção das páginas 16 e 17. As fotos do acervo de frei Enoque foram fotocopiadas pela mesma.



Fonte: Fotos da autora

**Figura: 7**



Fonte: Fotos da autora

**Figura 8:** Caminhada Da Resistência/Acervo pessoal



Fonte: Fotos da autora

**Figura 9:** Na igreja também se dança toré



Fonte: Fotos da autora

**Figura 10:** setembro de 2023/fotos da autora



Fonte: Fotos da autora

## INTRODUÇÃO

Dissertar sobre uma temática que envolve tantos percursos e discursos, parece-me desafiador, ainda mais, por ser pertencente ao povo em questão. No início dessa escrita fui cercada por medos e receios, a cada leitura que fazia, vinham novas descobertas, as experiências que vivencio no transcorrer de tal trabalho transcendem, sem dúvida, as minhas expectativas. São experiências que na ingenuidade do início dos trabalhos etnográficos, foram desafiadoras; no passar de águas, no resgatar de memórias, no ouvir vozes que participaram e viveram a vida dos caboclos, vi que estava sendo imersa em realidades que não conhecia, embora fazer parte do meu campo de estudo, fazer dos meus conhecimentos inessenciais<sup>5</sup> foi essencial, distanciar-me do meu objeto foi fundamental para continuar meus trabalhos no campo e, posteriormente, no desenvolvimento da escrita.

Falar sobre a retomada da terra e o renascer dos Xokó, para a cultura e identidade, é instigante. Caminhar nos rastros da história para fazer a melhor análise, possível, do processo de reconstituição da identidade Xokó é meu dever enquanto indígena pertencente ao grupo em questão. As “retomadas” são processos que se iniciaram entre os Xokó no final dos anos 70, em que os indígenas buscavam reocupar seus antigos territórios. As retomadas da Caiçara e ilha de São Pedro, realizadas entre as décadas de 1970 e 1980, marcam possivelmente o pioneirismo Xokó nas retomadas indígenas no Brasil. A retomada territorial será parte fundamental do processo contemporâneo de renascimento cultural dos Xokó.

Meu interesse pela temática sempre esteve nos trabalhos conclusivos: desde a graduação, segui com a mesma temática, assim como nas duas especializações que realizei. A história dos Xokó é igual a uma teia<sup>6</sup> onde cada entrelaçamento de fios, a amarração de um dado momento, cada linha dessa teia um Xokó que, fio a fio, foram formando uma grande teia, sendo tecida por suas mãos, teias que reescrevem suas histórias, sua identidade, suas vidas, lutas e vivências; a nova identidade dos caboclos da Caiçara, muda a vida deles, que passam por um longo processo de construção e reconstrução de sua cultura.

---

<sup>5</sup> Inessencial no entender da autora é fazer dos conhecimentos de quem é o campo, no caso eu que sou indígena, não essencial, “dispensável”.

<sup>6</sup> Para Geertz o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e, a cultura, seria essas teias e a sua análise. Em suma, “a antropologia não seria uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa à procura do significado” (GEERTZ, 1978, p.15).

Segundo Grunewald, a presença indígena no Nordeste em 1920-1930, pontuava basicamente aos Fulniô, Potiguara e Pankararu (Grunewald, 2005, p.17). No entanto o que vamos perceber no decorrer dos últimos anos é o ressurgimento de novos grupos indígenas, considerados pelo Estado como extintos em todo o Nordeste brasileiro. Em 2010, as TIs (Terras Indígenas) na região Nordeste somavam cerca de cem, 1/3 delas na Bahia. Em 2016, só neste Estado serão 62 Terras Indígenas. Em 20016, PI e RN apresentam, respectivamente, três e oito Terras Indígenas. Alagoas tem cerca de 30, Ceará e Pernambuco contam com 20, Sergipe com 2 e Paraíba com 6, totalizando junto com a Bahia, aproximadamente, 150 TIs. (Carvalho; Andrade,2017).

O mapa geográfico brasileiro vai sofrer alterações devido a esse novo cenário, mas não só ele, com as retomadas, o ressurgir de novos/velhos povos, com características muito diferentes, não só físicas, mas também culturais, em relação às que eram habitualmente atribuídas aos povos indígenas naquele contexto, sendo assim, provocará mudanças na forma de ver e se pensar os indígenas e novos discursos vão surgir. “No Nordeste, depois de terem ocultado sua condição de índios ou de terem assumido a identidade de caboclos, etnias indígenas têm ressurgido nas duas últimas décadas. A recuperação da identidade étnica se faz junto com as reivindicações pela posse de terras. Mas a identidade étnica não se reduz à dimensão territorial. Ela implica a reelaboração de tradições específicas de diferenças, que estabeleçam o contraste com os demais grupos com os quais interagem e que atribuem sentido ao seu viver. Ser índio é o modo de identificação social e o social não se define pelo biológico”. (Dantas, 1997, p.08)

A tradição, então, surge como fator que determinará se um povo é indígena ou não, os hábitos nativos, costumes e torés. Era preciso cultura e tradição para aqueles que se diziam índios terem o seu reconhecimento concretizado, precisava a adoção de práticas que os ligassem aos nativos, um exemplo disso é o toré. “O toré passa a ser praticado na medida em que eles acreditavam que o toré era a conscientização de que eles eram índios”. (Grunewald, 2005, p. 17). O SPI passa a ver o toré como determinante para um indivíduo ser índio ou não, e o conseqüente reconhecimento da indianidade. Tais fatores sendo exigidos, diversos povos passam a buscar práticas, que eles consideravam tradicionais e próximo ao que acreditavam ser, de fato, do índio. Partindo desse contexto e do espaço que encontraram no cenário brasileiro para fazerem suas reivindicações, diversos povos vão surgir no cenário nacional.

Para Hobsbawn, muitas vezes, "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. "Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado". (Hobsbawn 1997, p. 9)

Partindo dessas análises, buscarei demonstrar esses processos de construção, desconstrução e reconstrução da indianidade Xokó. A retomada territorial é a parte fundamental e essencial nos processos que teria provocado o reflorescimento dos povos tradicionais em Sergipe no final dos anos 70, questão morta e esquecida no estado desde o século XIX. Os Xokó retomarão a terra, mas não só: eles passarão a ter uma identidade definida, identidade indígena que possibilitará aos Xokó diversas outras retomadas que eles entendiam como suas, da cultura, da tradição, do toré, do Ouricuri e da existência enquanto sujeitos, etnicamente, diferenciados dos demais ribeirinhos.

A TI Xokó está localizada no estado de Sergipe, no município de Porto da Folha, à margem direita do Rio São Francisco. O território indígena é composto por duas áreas: a ilha de São Pedro (96,75 ha), onde reside a maioria dos Xokó, e a Caiçara (4.316,7768 ha), parte continental onde ficam as roças e onde se realiza o ritual sagrado do Ouricuri. Os índios Xokó habitam esse território, desde os primórdios, com os processos de esbulho do Território tradicional, por parte de fazendeiros, passam a viver na caiçara com a denominação de caboclos, a partir daquele contexto que remonta o final do século XIX, os indígenas passam a ser conhecidos como caboclos da Caiçara, vivendo ali até fins dos anos 70, quando finalmente vão começar os processos da retomada da terra e a reconstrução da identidade indígena.

O presente trabalho é dividido em 3 capítulos, que estão subdivididos em partes: o primeiro capítulo ficou com cinco subtemas, os demais ficaram com 4 (quatro) em suas divisões internas. Na parte I do 1º capítulo; resistir para existir, traz uma abordagem dos Xokó na atualidade, bem como sua organização política/social e seus desafios para se manterem enquanto povo etnicamente diferenciado. O desenrolar do capítulo parte de uma visão enquanto pesquisadora, mas principalmente enquanto Xokó, que me coloca em um lugar privilegiado enquanto acadêmica, por entender os aspectos minuciosos de tal povo, falaremos também dos desafios atuais que o grupo indígena vem enfrentando, tanto no que concerne às políticas

públicas, como os desafios da convivência e relacionamentos com os não indígenas. O capítulo traz também a mudança de profissão da mulher Xokó, assim como os torés que são produzidos pelos Xokó e que são mudanças fruto da revelação do cacique da Natureza.

No 2º capítulo; Ilha de São Pedro Terra de Missão, pretendo fazer uma abordagem historiográfica sobre a ilha de São Pedro, quando era habitada por frades responsáveis pela catequese dos nativos que ali viviam. Esse tópico ainda aborda a construção da missão de São Pedro do Porto da Folha, os processos de esbulho do território tradicional, o último frade capuchinho e a sua relação com os indígenas, além da transformação do índio em caboclo e as leis que favoreciam a expropriação da Terra e a consequente expropriação identitária.

Outro ponto a ser destacado são as movimentações que levarão às retomadas e a transformação do Caboclo em Xokó, assim como, a extinção da diretoria do índio de Sergipe em 1853, a negação do Estado sobre a presença de índio e o aparecimento da categoria caboclo e mestiço. Será uma abordagem em que o Estado aparece como um financiador da extinção dos índios a fim de favorecer a elite local. No século XIX não se falava mais em índios em Sergipe, falava-se de mestiços em meio à população, os caboclos da Caiçara possivelmente tenham surgido nesse contexto, a nomenclatura índia é sucumbida pelo coletivo caboclo, para designar sujeitos misturados e, portanto, sem direito à terra (Dantas, 1997).

No contexto da retomada Xokó no final dos anos 70 haverá o reaparecimento do índio em Sergipe, as questões relativas aos Xokó passam a ganhar a mídia local sobre a situação dos “descendentes”, na época, como falavam nos noticiários na ilha de São Pedro. Nesse momento haverá a substituição de caboclos da Caiçara por índios da ilha de São Pedro, voltando às suas velhas formas, aquela que os coletivos que lhes foram criados não foi suficiente para transformar caboclos em brancos, mas destes em índios Xokó e se vendo na possibilidade de retornarem, assim fazem, voltando a se imaginarem enquanto sujeitos, etnicamente, diferenciados do restante da população ribeirinha.

Por fim o capítulo 2º termina trazendo uma abordagem sobre o frei Enoque, o frei dos índios, aqui será mostrada a trajetória do frei no sertão, bem como seu primeiro contato com os indígenas. Frei Enoque foi um grande motivador da luta de retomada das terras e participou ativamente no processo de reconstituição da identidade Xokó.

No 3º e último capítulo, abordaremos um dos momentos considerados pelos Xokó como o mais importante em sua história contemporânea. O capítulo leva o nome, na busca

dos mistérios não revelados. É um capítulo que mostra a busca dos Xokó de Sergipe pelos conhecimentos do sagrado Ouricuri e a conseqüente revelação do Cacique da Natureza, ocorrida em 03 de maio de 2003, onde segundo os Xokó irá proporcionar mudanças nas estruturas locais da aldeia, tanto no que diz respeito aos assuntos políticos, quanto culturais e religiosos. A revelação do cacique da Natureza ocorrido em 3 de maio de 2003 é um marco histórico, uma vez que, tal revelação traz novas visões em relação à cultura e as práticas ritualísticas, entre outros fatores que possibilitarão uma transformação. Se as retomadas trouxeram território e identidade indígena aos Xokó, o 3 de maio trouxe a essência indígena.

A comunidade passa a olhar para seus hábitos com outro olhar, passa a ter uma relação íntima com a natureza e passa a acreditar nos encantados. "Decifrar as formas rituais e descobrir o que gera as ações simbólicas pode ser mais próximo de nosso crescimento cultural do que nós supusemos" (Turner, 1975a: 31). O capítulo proporcionará uma descrição do momento da revelação do Cacique, vista e entendida por mim como a última etapa das retomadas Xokó. O capítulo segue com uma abordagem sobre a importância da Jurema nos rituais do Ouricuri, é importante ressaltar, que a jurema vai ser introduzida na aldeia Xokó a partir de 1993, sendo efetivado o seu uso nos rituais sagrados em 2003 depois da revelação do cacique. Por fim, o capítulo encerra fazendo uma abordagem sobre o relacionamento entre Xokó e natureza após a revelação do cacique, implicando em mudanças na visão em relação ao antigo cemitério dos Caboclos.

A retomada ocorrida em setembro de 1979 provocará mudanças na forma de se organizarem e se reconhecerem desse povo, que até aquele momento eram Caboclos, novas manifestações culturais são pensadas e buscadas a fim de legitimarem as suas reivindicações, como se voltasse no tempo, retornam para aquele ponto, onde ainda eram indígenas, pegam a caneta e continua a escrever suas histórias, histórias ceifadas e abortadas pelas políticas públicas do Estado, voltam eles como se um século fora uma noite, pega aquela caneta e recomeça aquele escrito, escrito de suas vidas e vivências. A retomada traz terras para os indígenas de Sergipe, traz também dignidade, identidade e existência.

Por fim, apresentarei todo o trabalho que foi fruto de pesquisas bibliográficas de campo e observação participante. Foram pesquisas que levaram meses para ficarem prontas, no entanto, espero que esteja um trabalho etnográfico sobre o povo Xokó consistente e coerente. É a etnografia dos Xokó de Sergipe, do ressurgimento dos índios em Sergipe em 1979 ao renascimento cultural em 2003. Contextualizando as lutas de retomada, primeiro da terra, depois da identidade e posteriormente o Ouricuri, esse último vai desencadear a revelação do

primeiro Cacique, do qual chamam de Cacique da natureza, reconheço nesse evento o Renascimento cultural. Então, maio de 2003 pode ser considerado a última fase da retomada Xokó, isso devido a todos os fatores políticos, simbólicos, culturais e religiosos que o evento representa para o povo em questão.

Quem foi que disse que o rio morre ao encontrar o mar? O rio procura o mar para desaguar e infinito se tornar. Igual aos caboclos da caiçara, a procura da sua raiz, pra se tornar raiz. um dia dormiu índio acordou caboclo, adormeceu caboclo, despertou índio Xokó, nunca mais morrerá. O reencontro aconteceu. A retomada proporcionou outros reencontros, agora com a ancestralidade indígena, a fusão do caboclo com o Xokó os tornou infinito. As águas procuram seu curso, e não descansam até encontrar o mar e nele desaguar, cada lei, ou fazendeiro são pedras, os caboclos passaram por elas, passaram por todas elas, encontrou o que se encantou e infinito se tornou. Os Caboclos antes índios, agora Xokó na busca por sua ancestralidade, ancestrais se tornaram. (Ianara Apolonio Rosa)

## **Estar no campo/ Ser o campo**

Minha trajetória de campo dar-se-á início no dia 23/07/2022, onde juntamente com a minha colega de mestrado, Ana, nos dirigimos até a casa da senhora Creuza, para Ana se apresentar e, conseqüentemente, mostrar a proposta dos seus trabalhos. Naquele momento fui para acompanhar a amiga, mas acabei me colocando naquele espaço, não só como parte do grupo que a Ana estudava, mas como pesquisadora também. Naquele alpendre se encontravam 6 (seis) pessoas, comigo e a Ana éramos 8 (oito).

Naquele primeiro contato percebi os caminhos que teria que percorrer. Entre conversas, risadas e cantoria, as memórias daquelas mulheres iam surgindo, aquelas vozes expuseram suas angústias dos dias vividos em meio às incertezas. Das 16h às 18h visitamos o passado em comum delas. Foram relatos impulsionados pelas memórias delas que no decorrer da tarde iam puxando acontecimentos da retomada que marcaram suas vidas, *“foram seis meses vivendo ao relento, embaixo das árvores”*, relatou uma das entrevistadas. As histórias foram contadas e cantadas por elas.

Os trabalhos de campo continuaram naqueles dias em que Ana esteve na ilha. No dia 24/07/2022 marquei com o senhor Girleno, para uma entrevista, e na hora marcada lá estávamos nós, falei a ele do tema da minha pesquisa e o quanto seria proveitosa e essencial aquela nossa conversa. Girleno conhece a história do seu povo. Já era tardezinha, embaixo do tamarineiro, aos sons dos pássaros e das muriçocas começamos nossa conversa, entender os processos que levaram os Xokó a entrarem em questão, sua forma de vida na Caiçara na posse dos Britos, são experiências que leitura não seria suficiente, a experiência de campo é essencial para conhecermos os processos da reconstrução da identidade do meu povo.

Nesse primeiro contato com a história, pude perceber o quão complexa foi o processo de luta dos Xokó, desde a descoberta do vínculo com a ancestralidade nativa, que habitou a terra Caiçara, ao despertar para lutar contra uma família de grande poder do baixo são Francisco, pelo que se pôde observar, os habitantes da Caiçara foram tomados por medo, certezas e incertezas dos caminhos que, a partir da decisão de começar ou não, o processo de se reconhecerem como indígenas e as consequências que se desencadeariam com essa decisão: quebrar o ciclo de mandonismo imposto pela família Brito, a luta pela retomada das terras e da identidade indígena, processos que os mesmos já entendiam como difíceis e dolorosos.

Atualmente, devido algumas poucas vantagens que o indivíduo identificado e reconhecido tem, vem provocando movimentações na aldeia, quanto a autoidentificação de

muitas pessoas, que se declaram pertencentes ao grupo Xokó. Isso vem trazendo muitas reivindicações por parte de **não indígenas**, embora tenham morado na Caiçara, ou nas terras Belém não significa serem Xokó. Segundo Dantas, Ser índio é o modo de identificação social e ser reconhecido por um povo. (Dantas, 1997, p. 08). No que tange o reconhecimento da identidade indígena, entre os Xokó, as retomadas são fatores determinantes para tal, para o indivíduo obter esse reconhecimento ele tem que ter participado da retomada ou seus parentes diretos, pai ou mãe.

As retomadas foram lutas que nem todos os descendentes de Xokó quiseram comprar com a família poderosa do baixo São Francisco. Então, para os Xokó de Sergipe as retomadas e a participação do indivíduo nelas são as chaves para dizer quem mora ou não nas terras. Algumas pessoas que participaram da retomada não têm ascendência indígena, ainda assim, o indivíduo é considerado parte da aldeia e inclusive participa das práticas ritualísticas destinadas apenas aos indígenas, como o Ouricuri.

Ser Xokó é ter morado na Caiçara, mas não só, o indivíduo tem que ter participado das lutas. Ser indígena é ser reconhecido pela aldeia, é ter relações com a mesma e ser aceito por ela. Os caboclos da Caiçara lutaram pela terra, pelo reconhecimento, luta longa e dolorosa, desacreditados, acabaram por obter pouco apoio, apenas aquele induzido pela igreja católica. A aldeia vivencia experiências novas e que são vistas como indesejadas e negativas para as estruturas locais. Esse incômodo advém de ciúmes e uma forte disposição para a luta presente no povo Xokó, devido à luta como supracitado ter sido difícil, isso reflete no dia de hoje, e a cada pessoa que chega na aldeia dizendo que é Xokó, causa desconforto e tumulto na mesma e entre seus pares.

Em um Sábado, dia 22 de julho de 2023, três pessoas chegaram na aldeia alegando ser parte dela. A aldeia ficou em alvoroço, as pessoas com mais de 78 anos nunca havia os vistos, nunca tinham ouvido seus avós falarem de tal família, rapidamente uma mobilização ocorreu na aldeia juntando todos na igreja. O questionamento era: De que aldeia vocês são? Porque daqui vocês não são. Rapidamente os sujeitos acharam de se explicar, no entanto, as explicações não respondem aos questionamentos dos Xokó. No domingo, dia 23, as referidas pessoas que se diziam Xokó foram embora. Tentei conversar com o senhor mais velho, mas não obtive sucesso, uma vez que devido ao clima gerado, na noite anterior, eles não queriam mais tocar no assunto. Posteriormente, a aldeia ficou sabendo que se tratava de cariocas que pretendiam criar um elo com os Xokó, alegando relações ancestrais com eles. Ressalto, mais uma vez, que para

tal povo a participação na retomada da terra é um fator determinante para o reconhecimento da indianidade, é ela que dirá se você é Xokó ou não.

Entendo nesse comportamento, não apenas uma proteção do espaço da terra, a proteção maior é pelo nome Xokó, é pela identidade que eles retomaram. Como o caso relatado acima, muitos outros têm ocorrido, é sempre comum em notas nas redes sociais, sujeitos que se dizem Xokó moradores da ilha, quando na verdade não são, já se tem conhecimento de sujeitos que dão palestras nas universidades, alegando serem Xokó de Porto da Folha, sem ao menos terem morado aqui. Quando é de conhecimento, sempre se busca uma maneira de desfazer os equívocos dos falsários. Ser Xokó está no cotidiano, na luta diária, a luta não acabou com a retomada ocorrida em 70 e 80, a luta é constante, a luta é para manter, e manter uma tradição em meio a tantos desafios que só a ameaça, é a luta mais forte. Ser Xokó é lutar pelo Ouricuri, é lutar pela ordem da aldeia, é acreditar e lutar ao lado do seu povo, é acreditar que nossa luta é uma só, é a luta pela existência.

Setembro de 2022, a aldeia está em festa, comemora-se a retomada da terra. Uma festa que é pensada o ano todo. Em um dia, aquelas preparações de um ano se dissolvem em poucas horas, agitações, danças e visitantes. A aldeia fica em euforia, não há um só ano que os problemas não se repitam, parece um ensaio ao espetáculo, algo que também tem que fazer parte do grande evento. É a falta de água, de limpeza das ruas, da igreja, é problemas que vem da organização da festa, ou a falta dessa organização que muitos reclamam, todos os anos esses mesmos problemas são discutidos e todos os anos tudo se repete na mesma sequência, a história não serve aos Xokó de exemplo, e todo ano essa grande festa é marcada com turbulência nos bastidores, mas no final entregam uma festa cultural linda, onde a resistência é a grande marca, cheia de cultura, ritual e tradições, onde a juventude se prepara para dançar, as mulheres com seus mais lindos adereços e vestes, crianças e idosos vão a realização da festa tão esperada e tão aguardada.

Ali no lugar chamado vagem<sup>7</sup>, que já foi propriedade de todos, onde aproveitavam a fertilidade do solo devido à proximidade das lagoas, acomoda a ansiedade do povo Xokó, que aguarda aqueles que foram ao encontro da natureza. No horizonte surge os guerreiros guiados pelo pajé, o pajé os leva ao encontro da multidão que os esperava, todos se cruzam e se

---

<sup>7</sup> Vagem como é chamado pelos Xokó fica localizado na Caiçara, e já foi dividida em lotes entre eles para plantações, uma vez que em enchentes e chuva forte o lugar se torna propício. O sentido etimológico da palavra várzea designa algo informal, muitas vezes baixo nível, sem muita estrutura ou apoio, seja em relação a profissionais ou ao campo.

misturam. O Pajé e Cacique guiam a multidão, todos rumam a Ilha de São Pedro, a terra da antiga missão, lindos torés são puxados, deixando claro que não se trata apenas de uma festa, de uma tradição, mas de um ritual em que a força da ancestralidade e da natureza é sentida, não apenas pelos Xokó, o visitante que está ali, também, é contemplado pela força que o toré e ritual trazem para a aldeia.

Na comunidade estudantes, professores e visitantes aguardam com ansiedade aqueles que um dia representaram os únicos indígenas de Sergipe, aqueles que em setembro de 79 retomavam à ilha de São Pedro, fazendo ressurgir uma questão que parecia morta no estado Sergipano: os povos indígenas. A festa segue para o centro da aldeia, uma bandeira no centro, um pote com jurema recebe a força dos encantados e daqueles que ainda não se encantaram. A festa é repleta de simbolismo, o pajé pega a água da jurema e abençoa a todos que ali estão. A jurema é a bebida sagrada, onde o indígena acredita que por meio dela, recebe a cura, e portas são abertas, a partir do contato com ela, pois o elo com os ancestrais Xokó são fortalecidos a partir do contato com a jurema sagrada.

A Cerimônia Segue para dentro da igreja. Parece que a festa da retomada tomará rumos diferentes, a partir do momento que adentram a santa igreja, padres e bispos tomam a dianteira da cerimônia, todos os seguem para dentro do recinto católico, longe de se intimidar, a cultura Xokó permanece ainda mais viva na presença e nos pés de São Pedro, a igreja é tomada por gritos, rituais indígenas e cultos à mãe natureza. E a festa que um dia começou para celebrar a vitória da primeira retomada, hoje representa um ritual na tradição Xokó.

A relação dos Xokó com os preceitos católicos é sem dúvidas fruto de uma construção. As duas formas de crer andam juntas, respeitamos e seguimos o que achamos correto seguir dos ensinamentos cristãos. Foi a igreja que, como uma mãe, abraçou aqueles filhos órfãos de terra. Toda a missa é celebrada respeitando a cultura de tal povo. Na última festividade, realizada em setembro de 2023, chega a hora de rezar o pai nosso, o cardeal sugere que o pai nosso indígena seja cantado, o povo Xokó, então, começou a rezar o pai nosso católico, como música de fundo o pai nosso indígena foi puxado, momento arrepiante, onde as duas crenças se cruzaram, e os Xokó de uma forma simples, mostram que buscamos um mesmo criador, apenas com nomes e jeitos diferentes.

A entrada no meu campo de pesquisa, fez-me despertar para muitos pontos, ora esquecidos na aldeia e que passei a trabalhar com meus alunos na sala de aula. Como sou professora de história (e Xokó), acabei olhando de forma especial algumas tradições e artes do

meu povo, foi o caso da Cerâmica e do reisado, esse último não é tido como tradição indígena, mas como uma manifestação popular no Brasil. No entanto, entre os caboclos da Caiçara, o reisado era uma prática bastante comum, onde a festividade fazia parte dos divertimentos dos Caiçareiros. Pensando nisso, montei um grupo com minhas alunas para fazer uma apresentação nas atividades de final de ano da escola. Em dezembro de 2023 a apresentação ocorreu, naquele dia, o colégio foi tomado por muita comoção, as pessoas idosas, que participaram do reisado da caiçara, ficaram em êxtase. A Antropologia tem me proporcionado, olhar para essas manifestações de uma forma diferente, e não só, enquanto pessoa, passei a enxergar o mundo e seus habitantes de uma maneira diferente e melhor.

Os trabalhos de campo vão encerrar quando entro em contato com os indígenas da aldeia de Colégio-AL, isso vai ocorrer no dia 18/01/2024, foi a data que eles puderam me receber, mas antes de ir a Colégio, fui ao morro do surubim, no dia 17/01 do mesmo ano, lá foi o local em que o Cacique foi revelado, durante o ritual dos Xokó. Descobri, em conversa com o pajé, por acaso, que o morro do Surubim foi o Ouricuri dos antepassados e que lá é um local que tem boas energias, de certo modo, pensei comigo mesma, que havia feito o percurso certo antes de ir até ele, o Pajé Suíra, na aldeia de Colégio. A magia do local é muito grande, muitas pedras, onde o rio São Francisco compõe a paisagem do local, que um dia era apenas passagem que dava acesso a outros povoados, hoje é um local sagrado e protegido pelos Xokó.

Posterior a essa visita, ao morro do surubim, fui para Colégio como citado acima, nunca havia estado lá, nem entre os parentes Kariri-Xocó que lá habitam. Chegamos cedo e fui bastante acolhida pelos parentes, parecia que me conheciam há anos, por onde passava era apresentada com muito entusiasmo aos parentes, conversei com algumas pessoas, meu esposo que me acompanhava, conhece muitas pessoas, então não era a pesquisadora que estava lá, era a parente que estuda e que precisava conversar com os mais velhos. Fiquei aguardando o pajé Suíra terminar suas orações na casa do Cacique Karapotó, Juarez, ele contou-me várias histórias e falou de diversas pessoas que já se foram, a exemplo do meu pai, isso me dava confiança de que estava em um terreno conhecido, e que não precisava temer as histórias que ouviria.

Confesso que devido algumas leituras que fiz, temi ir à sede, que um dia recebeu os Xocó de Porto da Folha, no entanto, em contato com eles entendi que o tempo passa, embora que ainda naquele contexto de reconhecimento tivesse, por parte do Kariri-Xocó, dúvidas sobre a legitimidade de nossas reivindicações (Arruti-da memória Cabocla à indígena; Mota 2005), ainda assim, eles foram companheiros de luta, mesmo com desconfiança, ajudaram na reconstituição da identidade dos Xokó. O Pajé termina suas orações e manda nos chamar; entro

na sua casa e, mais uma vez, fui muito acolhida por ele, apesar do peso de sua idade afetando sua saúde, ele me recebe e não fico sem resposta em nenhum questionamento que o faço, em tudo que perguntava, me respondia com muita cautela e firmeza. Sentindo a força e áurea que o Pajé trazia, pedi que ele orasse por mim e minha família, já que ele entraria em ritual, um dia depois, na sexta feira daquela mesma semana. Terminados os trabalhos de campo, retorno à minha casa, na aldeia Xokó de Porto da folha.

Quando comecei a escrever a dissertação, a dificuldade maior que encontrei foi de me posicionar como pesquisadora naquela empreitada, distanciar-me do objeto do qual eu também compunha, foi muito difícil. Segundo Roy Wagner, o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo. O antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura em geral. (Wagner,2012, p. 28). E quando você é parte do objeto do qual investiga? Como fazer etnografia? Como ir a campo se eu sou o campo? Como proceder com perguntas para quem me viu crescer? Essas são questões que me rodeiam, desde o início do mestrado, até a presente hora que estou escrevendo tais linhas.

Quando entrei em contato com a leitura de Restrepo 2016, pude ter ideia de como fazer etnografia, como ir a campo. A obra de Restrepo mostra os caminhos de como fazer uma etnografia, com sugestões concretas, clara e consistente. Tal leitura foi de suma importância no início das minhas pesquisas de campo, principalmente nas entrevistas.

O trabalho de campo, muitas vezes, me levou à exaustão devido às dificuldades para encontrar interlocutores, esse é um problema que só tende a se agravar, os anciões estão partindo para o outro plano, os jovens muitas vezes se negam a dar entrevistas, porque não conhecem, ou porque são tímidos para falar sobre as questões que envolve a trajetória do seu povo; o trabalho de campo tem me mostrado diversos desafios. As pessoas me conhecem, de repente eu estou ali, na sala delas, pedindo informações, tentando entender um pouco das histórias que elas viveram e que elas juram que sei de cor e salteada, como elas falam: - Ah você quer saber o quê? - Vocês já sabem de tudo! Longe de me deixar vaidosa, por conhecer todas as pessoas que entrevistei, temi serem elas fugindo das perguntas. Mas não era isso, felizmente. Em todas as entrevistas, sempre, estabeleci uma conversa bem distraída e sempre passando para meu interlocutor que eu não sabia de absolutamente nada, mesmo quando em muitas das vezes os procurei por ter lido algo e querer saber um pouco mais sobre o assunto.

Nas últimas aulas de seminário de pesquisa, pude me aproximar e conhecer o livro de Barley 1989, onde ele critica a maneira tradicional que é feito o trabalho de campo, se propondo a fazê-lo de forma diferenciada e inusitada. A leitura de Barley levou-me a um certo

questionamento. Podemos falar em liberdade para escrever nossos trabalhos de campo? Será que existe essa liberdade ou estamos apenas obedecendo normas? Os critérios pelos quais se atribuem as notas finais, não seriam exatamente os critérios tradicionais que o escritor respeita ou não? A forma que me coloco no campo, e a que escrevo, são frutos da minha percepção de mundo, a maneira como percebo e vivencio estará, sem dúvida, inserida no produto, respeitando, claro, os aspectos específicos do povo que estudo.

### **Maio de 2023**

Se em 2003, há 20 anos, vivíamos períodos gloriosos para a cultura, os dias de maio de 2023 não tem sido de boas expectativas para os Xokó e os povos indígenas, em geral. Vivemos momentos de tensão e medo, a constituição de 1988, mais uma vez, é desrespeitada. Estamos estarecidos com os absurdos que os representantes do “povo” acabaram de aprovar recentemente, o PL 490, deixando mais que evidente que existe resistência dos dois lados, a nossa em resistir para existir, e no lado oposto, à luta dos descendentes de colonizadores e bandeirantes genocidas que caçam índio igual um predador a sua caça, não cansam de criar atalhos para expropriar e se apropriar do território indígena, a luta é ancestral, sem dúvidas, a nossa luta pela existência, é uma luta árdua e contínua.

Sempre foi difícil para os povos indígenas sobreviverem em um país movido pelo capitalismo selvagem, em que sua máquina são os grandes latifúndios construídos em cima de terras tradicionalmente ocupadas ou disputadas, seu combustível é o sangue de quem se opõem ao progresso, ou no meio dele está. A máquina não pode parar, ela tem que passar, ainda que seja em cima de vidas humanas, mas em um país onde o dinheiro impera, a vida humana não tem valor, vidas indígenas não importam, é a impressão que se tem quando analisamos os séculos de guerras travadas contra os primeiros habitantes do Brasil, como falei anteriormente, é uma luta ancestral.

As retomadas foram uma luz no fundo do túnel, uma luz que agora volta a se apagar e joga todos nós, mais uma vez, na escuridão. A Lei 14.701/23 do marco temporal é criminosa, é desumana, pois, a mesma, regulamenta o território indígena, dando direito apenas aqueles que estavam no território em 1988, um retrocesso, a história se repete, sem dúvidas, as retomadas possivelmente deixarão de existir. 1988 passa a ser o marco, para dizer se o indígena é ou não dono daquela terra. Como se as práticas de extermínio ocorreram só a partir de 1988, as mesmas ocorrem desde a chegada dos portugueses, em 1500, e perdura até os dias atuais. Leis seguidas

de leis, tentam nos esmagar, tentam nos exterminar, não cansam de nos caçarem, tentam mais uma vez nos massificar, tornar-nos partes etnicamente iguais.

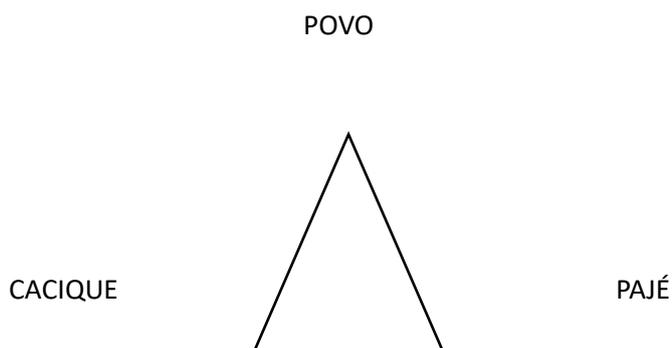
Negam a constituição, no seu artigo 231, em que reconhece a esses povos os direitos originários sobre os locais que ocupam, sem menção a períodos específicos. O marco temporal é um retrocesso, é colocar mais uma vez as minorias aos leões, as traças que não cessam em querer nos devorar. Quantos indígenas, nas portas de suas terras, agora verem seus sonhos de retomarem a terra mãe, mais uma vez abortados; quantos filhos de retomadas, agora órfãos, pois as leis genocidas mais uma vez são resgatadas. Tornar constitucional uma lei que mata os que ainda resistem é um crime humanitário. Não canso em falar da nossa luta ancestral pela sobrevivência. O marco temporal vem concluir o projeto das Bandeiras, de caçar, apresar e matar os, ainda sobreviventes, povos originários do Brasil.

## CAPÍTULO I:

Este capítulo se divide em 5 partes: **1. Resistir para existir**; essa é uma abordagem que traz os Xokó na atualidade e seus desafios para se manterem enquanto povo, etnicamente, diferenciado. O desenrolar do capítulo parte de uma visão enquanto pesquisadora, mas principalmente enquanto Xokó, que me coloca em um lugar privilegiado, enquanto acadêmica, por entender os aspectos minuciosos de tal povo. Na parte 2, **Organização Social da Aldeia Xokó**, falaremos sobre a forma em que a aldeia Xokó se organiza, os postos de trabalhos que são ocupados na aldeia, a base econômica, o conselho de saúde e comunidade, assim como os postos de comando desempenhado pelo Cacique e o Pajé. Na parte 3, **Xokó e a relação com os não indígenas**, falaremos sobre os casamentos e intercâmbio dos Xokó com as comunidades vizinhas. Na parte 4, **Mulheres Xokó da paieta à caneta**; trago o protagonismo feminino das mulheres Xokó, jogando luz nas profissões que essas mulheres desempenhavam e desempenham na aldeia. Por fim, a 5ª parte, falarei sobre **os torés dos Xokó**, os novos cantos que surgiram junto com o Cacique revelado e de autoria dos próprios Xokó.

## CAPÍTULO 1: RESISTIR PARA EXISTIR

### 1. Organização social da aldeia Xokó



O Esquema acima mostra basicamente como está organizada, politicamente, a aldeia Xokó. Temos o Cacique, esse é o líder dos assuntos políticos que dizem respeito ao seu povo, todas as questões que acontecem na aldeia ou com membros dela é de recinto dele. O Pajé é o líder religioso, esse age com mais frequência nos assuntos do ritual, do Ouricuri. Quando os assuntos fogem do controle desses, a decisão final é do povo. O cacique e o pajé, ambos foram revelados, ou seja, a aldeia acredita em um potencial sobrenatural que dá a esses o título, ora mencionado. Na parte intermediária está o conselho tribal, grupo de algumas lideranças, que também se unem ao Cacique para resolver os problemas da aldeia, não o coloquei na pirâmide por esse não ser fixo, nem ter nomes específicos, dos seus membros, ele passa a existir de acordo com a necessidade, então, por isso optei por não os colocar na organização política da Aldeia, de acordo com minha visão. Alguns conselhos foram extintos, a exemplo do conselho denominado de “conselho dos homens”, composto só por homens, como o nome sugere, esses eram também designados a resolverem os assuntos da comunidade, no entanto, tal conselho foi extinto, e o conselho do ritual, esse era designado a resolver os assuntos do Ouricuri; existindo hoje, apenas, o conselho de saúde, que resolve especificamente assuntos da saúde indígena local.

Mesmo o cacicado e a pajelança sendo escolhas da natureza, ainda assim, esses não governam de forma absoluta, tudo passa pela massa até chegar a uma decisão final. Assim,

compreende-se que os assuntos mais decisivos que diz respeito à aldeia, têm que passar pela decisão do povo, ficando ao cacique e o pajé a missão de executar tal decisão. Essa forma de organização se aproxima dos moldes das democracias diretas, em que o povo é supremo. Atualmente podemos dizer que o povo compõe o ponto mais alto do tripé sociopolítico da aldeia Xokó, ficando a cargo desses a decisão final sobre os assuntos que requer um olhar específico dentro da comunidade.

As famílias Xokó são mistas<sup>8</sup>. No entanto, existe o sentimento de parentesco na maioria dos habitantes. Há uma variedade considerável de famílias diferentes na Ilha de São Pedro, isso ocorre devido aos casamentos frequentes de Xokó com não indígenas. No contexto das eleições para Cacique, as famílias se uniam com a finalidade de elegerem seu candidato, naquele contexto os aspectos familiares pareciam mais fortes, pois geralmente a comunidade era “partida” ao meio, elegendo-se o candidato que tivesse mais parentes dentro da aldeia. Quando eu falo mais forte, não é no sentido positivo, mas que os elos de parentescos ficavam mais visíveis, já que a comunidade ficava dividida para aqueles dois candidatos a Cacique da aldeia. Contudo, as pessoas com mais idade têm a noção de serem elas pertencentes a um mesmo tronco, sempre ressaltando o laço familiar que tem umas com as outras. As vinte e três famílias que saíram da Caiçara para a Ilha de São Pedro eram todas parentes uma das outras, sendo geralmente pais, filhos, tios, sobrinhos e avós, assim os caboclos da Caiçara que buscava uma terra e o reconhecimento da identidade em 1979, eram pertencentes a um tronco familiar comum.

Devido ao casamento com quilombolas e brancos, os Xokó se tornaram um grupo mesclado não apenas no biotipo, mas também nas famílias que passaram a surgir. Desde a Caiçara, esses casamentos já existiam, mas nos últimos tempos esses fatos estão mais frequentes. Porém ressalto que embora tenha se misturado e outras famílias tenham surgido com a fusão das “raças”, ainda assim, a parte pertencente ao Xokó liga essas famílias, ainda que mistas, a um tronco em comum entre elas, ou seja, as ramificações fazem surgir outras famílias, mas todas essas estão ligadas à família Xokó. A expressão, primo carnal, é bastante usada no dia a dia da aldeia, esses são os filhos de dois irmãos, do sexo feminino ou masculino, ele é o parente mais próximo depois do irmão, já o primo de segundo e terceiro grau são mais distantes,

---

<sup>8</sup> Dentro do segmento da aldeia Xokó, existe diferentes famílias, Santos, Couto, Rosa, Lima, Bezerra, Silva, Oliveira, Acácio, Apolonio, Martins, Medeiros, Melo, Soares, Tenório, Ramos entre outros.

também é uma forma dos Xokó dizerem que são todos parentes, muitas vezes distante, outras vezes não.

**Figura 11:** População da ilha de São Pedro/ aldeia Xokó

| Faixa Etária | Feminino | Masculino | Total |
|--------------|----------|-----------|-------|
| < 1 ano      | 3        | 5         | 8     |
| 1 a 4 anos   | 11       | 18        | 29    |
| 5 a 9 anos   | 20       | 13        | 33    |
| 10 a 14 anos | 18       | 18        | 36    |
| 15 a 19 anos | 14       | 15        | 29    |
| 20 a 59 anos | 103      | 113       | 216   |
| > 60 anos    | 21       | 22        | 43    |

A população total da aldeia Xokó é de 394. Dados coletados em novembro de 2023, fornecidos pelo agente de saúde da prefeitura.

Os dados sobre a população da aldeia Xokó estão atualizados e foi fornecido pelo Agente de Saúde da aldeia Xokó, que também é o Pajé Jair Acácio. Nota-se que a população Xokó é bem pequena se comparada a outras de povoados ou aldeias. As últimas políticas públicas desenvolvidas nos governos petistas de Lula e Dilma Rousseff, trouxeram mudanças significativas para a aldeia. De 2012 a 2016, a aldeia recebeu dois projetos da minha casa, minha vida. Com isso as casas de taipa foram substituídas por casas de blocos, as conhecidas casas de alvenaria, os critérios para ser contemplado com a moradia fornecida pelo governo era ser casado e não ter casa ou está em relacionamento “sério”, ou seja, aquele namoro que ia dar em casamento, dessa forma os jovens que estavam em relacionamento sério também foram contemplados com a moradia. Depois do projeto os moradores da aldeia não viveram situações de morar, mais de uma família sob o mesmo teto, o que era bastante comum, as casas de taipas também desapareceram da aldeia, sendo agora frequente esse tipo de construção no ritual do Ouricuri.

Atualmente os Xokó tentam se reorganizar para enfrentar os perigos que ameaçam suas tradições, isso é notório quando percebo, entre os jovens da minha aldeia, um esforço em tentar

uma volta ao passado, o qual, nem eles e nem mesmo seus pais viveram, um passado distante de nossa história e realidade, aquele passado em que os nossos ancestrais falavam suas línguas, protegiam a natureza, vestiam-se como um nativo e se comportava como tal. Que bom que existe essa pretensão em uma pequena parte da juventude Xokó, que bom que eles estão preocupados com o futuro de suas tradições, ainda que não possamos retornar a um passado distante, podemos fazer um presente e um futuro diferente para a geração futura dos Xokó e para a manutenção do próprio povo.

Entre essas iniciativas de manutenção das suas tradições, cito uma organização de jovens denominados de Pintados de Itamariná, onde se denominam guerreiros protetores e guardiões das tradições Xokó. Procurei Anísio, um dos jovens que faz parte do grupo “Pintados de Itamariná”, para entender um pouco o objetivo de tal grupo, ele não concordou com o termo utilizado por mim (grupo), por entender o termo excludente, ele entende os pintados como sujeitos que foram escolhidos por Deus para guiar um toré na madrugada, uma subida à serra para oração. Sobre “os pintados” Anísio fala: *“Um exemplo mais claro são os vagalumes, um grupo repleto de vagalumes, a grande massa, acende e apaga, acende e apaga, sua luz, mas existe uma minoria que acende e não apaga, permanece acesa, aqueles são os escolhidos pela natureza pra sustentar a luz, e seguir em frente. Não existe nomes próprios para os pintados, hoje eu estou, amanhã posso não estar”*. *“Os pintados é grupo iluminado por deus”*! Conclui Anísio.

Embora discordando do termo grupo, utilizado por mim, o próprio Anísio finalizou, se referindo aos pintados de Itamariná como um grupo escolhido por Deus. Esse grupo tem demonstrado todos os dias a preocupação com a cultura e empenho no fortalecimento da mesma, os “Pintados” tem levado muitos jovens a procurarem o fortalecimento da cultura, através do ritual sagrado do Ouricuri. Isso é muito bom, pois a juventude é muito flexível e aberta ao novo. Na aldeia existem várias situações e uma delas é: uma parte de jovens preocupados com sua cultura, procura o ritual, outra parte nunca participou do ritual, outros que participaram e depois saíram por conta de casamentos com brancos ou por terem desobedecido as regras<sup>9</sup> do Ouricuri (esses são afastados por determinado tempo), alguns voltam a participar, porém outros não. Então a situação, principalmente entre a juventude, é bastante inconstante, isso fica mais evidente quando se fala no ritual do Ouricuri.

---

<sup>9</sup> Ter ido a festas em dias de ritual, beber álcool em dias de Ouricuri, ou gerar algum problema na comunidade.

Existe também na aldeia uma busca pela língua falada pelos ancestrais Xokó. Os primeiros registros de povos nativos que habitavam a Ilha de São Pedro, apontam que no baixo São Francisco falava-se a língua geral (neengathu), no entanto os índios que ficaram sob tutela do Frei Doroteu, na missão de São Pedro, eram civilizados em 1871, segundo frei Doroteu e o Juiz de Direito de Vila Nova, como podemos observar abaixo.

Fala-se, no Baixo São Francisco, a Língua Geral (neengathu), que alcança o sertão. Mas, com a expulsão dos jesuítas, ela vai ser proibida pela Metrópole em 1759. Isso não altera o falar dos índios, eles próprios fazendo a sua língua, talvez dialetos, assimilando "palavras novas dos religiosos, mas adulterando a pronúnciação". Capuchinhos franceses estão, no Século XVII, nas ilhas do São Francisco substituídos, em 1709, pelos italianos. Frei Doroteu de Loreto, o mais importante deles, chega à Ilha de São Pedro de Porto da Folha em 1849, os índios em 1871, segundo informações sua e do Juiz de Direito de Vila Nova, já civilizados. (Figueiredo, 1981, p.89)

Atualmente, a juventude Xokó tem feito torés no Dzubukuá, dialeto Karirí, essa é uma adaptação a fim de que por meio desse, os Xokó possam resgatar a língua dos seus ancestrais, ou se aproxime daquilo que um dia foi a realidade desses, embora seja o dzubukuá Kariri, assim como outros dialetos têm sido incorporados em alguns torés dos Xokó, atualmente com a finalidade de fortalecer os elos com a ancestralidade nativa. Isso não é uma busca apenas nossa, os parentes de Kariri-Xocó, também estão nessa busca, embora tal grupo reconheça o Dzubukuá como sendo uma língua nativa dos seus antepassados, eles estão buscando mais conhecimento e adaptando-o no seu cotidiano. Conversei com a professora de Dzubukuá, dos Kariri-Xocó, Idiane Cruz da Silva, ela falou dessa busca pelo conhecimento de suas raízes, partindo da língua materna do seu povo, a mesma não tem formação na área, mas afirmou que tem uma formação ancestral e espiritual sobre a língua mencionada.

A comunidade Xokó participa do Ouricuri no primeiro sábado de cada mês, a entrada ao ritual é também uma tentativa de se firmarem enquanto indígenas, diante as ameaças latentes dos meios de comunicação e o intercâmbio de casamentos com as comunidades vizinhas. É esse o grande problema atualmente do povo Xokó, os casamentos de indígenas com não indígenas. No entanto, mesmo sendo rotineiramente combatido e orientado no ritual, esses casamentos vêm acontecendo com muita frequência, a longo prazo podemos ter uma desintegração ainda maior na aldeia, logo, a quantidade de brancos pode subir consideravelmente.

Quando o Ouricuri era realizado na ilha de São Pedro, muitos Xokó não participavam, isso por escolha mesmo, talvez os problemas direcionados a eleição de Cacique refletisse até mesmo no ritual indígena, fazendo com que algumas pessoas evitassem o mesmo. É importante ressaltar que, atualmente não tem eleições para Cacique e, mesmo assim existe uma parte considerável de pessoas, que se identificam e são reconhecidas como Xokó, fora do Ouricuri; isso por escolha de tais pessoas, aliás muitos não conhecem qualquer ritual relacionado ao Ouricuri e menos ainda da jurema. Para fazer o ritual do Ouricuri o indígena tem que se dirigir ao local apropriado (espaço físico), onde se realiza as práticas tradicionais voltadas a mãe natureza. Já o ritual da jurema que também ocorre concomitante ao Ouricuri, considero o contato e o sentido que se tem da bebida, são as orações e as crenças que são depositadas a partir do seu contato com o líquido, preparado pelo pajé, que se faz o ritual da jurema.

Podemos perceber também que dentro do segmento Xokó existe uma pequena parcela de testemunhas de Jeová e Evangélicos, esses ainda que moradores da ilha, reconhecidamente como Xokó, condenam as práticas que são realizadas no Ouricuri, parece um absurdo, mas não é, a prática do Ouricuri é vista como uma prática desvirtuosa e transgressoras por esses. A adesão desses, a tais religiões, não ocorreram dentro da aldeia, mas esses geralmente moraram fora e retornaram para a aldeia já convertidos.

A aldeia conta com um **Crás**, uma **escola** e um **posto de saúde**. Nesses espaços existem também o fortalecimento das memórias e da história Xokó. A maioria dos funcionários nesses estabelecimentos são Xokó, no posto de saúde, a médica e o dentista são brancos, isso ocorre devido à aldeia ainda não possuir médicos e nem dentista indígena, esse último, nos próximos 4 anos será substituído por uma Xokó, que faz odontologia na capital sergipana. Todos os funcionários do Crás são indígenas, nesse estabelecimento são resolvidos os assuntos de programas sociais do governo federal, é oferecida assistência para as famílias e indivíduos em situações de risco ou vulnerabilidade, como também é promovido encontros com jovens e idosos. Um detalhe a se considerar no cotidiano do povo Xokó é a torcida forte exercida pelos idosos com o sucesso de sua juventude, onde mostram seus desejos de verem os postos de trabalhos da aldeia serem ocupados pelos seus pares.

O colégio Indígena é mantido pelo Estado, quase todos os professores da grade são Xokó, apenas os cargos em que não existe formados na aldeia são ocupados por não indígena. Existe também os critérios para contratação exigida pelo Estado, sendo que para um funcionário assumir, esse tem que estar fora do quadro há 6 meses, com esse critério muitos Xokó acabam

sendo substituídos por profissionais vindos de fora. A diretora, coordenadora e secretária são Xokó, são do quadro efetivo do Estado, não havendo mobilidade dos cargos. Para a diretoria e coordenação existe um processo seletivo realizado pelo Estado, que ocorre a cada dois anos, mas como o colégio indígena é diferenciado por estar em uma área indígena e atender os próprios indígenas, esse processo não ocorre nesse recinto. A aldeia que decide pela manutenção ou retirada da direção; a coordenação e secretaria é escolha da diretora, que age de acordo com a vontade primeira do povo.

A vida entre os Xokó não se diferencia muito da vida das demais comunidades ribeirinhas. A grande maioria trabalha para sua subsistência, seja em trabalhos como já mencionados, de carteira assinada, seja nas plantações que geralmente ocorrem no mês de maio e junho, ou na pecuária, e uma pequena quantidade vive da pesca, vende o peixe no mercado das cidades ou mesmo na aldeia. As panelas de barro, que um dia foram o sustento dos lares do povo Xokó, hoje é quase inexistente essa prática, apenas uma ceramista faz as panelas para vender, mesmo assim por encomenda. A aldeia nos últimos 10 anos tem revivido uma movimentação de migração de jovens que vão para a cidade, falo revivido porque há muitos anos isso era comum, Xokó irem para cidade trabalhar, porém, essa situação havia mudado, mas o que vemos nos últimos anos, é uma leva considerável de jovens que vão buscar empregos em outras cidades. Essa movimentação é mais comum naquele grupo de jovens que não se especializaram. Outra parte da juventude Xokó está buscando nas cidades as universidades, para no futuro retornar à aldeia e nela trabalhar.

Enfim, os trabalhos de carteira assinada são na maioria ocupados por mulheres. A mulher Xokó se tornou professora, psicóloga, enfermeira, assistente social, entre muitas outras profissões que o futuro guarda para essas guerreiras, que buscam fazer suas histórias. Dentro do segmento Xokó as mulheres trabalham e as obrigações com os afazeres domésticos é de exclusividade dela. Ser mulher nunca foi fácil, mesmo em um meio que é marcado por desigualdade, pobreza, injustiças raciais e sociais, em que todos experimentam essas realidades, essas semelhanças não diminui o preconceito de gênero e essa mulher ainda sofre com os encargos de ser mulher.

## **2. Xokó e a relação com os não indígenas**

Os Xokó mantêm uma relação secular com os não indígenas da região, isso se reflete no nosso modo de ser. Cresci vendo minha mãe falar das festas da Caiçara que sempre tinham pessoas do Mocambo e dos povoados vizinhos. Nas festividades dos Caiçareiros, a presença dos vizinhos era garantida, isso refletia na escolha dos parceiros e parceiras matrimônias, o samba de coco, o reisado e todas as festividades da Caiçara tinha participação massiva da vizinhança.

Na ilha de São Pedro esse costume se manteve. Lembro-me bem das festas da Ilha com sanfoneiros, que sempre atraíam os vizinhos dos povoados: Santiago, Mocambo entre outros; era um lugar até então aberto para os vizinhos virem e se divertirem. O tempo passou, isso mudou, atualmente as pessoas que participam das festas na ilha, vêm mais de Aracajú, pessoas da Ilha que moram na capital sergipana, os vizinhos deixaram de nos visitar. Creio que essa mudança de hábito foi depois da revelação do Cacique Bá, onde a aldeia viveu alguns processos que transformou o realizar de festas na mesma, e isso foi afastando a vizinhança, hoje as festividades contam com a participação, muito mais de pessoas vindas de longe, do que da vizinhança.

O intercâmbio entre Xokó e não indígena é muito forte. As festas que ocorrem fora da aldeia, levam jovens a procurarem outros divertimentos que a aldeia não oferece. Esse comportamento da juventude reflete na escolha dos seus cônjuges. A maioria dos jovens Xokó namoram e se casam com não indígenas. Isso acaba afetando diretamente, não apenas o espaço físico da aldeia, mas também no Ouricuri, pois a maioria deles que se casam com brancos, acabam saindo do ritual, abandonando e se afastando, muitas vezes, da própria cultura.

Outra questão que tem despertado a preocupação das lideranças locais é o casamento de indígenas, em sua maioria homens, com mulheres não indígenas, que possuem filhos de relacionamentos anteriores. O que estava ocorrendo é que, esses rapazes se juntavam e traziam suas mulheres com seus filhos de outros relacionamentos. Para solucionar esse problema foi decidido que os dois casos que já estavam na ilha há mais de 15 anos permaneceriam, porém os casos que estavam surgindo só aceitariam as mulheres sem os filhos de não indígenas, para dar efetividade na medida, ficou estabelecido que o colégio indígena não matricularia alunos não indígenas, logo dispensaria o interesse em querer permanecer na aldeia. De fato, se essa medida não fosse tomada, teríamos um inchaço populacional na aldeia que seria catastrófico na visão Xokó, uma vez que, o futuro seria que eles (os Xokó) estariam em minoria. A quantidade de brancos seria superior, sem dúvidas, aos Xokó que resistissem.

**Figura 12:** Família não indígena e família Xokó formada por cônjuge e filhos não indígenas. Desenho da aluna Evelyn.



O desenho é uma ilustração para mostrar o desmembramento da família não indígena, e a partir daí a formação da família Xokó, com cônjuge e os filhos da ex-família não indígena.

Ainda não conseguimos chegar a um nível de conhecimento, para compreender o porquê dos casamentos entre Xokó não serem mais tão comuns. O que estaria provocando essa falta de interesse amoroso em seus parentes? Atualmente o público jovem é bem considerável, no entanto aqueles que optam por parceiros que também sejam Xokó são pouquíssimos, chegando o número de 2 casais formados por Xokó. Isso é preocupante. As famílias que vieram da Caiçara se reconheciam como todas sendo parentes, uma das outras, como supracitado, hoje esse quadro é bem diferente, os laços consanguíneos estão ficando cada vez mais distantes e a noção desse parentesco também.

Os relacionamentos com não indígenas são inevitáveis, devido ao fato de vivermos em sociedade e participarmos ativamente dela. Nos aspectos políticos e regionais o povo Xokó participa ativamente dos processos eleitorais, não apenas como eleitores, muitos assumem cargos de cabos eleitorais, para eleger seu candidato dentro da aldeia. As eleições municipais são mais acirradas, sempre gera um clima de hostilização entre os parentes, a comunidade não chega a 400 votos, ainda assim gera conflitos entre os partidários Xokó. As eleições acabam sempre colocando dois grupos em oposição, na verdade cria esses grupos dentro da aldeia.

A prefeitura de Porto da Folha em sua atual gestão não contribui em absolutamente nada dentro desse aldeamento, as estradas de acesso à aldeia são as piores possíveis de se

imaginar, os transportes com pacientes são de responsabilidade da **SESAI(Secretaria de Saúde Indígena)**, no entanto quando o rio enche nos deixa ilhados, então essa responsabilidade passa a ser da prefeitura, todavia, para que a mesma respeitasse nosso direito e cumprisse com suas obrigações foi preciso denunciar pelos meios de comunicação o descaso da prefeitura de Porto da Folha para com esse povo, para que a mesma assumisse essa responsabilidade durante determinado período.

O único ponto que os Xokó não divergem é nas eleições para presidente, pois é quase unânime o resultado da urna. Recentemente tivemos um Xokó, Lindomar, que foi eleito vereador, mas não conseguiu a reeleição, ele tentou a eleição para deputado federal, sendo essa sem sucesso, nossa política é muito excludente, a minoria excluída não consegue enxergar a união de uma classe como saída dessa desigualdade que assola nosso país, a classe baixa da sociedade, em muitos casos, não escolhe alguém de sua mesma classe, eles optam pelos candidatos de elite para lhes representar.

Para tanto, mesmo tendo um relacionamento intenso e constante com as comunidades vizinhas, os Xokó seguem firmes na luta pela existência. Ainda que os casamentos ocorram com frequência, em dia de festejos tradicionais o que percebemos é a resistência de um povo que vive em luta há mais de 100 anos, naquelas festividades é notório o desejo, desse, de permanecer como pares e entregar para seus filhos uma terra para pisar e uma identidade firme com seus preceitos culturais. Ainda que as ameaças cheguem de todos os lados, eles têm consciência que sua tradição é o elo mais forte que os unem.

### **3. Da paieta à Caneta: de mães ceramistas a filhas universitárias**

**Figura 13:** Paieta, instrumento que dá acabamento nas panelas de barro por dentro.



## **CERÂMICA**

Que Deus me ajude  
E tente me compreender  
Quero palavras justas  
Para os versos que vou fazer  
Vou falar sobre a cerâmica  
Leia e ouça para entender

Panelas e lilicos  
Estaladeiras e cuscuzeiros  
Potes e frigideiras  
E ainda fogareiro  
Isso tudo é fabricado  
Com o barro verdadeiro

O povo indígena Xokó  
Tem uma antiga tradição  
Usa barro próprio  
Para fazer construção  
E depois são vendidos  
Para poder ganhar o pão

Para conseguir o barro  
Tem que ir a Caiçara  
Atravessando o canal  
Cheio de belezas raras  
Caiçara significa  
Uma cerca gigante de varas

Ao chegar ao barreiro  
O barro é cavado  
Depois é ajuntado

E colocado no saco  
Para o barro ser utilizado

Após o barro chegar  
É espalhado no chão  
Passa um ou dois dias  
E é ajuntado com as mãos  
E então colocado em prática  
No ponto de construção

Com o cacete de pau  
O barro é massacrado  
Depois de muitas batidas  
O barro é peneirado  
E após sua peneiração  
O seu pó é molhado

As mulheres sentadas  
Começam a construir  
Sobre um caco do mesmo barro  
Que foi tirado ali  
Faz obras surpreendentes  
Com chances de progredir.

*Trechos do poema de Anísio Apolonio Lima Xokó*

**Figura 14:** Damiana Xokó; única ceramista na ativa.



Fotos do acervo pessoal

A cerâmica é uma produção desenvolvida por diversas civilizações em diversas formas, desde os primórdios da humanidade. Das rústicas às mais elaboradas, a argila ganha forma e é transformada em obra de arte. Na aldeia Xokó não se sabe ao certo quando surgiu a fabricação de panelas, elas estão presente desde os primórdios na vida dos Caiçareiros, saberes que são transmitidos de geração a geração. Em entrevista com Beatriz Gois Dantas pude ter confirmações de ideias que eu tinha sobre a Cerâmica, sempre tive consciência que essa arte remete aos povos tradicionais, Dantas cita um fato que lhe despertou atenção; “*o fato de as caboclas da Caiçara produzirem essas panelas ainda de forma manual e bastante rudimentar*” (entrevista realizada em junho de 2023).

Dantas fala do seu primeiro contato com os Xokó, que vai ocorrer em fevereiro de 1981, da situação precária das casas da aldeia, assim como todas as formas de carências ali encontradas. Sua curiosidade sobre a forma de sobreviver daquele povo a faz perguntar sobre o que aquelas mulheres sabiam fazer, isso ela fala por conta da pobreza eminente entre aquele povo. Uma das respostas foi que aquelas mulheres sabiam fazer a panela de barro. O barro transformado em panelas sustentava aqueles lares e entra nas questões da retomada como um forte argumento, para aqueles que desejavam ajudar na luta pelo reconhecimento da identidade do Povo Xokó.

Dantas: *“A questão da cerâmica foi a grande entrada da gente na ilha, tanto pra pesquisar, como pra fazer o apoio, para ver a questão da legalização da terra e do reconhecimento da idianidade Xokó, quer dizer, foi através da cerâmica, aproveitando a brecha da pesquisa, que fizemos o trabalho da Comissão Pró-índio e o trabalho de militância com os indígenas”* (...) (Entrevista com Beatriz Goiz Dantas em 03/06/2023)

Magalhães também destaca:

“As loiceiras do povo Xokó, que vive na Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro (SE), são detentoras de um saber ancestral sobre o fazer das panelas de barro, historicamente reconhecido como marca identitária do povo. No presente, a história das loiças permanece como pilar indispensável à memória coletiva, pois, através da atividade, a sobrevivência do grupo pôde ser garantida, especialmente nos momentos em que sofriam com as tentativas de esbulho territorial e de expropriação de sua identidade indígena” (MAGALHÃES,2022, Pág. 04).

Partindo dessas pesquisas, pude ter a confirmação da importância do barro e da atividade exercida por aquelas mulheres, tão invisibilizadas dentro da sua própria história. Quando optei em falar da cerâmica, não propriamente da cerâmica, mas da transição de profissões das mulheres Xokó, decidi por entender essa temática de fundamental importância na construção e reconstrução das memórias e identidade do meu povo.

Enquanto mulher Xokó, sempre vi nos estudos uma saída e caminho para tudo que sempre desejei alcançar. Vejo a cerâmica como uma importante arte que devemos preservar e lutar para que, mesmo que de forma artesanal, esse saber e fazer continue a existir entre as atividades da aldeia. Algo que foi tão importante na vida dos Caboclos da Caiçara e depois como um importante ponto a ser investigado para o reconhecimento da identidade, que tanto se buscava nos anos 80, não pode cair no esquecimento.

As mulheres indígenas Xokó sempre estiveram presente nos trabalhos que geravam renda na aldeia. Desde os primórdios elas participavam dessas atividades, em especial, na produção de panelas de barro que eram feitas na aldeia, exclusivamente por mulheres e escoada para as feiras vizinhas, como as de Pão de Açúcar e Belo Monte, ambas no Estado de Alagoas, as mais longínquas como a de Propriá - Sergipe e a de Penedo - Alagoas, em uma época em que as panelas eram procuradas e no auge de sua produção, várias canoas saíam carregadas dos

portos da Caiçara, para serem comercializadas no baixo São Francisco, trazendo renda e o sustento para aquelas famílias.

A cerâmica teve seus altos e baixos, até deixar de ser feita pela massa da comunidade. O avanço das tecnologias provocou a queda na procura desse tipo de panela. *“houve uma época em que as lanchas saíam cheias de panelas e voltavam vazias, outros tempos saía e voltava cheia, pois não tinha comprador”*. (Ceramista Célia). Esse fato provocou a crise e o declínio na produção de panelas, as famílias que delas dependiam tiveram que procurar outros meios de sobrevivência, pois aquela terminara nos finais dos anos 90.

De acordo com Almeida (2003, p.261), novos materiais foram introduzidos no cotidiano doméstico, como o alumínio e o plástico, e assim, muitos cambistas que antes iam à comunidade para comprar cerâmica em larga escala a fim de revender em cidades mais distantes, agora não compram mais, no caso dos Xokó os compradores de panelas eram também da comunidade, que compravam e revendiam em outros locais.

Entretanto, muito antes desse fim a cerâmica era o que mantinha o sustento da aldeia. Um dia inteiro para sua produção, as mulheres passavam a semana fabricando para depois vender nas feiras, ali era o sustento de sua casa, a manutenção da vida no seu lar. Uma ceramista destaca:

*"o morão da casa era as mulheres". Nós tinha noção que era nós, até porque os homens não tinham outro meio de sustentar a casa a não ser a pesca, mas isso só servia como um complemento, pois nem toda semana a pesca dava boa, certo mesmo era as panelas.* Maria Helena.

As panelas produzidas na aldeia eram escoadas pelos canoieiros<sup>10</sup>, as panelas das Caiçareiras<sup>11</sup> passavam por diversas feiras do baixo São Francisco, como supracitado. A arte de fazer panelas não demonstrava apenas um vínculo daqueles com a ancestralidade nativa ou com um saber tradicional dos antigos Xokó, mas com o primordial, o essencial e sagrado, pois era aquela arte que mantinha a aldeia, dava uma condição minimamente digna para aquele povo, pois o alimento sagrado estava garantido enquanto estavam no auge as panelas de barro das caboclas da Caiçara.

---

<sup>10</sup>Comerciantes que compravam panelas para vender em feiras em suas canoas.

<sup>11</sup> Modo antigo de se referir as moradoras da caiçara.

Com o passar dos anos, essa atividade que atingiu seu máximo em produção, passou a enfrentar a queda da procura e a consequente baixa de fabricação, a partir de então a comunidade procurou outras formas de sobrevivência. Atualmente quase não se faz panelas de barro na aldeia, as novas gerações não sabem produzirem aquelas que foram o pilar econômico da aldeia, a prática da produção está quase extinta, apenas uma idosa pratica, outras são sabedoras da arte, entretanto não a fazem. Nesse sentido, a juventude não tem muito interesse na produção, pelo simples fato de a produção não gerar renda. Algo que é preocupante para a manutenção e perpetuação desse saber, desse bem que está presente em várias populações nativas, ao que parece é que daqui a uns 10 anos, essa prática seja extinta por definitivo da aldeia Xokó.

### **O protagonismo da mulher Xokó na economia e manutenção da cultura**

Mulher forte, empoderada, dona de suas decisões e caminhos. Cresci vendo essa mulher, a mulher Xokó, em cada quintal, sala, ou cozinha, sentada com seu moleque de barro, com seu tacho e todos os equipamentos que precisariam para criar e dar vida ao seu saber, as suas panelas, feitas com suas mãos, única máquina que elas usavam para fabricar as panelas de barro, arte secular entre as Xokó. Cresci vendo essas mulheres, era minha mãe, minha tia, minha vizinha, as amigas de minha mãe, todas faziam suas panelas, mulheres simples, mas cheias de fé e de esperança na geração que as observavam sentadas nas suas atividades diárias.

No entanto a noção de toda essa força, da mulher Xokó, não era visibilizada, a aldeia teve mulheres fortes e corajosas, como a tia Enói e tantas outras que não arrisco citar nomes, para não cometer a injustiça de esquecer alguma, então a tia Enói, creio que as representa em sua força. A tia Enoi (Enoi Bezerra Lima: in Memorian), como era chamada por todos, o respeito, carinho e amor a essa senhora, transcendia os laços sanguíneos, todos na aldeia tinha respeito por aquela que foi a primeira professora que a aldeia conheceu, apresentou as letras para muitos Xokó, que desconheciam o alfabeto e ensinou a ler, quem não conhecia a leitura; paneleira, professora, rezadeira e parteira, a mesma esteve à frente das questões da retomada e era a grande responsável pela manutenção da vida religiosa, católica na aldeia. Figura de grande destaque, a tia Enói é lembrada com grande saudação por todos na aldeia.

As mulheres Xokó conseguem fundar sua associação por volta de 2006, Associação Comunitária das Mulheres Xokó, entendo que ali as mulheres tomavam conhecimento de sua força, elas fundam a associação, trazem projetos que vão contribuir para o desenvolvimento da

aldeia. Até então a aldeia contava apenas com a associação chamada de associação dos homens (a associação da comunidade). A organização das mulheres surge como uma alternativa a dos homens, pois as políticas vigentes naquele contexto estavam favoráveis aos projetos liderados pelas mulheres. Foi então que nossas mulheres passaram a ter voz dentro da comunidade, em uma organização comandada por elas. Sempre admirei e apoiei essa força da mulher em minha aldeia, mas confesso que nunca participei efetivamente, andei participando de algumas reuniões, como associada nunca estive, isso decorre em muitas vezes, essa minha participação não ser efetivada, devido à minha ausência nas reuniões, devido os meus compromissos, sempre faltava aos encontros, impedindo que de fato eu me tornasse uma associada, já que a participação nas reuniões era o requisito principal.

Atualmente temos a Karine e Joseane Acácio à frente da presidência da associação. As duas, ora mencionadas, sempre estão presentes em reuniões fora da aldeia, que trazem discussões importantes para seu povo e principalmente para as mulheres. Ocupar esses espaços é fundamental nessa luta por direitos e igualdade de gênero, que também é uma luta da mulher indígena. Ser mulher traz muitos estigmas, o de frágil, sensível, amável, entre vários atributos que são designados a mesma. O que não parece se encaixar no perfil das mulheres de uma condição financeira baixa, nordestina, preta e indígena. Tal mulher é levada por circunstâncias visíveis a ocuparem lugar, que exige força e suor para subsistir.

No contexto das paneleiras Xokó, além das funções que desempenhavam dentro dos teus lares e o trabalho com a cerâmica, aquelas mulheres tinham uma história escrita nas questões da retomada, elas participaram ativamente das lutas travadas entre indígenas e fazendeiros. Na cozinha improvisada nos pés de pau, preparando as refeições para seus companheiros e filhos, na igreja clamando a São Pedro, seu padroeiro, por intervenção, e quando foram ao corpo a corpo, ficando na mira dos revólveres das forças armadas que o Estado mandara para expulsá-los daquelas terras. Mulher aguerrida na luta de retomada, cabendo-lhes a missão de ensinarem aos teus filhos a cultura, despertar naqueles que seriam o futuro da aldeia, o sentimento de pertencimento.

### **Xokó na Universidade**

*O maior desafio ao começar estudar foi em relação aos transportes, saíamos da aldeia de madrugada de lancha para pegar um carro cedido por uma prefeitura de alagoas, para então chegar até a faculdade que ficava em Glória -Se. Nessa época o acesso à universidade era muito limitado, poucas pessoas conseguiam ter acesso, eu*

*tinha passado recentemente em 2004 no concurso público da secretaria de educação do estado de Sergipe, o que tornou possível esse acesso. (Angela Apolonio Rosa-Diretora do colégio indígena).*

O ano era 2005, duas mulheres da aldeia entravam para a universidade, duas professoras realizavam um sonho, que para as gerações posteriores seriam uma inspiração. O povo Xokó ganhava suas primeiras pedagogas, Ângela Apolonio Rosa e Jussara Apolonio Santos, duas mulheres que desafiaram os limites que sua condição socioeconômica as impunha, e abre o caminho para que novas mulheres também pudessem se inspirar e ingressar na carreira universitária; anos mais tarde, com os programas desenvolvidos pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mais Xokó entraram na universidade e começam a olhar para novos horizontes. A mulher Xokó enfrenta muitos desafios, além de ser “Mulher” é indígena com características negras, é nordestina e pobre, tudo isso acarreta ainda mais essa mulher que, muitas vezes, busca na cidade grande meios para “crescer na vida” e acaba se deparando com o racismo e todas as formas de discriminação, como falou a Elenice Xokó, RESISTIREMOS e nossa luta será constante, sem dúvida. Elenice Xokó:

*Não foi nada fácil sair da vida tranquila da aldeia e enfrentar a vida na cidade para conseguir o tão sonhado nível superior. Desde muito pequena, dentro da minha própria aldeia, eu tive que enfrentar os desafios de ser indígena, sem ter as características físicas de “índio”. Porém, tive e tenho o entendimento que nossa história sempre foi de lutas e retomadas, sou uma mulher indígena, de pele negra, de cabelos crespos, guerreira, assistente social e que sabe o tamanho da força indígena que habita em mim, meu sangue, minha história, minha cultura e minha espiritualidade é indígena. Por incrível que pareça tive que lidar com o preconceito de um professor, em um dos colégios particulares de Aracaju, num curso de pré-vestibular que realizei. O professor numa fala muito infeliz, relatou para toda a turma que, para ele, índio só era índio, enquanto vivesse dentro da mata, dentre outras características que ele citou. Eu o interrompi, com a voz trêmula e ao mesmo tempo com a força de todo o meu povo naquele momento; me identifiquei como índia Xokó, e falei que minha identidade, minha história e minha cultura sempre me acompanharão por onde quer que eu vá, e que eu estar naquela sala de aula não me fazia menos indígena. O convidei a conhecer minha aldeia e nossa história de luta e resistência, ele então se desculpou. Depois daquele dia, eu tive ainda mais certeza de que não devo jamais me envergonhar ou me intimidar por quem sou. Tenho raízes firmes na terra. Hoje atuo como técnica de referência da assistência social, no CRAS indígena da minha aldeia e tenho a convicção que continuaremos a RESISTIR. Nossa história continua e a luta também. (Elenice Bezerra Lima assistente social da aldeia Xokó).*

Os relatos de Elenice, são como o de tantos outros Xokó que vão estudar na cidade grande. As barreiras são de todos os lados. Quando ingressei na universidade, também me via

em situações em que sempre tinha que justificar o jeito de ser do meu povo, a forma de ser da minha aldeia, questionamentos cheios de preconceitos e maldades; do tipo: índio anda nu? por que você não está? você mora em Oca? seu povo come gente? Isso ocorria antes deles conhecerem a aldeia pelos meios de comunicação do Estado, posteriormente a esse conhecimento, a enxurrada de comentários e perguntas sem sentidos era fora de ordem. Então, sei que os Xokó que hoje estão na universidade, sem dúvida, enfrentam essas mesmas barreiras, que é das desinformações e preconceitos.

Os desafios da escalada universitária são imensos, mas temos bons frutos e outras promessas chegando, para ampliar o quadro de profissional qualificado na aldeia. Esse novo cenário vem transformando a trajetória da mulher Xokó, a geração do presente procura na educação seu meio de sobrevivência, muitas mulheres estudaram e conseguiram atingir um nível inimaginável, pelas tuas mães, se tornando professoras, enfermeiras, assistente social, psicólogas e tem à frente da educação, duas mulheres: a diretora e a coordenadora do colégio indígena estadual. Podemos dizer que estamos caminhando rumo a uma nova história da mulher Xokó.

*Eu entrei na Universidade em 2007 para cursar letras, em 2008 com 20 anos passei no primeiro concurso público, em 2012 passei no concurso da secretaria de educação do estado de Sergipe. Atualmente sou a coordenadora do colégio indígena, estamos conquistando nosso espaço na aldeia e na sociedade, mas os desafios são constantes, temos que continuar a lutar. Quando questionada em relação aos desafios que uma liderança mulher enfrenta ela responde: Hoje já quebramos muitas regras, a mulher Xokó hoje pode assumir muitos papéis, que no passado não era possível. Só ainda não ocupamos o cargo de Cacique ou Pajé, porém sabemos que o empecilho não é o fato de sermos mulheres. (Daniely Silva Santos Coordenadora do colégio indígena).*

A Mulher, que antes passava o dia fazendo panelas com o tacho e com a paieta na mão para sustentar suas casas, verem suas filhas ou netas se tornarem profissionais diplomadas, algo, jamais, imaginável por elas. Atualmente a aldeia tem diversas estudantes de enfermagem, inglês, assistente social, biologia, física, fisioterapia e uma estudando odontologia; podemos ver que a passos lentos, sofridos e suados, os Xokó escrevem uma nova história. Sabedoras dos seus direitos e cientes de que são elas a senhora do teu destino.

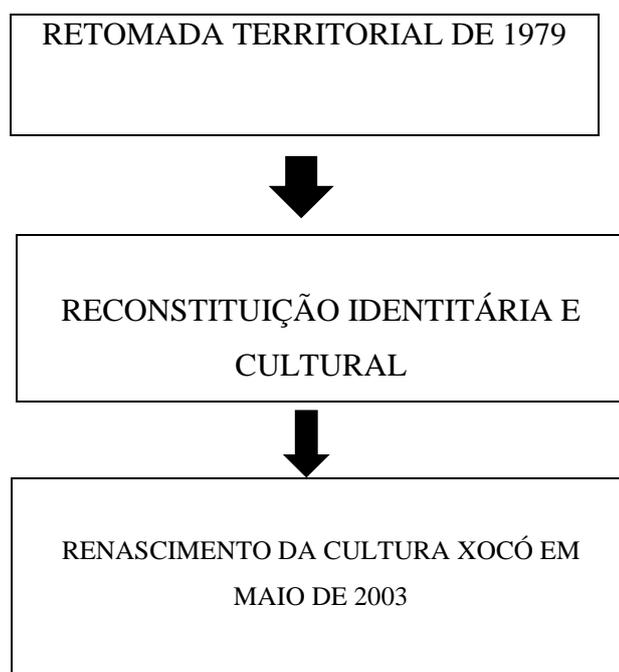
#### **4. Renascimento da cultura Xokó**

O termo renascimento cultural é bastante conhecido nos livros de história. Movimento nas artes e na ciência que revolucionou e transformou a maneira de pensar, primeiro da Europa e depois o mundo. Movimento artístico e cultural que buscava o renascimento do homem, trazer

o homem para o centro do universo com a teoria do Antropocentrismo entre os séculos XV e XVI. Por renascimento entende-se algo que nasce, morre e depois renasce. Quando falamos em renascimento da cultura Xokó, falamos de um período curto no tempo, há vinte anos, mais precisamente. Na história dos Xokó existe alguns marcos históricos que podemos classificar como um divisor historiográfico, para se entender a forma como os índios de Sergipe se organizavam e organizam sua cultura atualmente.

Para entender os divisores históricos da história Xokó é preciso olhar o tripé dos marcos históricos e antropológicos. O primeiro, temos a Retomada da terra que ocorrerá em 1979, posteriormente, a Reconstituição identitária e cultural, e por último, o Renascimento da Cultura, que ocorrerá em maio de 2003, com a revelação do cacique da natureza. Tudo que havia adotado por tradição e cultura em 79, vai ser ressignificado e tomará outros rumos, provocando mudanças que são perceptíveis nos dias de hoje, com um forte desejo da juventude pela preservação e manutenção das tradições. Todo o tripé foi desenvolvido em cima dos marcos considerados importantes para tal povo, sendo a retomada da terra em 79, fator que possibilitará as todas outras conquistas estabelecidas no tripé.

### **Tripé=RRR**



*Naquele dia em 03 de maio de 2003, se aquilo não acontece(revelação do cacique bá) baseado nas minhas experiencias diante de Deus e da natureza, é ,não sei que rumo nossa aldeia tomaria, eu tenho certeza que não era um rumo bom, tava se destruindo o próprio povo por conta das eleições, e a gente fomos agraciados, presente de Deus, a nossa cultura, o nosso povo, que nos trouxe mais segurança de um povo, nos trouxe a paz, e que sem a nossa cultura o povo Xokó não resiste, e essa graça que deus nos deu, foi a luz maior depois da retomada da terra, foi ter trazido nossa cultura de volta, para que a gente permaneça como povo, através dessa revelação espiritual porque humanamente a gente não sabia o rumo, pois a realidade era triste do povo Xokó. Falas do pajé Jair Xokó em entrevista em janeiro de 2023. Na língua dos encantados o pajé (Tuayri).*

Mas como estavam os Xokó, que nasceram em 1979, em 2003? Como estavam a cultura e tradição dos recém-retomados? Depois da retomada da terra, como já mencionado, os Xokó vão começar os processos de retomada das tradições, como a prática do toré, entre outras. A aldeia passava por sérios problemas, devido às eleições de cacique que ocorriam periodicamente, toda vez que chegava o tempo dessas eleições serem realizadas, como relatou o pajé Jair. Todo esse processo estava desintegrando, ainda mais, a recém aldeia indígena de Sergipe.

Depois de algumas práticas apreendidas, o interesse pelo Ouricuri surge como uma necessidade dos Xokó, de se afirmarem enquanto indígenas perante os demais indígenas do Nordeste. *“O pessoal de Colégio era o pessoal mais próximo da gente, sempre vinham pra festas aqui, da retomada, aí dançávamos muito, eles o toré e nós o samba de coco, sempre eles gostavam muito e inclusive se divertiam junto com a gente”*. Explica Girleno, sobre a participação de outros indígenas na reconstituição identitária dos Xokó, sempre ressaltando que a busca pelos saberes e práticas indígenas partiram deles, os Xokó da Ilha de São Pedro. Segundo Girleno os indígenas, principalmente de Colégio, davam apoio e os incentivavam a resgatar os mistérios que existia ali na terra sagrada, apontando a serra do Surubim como um começo.

*Depois da revelação eu senti que eles ficaram com um certo ciúmes, como se a gente tivesse tirado algo deles, eles sentiram um pouco de fraqueza do lado deles. Uma certa vez veio um grupo de índios de Colégio fazer uma visita ao nosso Ouricuri, que já ficava na serra do surubim, eles queriam “curiar”, ver como que conseguimos algo que eles não conseguiram, daqui foi eu e o atual pajé Jair, eu percebi que eles queriam levar algo, então na entrada do Ouricuri no alto do surubim eu gritei: “Ademir aqui tudo começou e daqui ninguém tira e leva nada, é nosso”. Então depois da visita eles foram embora,*

*eu acho que eles vieram atrás de “reforço”.* (Entrevista com Girleno em maio de 2023).

Quando questionei Girleno sobre os índios de outras aldeias associar suas atividades ritualísticas ao xangô, Girleno fala não ser sabedor dessa associação e que percebeu apenas ciúmes desses, que a relação dos Xokó com os Kariri-Xocó é de amizade, que esse povo sempre agiu de boa-fé para com os Xokó.

A relação dos Xokó com os índios Kariri- Xocó parece vinculada pelo elo ancestral, que um dia esteve unindo ambos os grupos e está presente, desde os processos de retomada, onde frei Enoque estimulará o contato entre os parentes, a fim de reestabelecer os laços familiares. “Em maio de 1979 o filho do capitão Cicero e o chefe do PI Kariri estiveram na ilha e foram recebidos pelos caboclos”. (Mellati, 1979, p. 06). Segundo Mellati os Xokó vão concordar em receber os parentes que residem no PI dos Kariri, com a condição que viessem a lutar pela posse da ilha e da Caiçara. (ib, id).

Uma história cercada por construções, reconstruções e contradições. No que tange as relações entre os Xokó da ilha de São Pedro e os de Colégio. Arruti cita descontentamentos em relação aos últimos não reconhecerem a identidade indígena cobrado pelos primeiros, cobrando das autoridades providências quanto ao assunto. “Ao ficarem sabendo do trabalho dos missionários junto aos “caboclos da Caiçara”, os Xocó de Colégio lhes escreveriam, em agosto de 1971, uma carta prestando “esclarecimentos” sobre o que lhe parecia ser uma confusão de referências, já que “hoje nossos remanescentes se acham junto com a tribo Cariri” e que, depois dos périclos do índio Inocêncio, eles continuaram seu esforço de retomada da ilha”:

“No ano de 1967 fizemos um abaixo assinado para o eis presidente Castelo Branco comunicando todo o ocorrido e solicitando a devolução de nossas terras. [...] // No mês passado escrevemos ao prof. Neilande, um moço de prestígio e grande admirador dos índios, para se interessar por nossa causa. [...] Soubemos [...] que os senhores deram por conta própria terras para pessoas trabalhar (terra de São Pedro). Se os senhores fazem isso com pessoas que não são índios o que não faria conosco? // No ano de 69, estive aí com o chefe do Posto Indígena e outro funcionário do Posto, a fim de solicitar no cartório certidões das terras, dos primeiros proprietários. Isso por ordem do Sr. Delegado da FUNAI”

Nos anos 80, porém, na luta pela retomada é importante dar destaque a ajuda oferecida aos Xokó, pelos índios de colégio, não só em armamentos que os parentes forneceram, como

também é de conhecimento de todos, que vieram índios de Colégio ajudar na luta armada. O cacique de Karapotó, que também é Kariri-Xokó e reside na aldeia, foi de uns, ele contou de suas andanças à ilha de São Pedro, para ajudar os parentes. O cacique Juarez me contou muitas histórias do período que esteve entre os Xokó e ressalta a amizade que tem com os parentes, que vem ajudar quantas vezes for necessário. Ele termina: *“A gente tem que ajudar uns, aos outros, se não como é que fica?”*

Então em 1979, os caboclos se tornam Xokó, refloresce em Sergipe indígenas. Até aquele momento não se falava mais em índios em Sergipe, no entanto as manchetes dos jornais passam a dar visibilidade as reivindicações que partiam da última missão, onde se registrava indígenas no século XIX, nascem os Xokó. Em 2003, 24 anos depois, renasce o povo Xokó diferente, mais forte e consciente, com muita vontade de retomar algo que eles sabiam que lhes faltava: a essência, a sensibilidade e a espiritualidade que o sistema lhes tirou, há séculos.

## **5. Toré Dos Xokó**

O toré é o condensador por onde passa todo universo político, motivando uma real imbricação entre os campos político e religioso. [...] O trabalho ritual do toré é também re-produção cultural, atualização histórica do tempo dos antigos índios, detentores de saberes mais apurados e que resistiram ao tempo, porque sobreviveram na forma dos encantados. Re-ligar e re-criar são ações conjuntas, indissociáveis, realizadas na reprodução simbólica do trabalho do toré; são atitudes que não ostentam sinais diversos e antagônicos (‘religar’, como fator de positividade, retorno, volta à origem, e ‘recriar’ como fator de negatividade, arbítrio, postulação, degeneração), senão aos olhos de quem procura por alguma pureza ou originalidade imaculada. Porque a re-criação é um elemento tão próprio da cultura que não haveria re-ligare sem ela, já que é do presente que os homens pensam o passado para construir sua historicidade. (ANDRADE, 2002, p. 79-92).

Os séculos de submissão e imposição não levaram os caboclos da Caiçara à resignação, os anos em contatos com outras culturas e formas de existir não foram suficientes para tornar caboclo em branco, mas deste em Xokó, que a todo momento se reafirmam como sendo indígenas, resistindo aos desafios que a atualidade os impõe. A luta continua, primeiro retoma-se a terra, depois é para manter o que a retomada trouxe. Quanto ao esforço em autoafirmar-se enquanto coletividade indígena, João Pacheco de Oliveira (2006, p. 10) ressalta que a expressão

mais bela e eficaz de tal atitude, é justamente o toré, atividade lúdica e organizadora, íntima e emblemática, que é hoje uma prática conhecida e presente na maioria dessas coletividades.

O toré é uma dança feita pelos indígenas em seus rituais e nas situações de festas, ele também se configura como um elemento fundamental no reconhecimento da indianidade, no nordeste do país. Quanto à definição do toré para os indígenas, Oliveira (2005) destaca: “Definido pelos indígenas como “tradição”, “União” e “Brincadeira”, o toré é um fenômeno complexo, compreendendo dimensões constantes e possuindo uma importância crucial em suas vidas.” (Oliveira, 2005, p. 10). Grunewald classifica o toré da seguinte forma: “Se a agricultura familiar é o regime de trabalho que se volta para a satisfação de suas necessidades familiares, o trabalho (*de índio*) no toré é a “profissão” que os especifica no amplo espaço camponês do nordeste brasileiro. O toré, se poesia ou brincadeira, é também trabalho ligado à realização da práxis que engendra, no ato da alimentação espiritual do povo, o próprio povo”. (Grunewald, 2005, p. 14).

Neves (2005) ressalta que o toré, enquanto manifestação comum entre os povos indígenas na região nordeste do Brasil, é frequentemente tratado por especialistas como sinal diacrítico que confere identidade étnica e legitimidade a esses grupos. (ib., p. 129) Em referência ao toré entre os Kariri-Xocó e os Xocó, Mota também destaca: “O toré é uma forma de dança e cânticos que estas comunidades apresentam tanto como uma *performance* religiosa quanto como folguedo ou brincadeira”. (Mota, 2005, p. 174). Na ilha de São Pedro o toré vai nascer também da necessidade desses indivíduos se firmarem como indígenas. “*A apreensão do toré foi graças ao samba de coco dos negros do Mocambo, que sendo prática rotineira entre os caboclos, facilitou na hora de aprender o toré*” (Entrevista realizada com frei Enoque em outubro de 2022).

No que tange ao imaginário dos caboclos da Caiçara, samba de coco e toré tinham pouca diferença, havia uma prática cotidiana do samba de coco, que junto ao reisado eram os únicos divertimentos do local. O samba de coco e o toré estavam mesclados, uma vez que, muitos passos do samba de coco eram associados ao toré, sendo a prática do samba de coco, entre os caboclos, como uma alternativa ao mesmo, já que não podiam praticar, acabavam misturando as duas tradições para que seus saberes ancestrais não morressem.

O toré de brincadeira é aquele que pode apresentar ao mundo “de fora” os “turistas” e estrangeiros, porque não implica perda do seu direito tribal. São

os torés que se confundem com samba de coco, e que, às vezes pode ser invadido pelos espectadores não-índios. (Mota, 2005, p. 180).

“*A gente era índio e não sabia*” relata Herilo Soares Lima, ao citar as vivências na Caiçara, da prática do samba de coco e os processos de retomada. Nos anos 80, o toré praticado pelos Xokó era diferente, onde seu significado vai mudar de acordo com o lugar de sua prática. Devido ser considerado uma manifestação do profano, segundo Mota (2005) o toré era uma prática proibida para ser realizada dentro da igreja, local sagrado impróprio para tal manifestação, tradição que será mudada em 1984<sup>12</sup>. Durante um encontro de índios do Nordeste na ilha de São Pedro, em 84, o indígena, Maneca de Canicor, viera a falecer; o líder Pataxó guiou a dança de toré, sendo feita em homenagem ao morto, em direção à igreja de São Pedro.

Procurei Girleno, para saber quem era o líder Pataxó citado por Mota (2005), ele me falou de 3 líderes Pataxó Hãhãhãe, um deles era Nailton pataxó, Manoelzinho e Saracura, segundo Girleno, teria sido esse último a guiar esse toré até a igreja, entre falhas de memória, ele afirma, que foi o cacique Saracura que levou o primeiro toré para o recinto católico. Tal ação do cacique não era comum entre os anfitriões, o que causou certo desconforto para eles, que na pessoa do pajé Raimundo, na época, questionou o ato do parente.

Quando do seu retorno aos Xokó, Mota, notara uma mudança na forma que eles percebiam e faziam o toré, em relação àquela dos anos 80. Mota fala de um período que é bem próximo à revelação do “cacique da natureza”, período em que o grupo estará na busca dos mistérios do Ouricuri. O toré, que antes era de brincadeira, tornou-se sério e sagrado, mais que uma afirmação de identidade: o toré passa a ser um elo com as forças dos encantados, que os Xokó entendem como sendo esses seus ancestrais. “Ao reinstalarem a experiência do ritual religioso indígena no corpo de suas atividades comunitárias, o toré voltou a re-significar um acervo de crenças misteriosas, esotéricas e, portanto, de cunho iniciático.” (Mota, 2005, p 174)

De demarcador de etnicidade, o toré passa a ser um forte marcador do sagrado, entre os Xokó, que passam a ver a prática como essencial para o indígena se manter forte e ligado às

---

<sup>12</sup> “Portanto, o interior da igreja católica era considerado um espaço sagrado, e, sendo o toré de antigamente pertencente à categoria de profano, apresentá-lo naquele espaço era um sacrilégio. Mesmo que fosse considerado sagrado, de acordo com a liturgia indígena, não o seria pela ordem das hierarquias religiosas advindas do catolicismo, pois não se concebia entrar no recinto da igreja com uma apresentação do toré. Essa ordem foi rompida em 1984, durante um o encontro das tribos indígenas do Nordeste que se deu na ilha de São Pedro, quando, quando por ocasião de um enterro, o líder dos pataxó guiou a roda do toré sendo feita em homenagem ao morto para dentro da igreja de São Pedro, para alarme do pajé Xocó [...] (Mota, 2005, p. 178)

suas raízes. Atualmente as mudanças na vida dos Xokó são grandes, depois da revelação que ocorreu em 2003, eles vão ressignificar tudo que tinham aprendido e adotado como cultura, em 1979. Novas culturas vão surgir, incluindo a inspiração para seus próprios torés e as vestimentas de embira, árvore que são da caatinga, suas cascas vermelhas são usadas para fazer vestimentas e cocá. Os colares de pereiro também vão ser incorporados na cultura.

Depois de 20 anos percebe-se as transformações advindas de tal revelação, são novas práticas, um novo sentido de ser indígena, que vai se configurar na forma de ser dos Xokó, e sentimos os reflexos de tudo isso nos dias de hoje, quando ouvimos um toré que é feito por um Xokó que acredita, que a força da natureza e encantados dão inspiração para elaborarem os mesmos.

### **Os torés de outros povos indígenas:**

#### *No pé do cruzeiro*

*Lá no pé do cruzeiro, oh jurema*

*Eu brinco é com o maracá na mão (bis)*

*Pedindo a Jesus Cristo*

*Com Cristo no meu coração (bis)*

*Hêina, Hêina ô*

*Hêina, Hêina ô*

*Hêina, Hêina ô*

*Hêina, Hêina ô*

#### *Caboclo Lino*

*Caboclo Lino, o que andais fazendo aqui.*

*Caboclo Lino, o que andais fazendo aqui.*

*Eu ando por terra alheia, procurando o que perdi.*

*Eu ando por terra alheia, procurando o que perdi.*

*Ônarrê, ônarranarrê, ônarrê, ônarranerrô.*

### ***Ô reynarrê***

*Ô reynarrê, narreynarrá,*

*ô reynarrê, narreynarrá,*

*olêlê, olêlê rêrrá, olêlê, olêlê rêrrá.*

### ***Caboclo Roxo***

*Cabloclo roxo da cor morena,*

*cabloclo roxo da cor morena,*

*ele é o rei, é o rei da Jurema,*

*ele é o rei, é o rei da Jurema.*

***Todos os torés expostos acima corresponde-os de outras aldeias, as quais não tenho informação, e que eram cantados e ritualizados entre os Xokó.***

Os torés, antes cantados pelos Xokó, eram diferentes. As práticas religiosas dos indígenas se misturavam aos ensinamentos cristãos. Mesmo tendo os indígenas forte influência do catolicismo, suas práticas culturais sempre estiveram de alguma forma resistindo ao tempo. Devido à repressão que sofriam por conta das políticas coloniais e depois imperiais, os povos nativos procuravam se adequar à nova realidade, buscando sempre incorporar suas práticas ritualísticas nas atividades, seja religiosa cristã, seja através do samba de coco dos negros,

práticas permitidas pela política vigente e que levavam os caboclos a misturarem os dois ritos, a fim de, possivelmente, praticarem sua tradição sem, contudo, sofrer repressão. Abaixo apresento os torés atuais dos Xokó, torés que foram feitos depois da revelação do cacique da natureza.

### **Os torés depois de 03 de maio de 2003**

#### ***Cacique De Itamariné***

*Cacique de itamariné...*

*Sustente essa corrente...*

*Não deixe se quebrar...*

*Reina, reina é Ourubá...*

*Cacique já reinou, ainda reina e reinará.*

#### ***Guerreiros E Guerreiras***

*Meus guerreiros, minhas guerreiras...*

*Iô lê lê rê ô lá lá...*

*Linguajar da velha serra...*

*Onde nasceu o cacique ê ô ba*

#### ***Pintados De Itamariné***

*Guerreiros, guerreiras...*

*Serra do surubim mandou chamar...*

*Guerreiros, guerreiras...*

*"Chegou" os pintados de itamariné...*

*Iô lê , ôlê lê rê a rá...*

*Chegou os pintados de itamariné.*

### ***Toré Da Pintura***

*Genipapo e orocum,*

*orocum cura...*

*guerreiro só cura quem se pintar...*

*guerreiros pintados fala o linguajar...*

*muripé abandy ianderú rê a rá*

**Figura 15:** Como se veste e como se vestiam os Xokó nas festas tradicionais.



Foto do acervo pessoal

Acima temos dois exemplos da forma como se organizavam os Xokó culturalmente e como se organizam no presente. A sua esquerda da foto temos uma criança com trajes de embira, árvore presente na caatinga, e que depois da revelação o uso dela foi bastante utilizado na produção de saias e cocá. Na direita da fotografia outra criança usa um cocá feito de papelão com pena e uma saia feita da palha de coqueiro. Nessa perspectiva, depois da revelação os conhecimentos sobre o artesanato vão florescerem e transformarem a forma de ser dos mesmos.

Devido a todas as mudanças trazidas pela revelação do cacique, o dia 03 de maio de 2003 é tido como a última fase das retomadas, é quando os Xokó finalmente retomam o sentido de ser indígena, é quando vão descobrir que tem uma sensibilidade para o que é da natureza, vão descobrir que tem encantados e que sua fé e seu ritual estabelecem relações com esses. Com a revelação nasce um cacique e renasce um povo, agora firmes com sua cultura, que por vezes vai se modelar a essa revelação e se transformar.

Depois da revelação os Xokó conheceram os mistérios que tanto buscavam. É igual aquele toré do caboclo que procurava algo que perdeu. Em entrevista com Girleno, ele mencionou alguns “toques”<sup>13</sup> que os mais velhos vinham recebendo em relação aos mistérios do Ouricuri: *“Nós sabíamos que existia algo, mas não sabíamos o quê”* cita Girleno ao falar sobre os mistérios que ele e os demais Xokó buscavam antes da revelação, fazendo uma menção aos mistérios dos encantados e aos espíritos da mata. Então mencionei o Caboclo Lino que andava por terras alheias buscando o que perdeu, e ele disse: *“É isso mesmo, achamos o que tanto procurávamos”*, falando aos risos ao associar o toré à revelação do cacique Bá.

---

<sup>13</sup>Na linguagem dos Xokó atualmente a palavra toque tem a ver com pressentimento, antes da revelação do cacique, pessoas experientes da aldeia já sentiam que o mistério estava próximo a ser revelado. Por isso o uso do termo “toque” para designar que já estavam recebendo avisos do “além”.

## CAPÍTULO II

O capítulo II está dividido em 4 partes, sendo que todos os tópicos fazem um apanhado historiográfico sobre o povo Xokó. Na parte **1. Ilha de São Pedro, terra de missão**; fala da fundação da missão no século XVII e a expropriação da terra e da identidade dos indígenas da missão de São Pedro, mostra algumas medidas que foram criadas através das políticas estaduais e imperiais para favorecer a elite agrária da região. Na parte **2. De Caboclos a Xokó**, traz os processos que levaram os indígenas da Caiçara a serem transformados em caboclos, nomenclatura que aparece nos censos estaduais no final do século XIX, momento em que a existência de índio passa a ser negada. Não existiam mais índios, existiam mestiços acaboclos, confundidos em meio à população. De tal modo, a parte em questão mostrará também as vivências na Caiçara, assim como, o início da luta de retomada. A parte **3. A retomada da terra**; falaremos de todo o processo de retomada das terras e da identidade indígena do povo Xokó. Por fim, a parte 4 traz uma abordagem sobre **frei Enoque: o frei dos índios**. Essa abordagem traz um pouco da história que o frei fez com os Xokó, tomando a frente das questões da retomada, e um pouco de sua história no sertão sergipano.

## **CAPÍTULO II: Ilha de São Pedro Terra de Missão**

A Ilha de São Pedro está situada no município de Porto da Folha no estado de Sergipe. O território indígena é composto por duas áreas: a Ilha de São Pedro (96,75 ha), onde reside a maioria dos Xokó, e a Caiçara (4.316,7768 ha), parte continental onde ficam as roças e onde se realiza o ritual sagrado do Ouricuri.

A origem da missão de São Pedro de Porto da Folha remonta ao século XVII, quando Pedro Gomes, instituidor do morgado de Porto da Folha, serve-se dos índios Orumarus (Aramurus), que ali habitavam, para expulsar os holandeses que então ocupavam a região do baixo São Francisco. Como recompensa lhes teria dado missionário e o direito de morarem nas terras do morgado. (Dantas, 1980, p.13). A doação citada acima será contestada pelos descendentes de Pedro Gomes em fins do século XVIII; em que esse exigirá a expulsão dos índios daquelas possessões.

Por volta de 1758 a capela de São Pedro foi construída, sede da catequização dos nativos daquela região. Ainda nos dias de hoje a comunidade indígena preserva a igreja, local onde as festividades culturais e religiosas cristãs são realizadas. Em 2014 houve uma reforma a fim de fazer reparos no telhado; aquelas paredes são símbolo do poderio da igreja católica, que escolhia os lugares mais longínquos para desenvolver seu projeto catequizador. Obra monumental, juntamente com o cemitério e as ruínas do convento, representam o símbolo da catequese desenvolvida na ilha, quando nas épocas das missões.

Segundo Figueiredo, “surge, no século XVII, nas terras do morgado, a aldeia ou missão de São Pedro de Porto da Folha” (Figueiredo, 1981, p. 88). Entre 1712 e 1716 os missionários constroem o convento destinado “a preservar a missão católica dos ataques dos silvícolas bravios, rebeldes aos esforços desses religiosos” (ib., id). As missões foram criadas para impor aos índios a catequese e substituição de suas práticas que transgredia a fé cristã. O projeto catequizador pretendia transformar índios em “brancos” com costumes e culturas ocidentais cristãos, a fim de que por meio desse projeto a “conquista” ou dominação se efetivasse em favor do colonizador, como de fato ocorreu.

A missão do homem branco, ali, era civilizar e catequizar aquelas almas que viviam na barbárie, implicando em mudanças nos seus costumes e tradições. “As missões, apesar de lutarem contra a escravização dos índios e tentarem amenizar as relações destes com os colonos, representavam também uma violência contra o modo de vida dos índios. A residência fixa em

uma aldeia regida por padres, conduzia à destruição das bases de sua organização social e à modificação de suas culturas, através da imposição de novos modos de viver”. (Dantas 1997, p.14).

Na missão de São Pedro habitavam os Xocó (Chocó, Ciocó, Socós, Tsoco, Xoxó, Chocaz, Shocós ou Ceocoses) (Dantas,1997, p.12). Formas que eram grafadas, a depender da região em que vagavam (*conclusões minhas*), são colocados em aldeamento. Lá, segundo alguns relatos, os índios passaram a viverem de acordo com os ensinamentos católicos e com obediência ao responsável pela tutela dos índios. Segundo Beatriz Gois: “A documentação relativa à missão de São Pedro registra uma população indígena que oscila entre 300 e 127 índios no século XIX” (Dantas; Dallari, 1980, p. 15).

Dentre diversos fatores que podem explicar essa oscilação de população, inclui-se o trânsito dos índios entre diferentes aldeamentos, provocando algumas alterações no número e composição da população registrada. Ora o contingente indígena diminuía, devido ao abandono da aldeia por uma parcela da população, que se dirigia para outras aldeias; ora crescia, devido ao movimento inverso de índios, que ali chegavam, como ocorreu em 1827, quando mais de trinta índios do Curral dos Bois, missão localizada nas proximidades, se transferem para a Ilha de São Pedro. (ib., id).

Essas manobras de transferir índios de uma localidade para outra, decorria de estratégias utilizadas pela elite branca da região, com a finalidade de que por meio dessas, obter vantagens, pois na medida em que os índios eram colocados no mesmo aldeamento, suas terras eram usurpadas ao se misturarem com outros povos de cultura e tradição diferente. O projeto dos missionários de catequizar os índios era posto em prática. Sobre essas transferências, Dantas e Dallari explicam:

A missão de São Pedro, organizada inicialmente entre os Aramurus, aparece no primeiro quartel do século XIX habitada por dois grupos indígenas diferentes, Romaris e Ceocoses, que tendo aparentemente o mesmo modo de vida, não se entrecruzavam pelo casamento. Os Romaris seriam os nativos, enquanto os Ceocoses teriam sido transplantados da serra do Pão de Açúcar, no atual estado de Alagoas. Os Romaris são, talvez, os Aramurus no início da conquista. Quanto aos Ceocoses são, decerto, os xocó (...). É aos xocó que se vinculam os atuais remanescentes indígenas de São Pedro, por vezes conhecidos como “caboclos da caiçara. (Dantas & Dallari, 1980, p. 15).

Em sua viagem pelas províncias do Norte e Nordeste entre 1836-1841, o médico Botânico George Gardner faz relatos surpreendentes sobre sua breve e conturbada passagem pela Ilha de São Pedro, em 1838. Em meio a todos os infortúnios causados por tempestade, miséria da população local e até quando ele é surpreendido por uma desintéria, sem remédios, ele é obrigado a prolongar sua estadia entre os índios de São Pedro. Sobre a população local Gardner destaca:

O número das famílias que habitam a ilha sobe a cerca de quarenta e são, em maior parte, índios civilizados. Na tarde de nossa chegada apresentei-me ao seu capitão, homem já velho, trajando calças de algodão grosso, camisa do mesmo pano, chapéu e sandálias de couro. Estava sentado debaixo de um *zyzyphus*, a concertar uma rede de pesca. Dele soube que os índios da ilha, estão diminuindo gradualmente de número. O velho suspirou ao dizer-me que não vinha longe o dia em que sua raça estaria - extinta ou pelo menos amalgamada com os outros habitantes. Os que ainda não se misturaram são de pequena estatura e de constituição vigorosa, parecendo de índole afável e obsequiosa (Gardner, 1975, p.104).

Gardner fala sobre a dificuldade de encontrar alimento, do modo de vida e da alimentação dos índios, que habitavam a Ilha de São Pedro. Segundo o botânico, a alimentação era à base do *wnari*, “*mari*”, como é conhecido pelos *Xokó*, atualmente. Assim como foi a alimentação principal da Ilha, em 1838. O fruto da marizeira (*geoffroya superba*) também faz parte da alimentação dos atuais *Xokó*. “Os pobres moradores da ilha estavam também literalmente na mais completa penúria, apenas se alimentando do fruto da *geoffroya superba*, produto de uma pequena árvore bastante comum no sul da ilha, chega à altura de quase vinte pés e dá um fruto polpudo, mais ou menos do tamanho de uma noz, chamado pelos índios *wnari*. Em quase todas as casas, quer de índios, quer de brasileiros, vi uma grande panela deste fruto em preparação, ou dentro de casa sobre um fogo aceso no chão ou debaixo de uma árvore nas vizinhanças da casa”. (ib. p, 108).

Em 1845 é criada a lei que determina a civilização dos índios, ao mesmo tempo que o governo imperial decidiu entregar aos capuchinhos os trabalhos de catequese, tais medidas fizeram com que se estabelecesse em Sergipe uma diretoria Geral de índios (instituída em 1847), delegando as responsabilidades dos aldeamentos a um diretor específico. (Dantas; Dallari, 1980, p, 15 ). A diretoria dos Índio de Sergipe fora extinta em 1853 sobre a alegação, por parte do Estado, de que não existiam mais índios em Sergipe, e sim mestiços.

No século XVII Capuchinhos franceses habitavam a ilha de São Pedro, sendo substituído em 1709 pelos capuchinhos Italianos (Figueiredo,1981, p. 89). Frei Dorotheu de Loreto foi o mais importante deles, chegando à ilha em 1849, os índios em 1871, segundo informações do frei e do Juiz de direito de vila nova, já civilizados. Frei Dorotheo lhes presta assistência espiritual, enquanto o coronel João Fernandes da Silva Tavares, proprietário da Fazenda Araticum, com a criação geral da diretoria estabelecida em Sergipe em 1845, é nomeado diretor da aldeia, encarregado de “demarcar as terras, exercer vigilância sobre a relação dos índios civilizados” (ib., id). “Dirigidos, assim, por proprietários rurais, não se espera nada de bom para os índios”. (ib., id).

Os nativos por serem os primeiros habitantes do Brasil deveriam por lei terem seu direito natural a terra. Quanto o tocante aos padres jesuítas, haviam recorrido as leis coloniais, para que fossem resguardados, aos indígenas, os direitos sobre a terra. (Perrone-Moisés, 1992; Perone Moisés, 2000). “Uma ordenação de primeiro de abril de 1680 mandava respeitar os direitos dos indígenas, primeiros ocupantes e donos naturais destas terras, como estabelecia a ordenação. Essas mesmas expressões foram repetidas numa lei de 6 de julho de 1755, reconhecendo-se, portanto, que os indígenas tinham um direito decorrente da ocupação primitiva” (Dantas; Dallari, 1980, p,9).

No entanto, tais leis, não foram suficientemente boas para impedir o esbulho das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios. Exemplo forte é no estado de Sergipe, que aos índios foi imposta a catequização, até chegar a expropriar as terras dos indivíduos. “A tentativa de tornar sem efeito a doação feita aos índios, aparece claramente já em 1745, quando ao fazer um tombamento judicial das terras do morgado, se inclui entre elas a caiçara, nome pelo qual é conhecido o terreno dos índios, que adentra a terra firme, situada em frente à Ilha de São Pedro, terras que pertenciam aos índios”. (Dantas; Dallari, 1980, p.14). Na Ilha de São Pedro, após a morte do frei Dorotheo de Loreto, a situação para os ainda aldeados, ficará insuportável, levando aqueles a se dirigirem para outros locais, a fim de se manterem como coletivos indígenas.

Segundo a tradição oral disseminada na aldeia, as terras dos Xokó correspondem a uma légua em quadra, doada pelo imperador Dom Pedro II em 1859-1860, em viagem que fazia pelo baixo são Francisco. A história perpassada por gerações, faz de D. Pedro II um bom feitor para os Xokó. Nas suas andanças pelo baixo são Francisco é surpreendido pela falta de vento, tendo que aportar na Ilha da missão. Em uma madrugada ele foi surpreendido pela cantoria dos

índios, que sem ordem do Frei Dorotheo faziam seus rituais, transgredindo as regras; encantado com o ritual, o imperador manda chamar os índios e lhes entrega uma légua em quadra. (relato que é passado de geração em geração na aldeia Xokó).

Diário de viagem de D. Pedro II 1859-1860:

23 de outubro de 1859 acordei às 5, e tenho estado a escrever; Largamos do Pão de Açúcar às 10. Às 10 e 40 fomos para São Pedro Dias e às 11 e 10' o vapor tornou a seguir. Haverá na aldeia 100 índios, e muitos portugueses. Aqueles queixam-se destes que lhes aproveitam as terras, dizendo o diretor interino, Fr. Doroteu, capuchinho, que os índios são indolentes, e quando não plantam, dá terras aos pobres às vezes sem exigir renda alguma. Algumas mulheres pediram-me para não sair de lá o vigário encomendado, Fr. Doroteu, e os mesmos índios dizem que ele é mau diretor, porém bom vigário, por ser muito religioso. Encontrei três beatas, tendo já visto uma em Paulo Afonso, a qual me disseram ter-se tornado beata por conselho de Fr. Doroteu, e ser de família conhecida. [Vestem-se] de preto com cordão branco na cintura e fazem promessa de castidade. A igreja, pequena, está bem conservada, mas voam os morcegos. Defronte da povoação há grande coroa de areia e tive de passar da galeota para uma canoa, e desta, em cujo banco me pus a princípio a cavalo por segurança, para a prancha... Ouvei que os índios queixam-se de Fr. Doroteu por ele lhes impedir os batuques, bebedeiras e preguiça de trabalho, e foi ele quem reparou a igreja agenciando esmolas. (Diário de viagem de D. Pedro II 1859-1860, p. 28-29).

Verdade ou ficção, ilusão ou romantismo, são nessas narrativas que se constrói o passado dos Xokó, que tendo seu território tradicional usurpado por brancos, e sendo eles transformados em caboclos, usam as memórias, que um dia foram silenciadas, na tentativa de reconstruírem a identidade indígena, a qual acreditavam lhes pertencer.

Frei Dorotheo de Loreto foi o último missionário a atuar na Ilha de São Pedro, em Porto da Folha, Sergipe. Embora, apresentar uma dualidade na percepção indígena, em relação ao comportamento do frade com eles, a presença do mesmo impedia a extinção do aldeamento, mesmo após as determinações provenientes da Lei de Terras de 1850, que tinha por objetivo regulamentar a propriedade de terras no Brasil. Associada a esta lei, ocorreu a determinação de extinguir os aldeamentos dos índios considerados “misturados”, utilizando-se o argumento da mestiçagem. (Dantas, 1991).

As decisões sobre a terra que era ocupada pelos indígenas, partiam de fora do aldeamento, eles não eram consultados sobre o destino que estavam tomando a posse do seu território. Frei Dorotheo, enquanto estava vivo, agia na proteção das terras, evitando a expulsão dos índios daquelas possessões. Embora existir comprovações de que em parte, os arrendamentos das terras dos índios partiam do frade, que cedia tarefas para a construção de

roçados aos não índios. “De uma forma geral, os missionários auxiliaram à conquista das terras indígenas, como ocorreu nos sertões do São Francisco, muitas vezes como aliados dos colonos e, em outras ocasiões, tentando amenizar a brutalidade da conquista” (Andrade, 1992, p. 50).

Na visão atual Xokó, frei Dorotheo é memorizado como o bom frade, que protegia os índios e por vezes castigava; é sempre salientado, também, que o frade punia os índios que transgredissem as regras do aldeamento, como por exemplo, não trabalhar ou desenvolver práticas consideradas pagãs pelos cristãos, como foi o caso do toré.

Os Xokó lembram do último capuchinho, Frei Doroteu, que ficou na memória como um santo, mas que proibia o Toré e seus ritos religiosos realizados nas matas. Estes eram praticados às escondidas, chegando os índios a ocultar embarcações, visando impedir a travessia do religioso para a Caiçara. (Barreto, 2010, p. 42)

Em 1853, sob a alegação de que não mais existiam índios em Sergipe, é extinta a Diretoria Geral de Índios, a existência de índios passa a ser negada, sempre se referindo aos moradores do antigo aldeamento, como caboclos ou mestiços. As terras do antigo aldeamento passam a ser terras devolutas, pois seus habitantes não eram mais considerados índios. Eles perdem sua terra, o Estado financia a expropriação e usurpação do Território tradicional, joga à própria sorte os últimos que ainda resistiam, no caminhar, no transladar de um lado a outro, em busca de terra e proteção, sem apoio, são expropriados da terra e da identidade indígena.

“Um dado importante que deve ser acrescentado é que os índios, a não ser em casos excepcionais, não abandonaram suas terras, ou seja, não abriram mão espontaneamente da posse dessas terras. Por esse motivo, não é correto classificar como devolutas, sem dono, as terras que sempre foram ocupadas por índios ou das quais estes foram expulsos pela força” (Dantas; Dallari, 1980, p. 9-10).

“A destruição dos índios, em Sergipe, das mais sangrentas do País. Numerosos donos de terras quantitativa e qualitativamente valiosas, havia de ser exterminados pelo capitalismo selvagem... Sergipe, finalmente, era, como ainda o é, área essencialmente agropecuária, gulosa por terras. A burguesia agrária e comercial come a terra e arrotta gente. A propriedade territorial, da Colônia à República, nasce por intermédio de sesmarias e da posse de fato, o bacamarte, o rifle e o revólver ajudando, no tempo, a ocupação do espaço. Transfere-se, assim, geralmente a título gratuito, do patrimônio público para o domínio particular, as maiores e melhores terras sergipanas”. (Figueiredo, 1981, p. 94).

As leis que surgiam, diminuían as chances dos índios que ali viviam, de permanecerem nas terras como donos. As autoridades não favoreciam, nem ouvia os mesmos. Durante o século XIX, a questão de terra passa a ser central nas relações entre índios e regionais. O Estado brasileiro regulamenta a propriedade fundiária (Lei de terras de 1850) e cria brechas para que os índios, sobretudo, aqueles que estavam em área de colonização mais antiga, fossem expropriados dos seus territórios. (Dantas, 1997, p. 19).

“Aumenta a odisseia dos Xokó. Os índios reclamam, gritam, protestam. Não são vistos nem ouvidos, a Província cega e surda”. (Figueiredo, 1981 p. 91.) Em 1890 os índios da Aldeia de São Pedro de Porto da Folha, Inocêncio Sabino Pires, Francisco Mathias de Souza e Antônio Venâncio Ribeiro, voltam a bater às portas do Governo Central. Demétrio Nunes Pereira, Ministro dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas, comunica o fato em 17/ 1/ 1890 ao Presidente da Província, inteirando de que, com urgência, mandará as informações relativas à reclamação apresentada pelos ditos índios. O coronel João Fernandes de Brito que em 19/ 3/ 1895, aparece como Intendente de Porto da Folha, termina por desfrutar, em 22/ 11 / 1897, na qualidade de foreiro, de 5 dos 8 lotes em que está dividida a área aforada, no mesmíssimo Município de Porto da Folha. (Figueiredo, 1981, p. 92).

“Com base na ideologia de assimilação e construção da noção em que a mestiçagem é invocada como diluidora de etnias; e em leis que foram interpretadas ao modo que convinha aos interesses dos fazendeiros, o Governo Imperial decretou a extinção da Diretoria dos Índios em Sergipe (1853) e a existência de índios na província passou a ser negada sistematicamente. No final do século XIX os registros oficiais já não fazem referência a índios em Sergipe e os habitantes das antigas aldeias são referidos como caboclos” (Dantas, 1980, p. 19). A negação primeiramente do Estado irá provocar agilidade na invisibilidade dos indígenas em Sergipe, invisibilizados são confundidos com a massa da população e expropriados de sua terra e da identidade indígena.

Arruti (2001) destaca que: No caso da situação colonial portuguesa e imperial brasileira, a substituição da escravidão indígena por sua progressiva desapropriação territorial e pela transformação da identidade indígena em estigma, fez que essa mobilidade as sumisse, em termos gerais e no longo prazo (mas nem sempre em situações históricas precisas e particulares), apenas um sentido, aquele que leva de índio a caboclo e, deste, a branco [...] Ao referir-se à população sob a administração do posto indígena não como índios ou remanescentes indígenas, mas como “mestiços” ou “caboclos”. (Arruti, 2001, p. 1).

Em 1882 a maioria dos Xokó de São Pedro escolheram, como refúgio, os Kariri de Porto Real de colégio -AL, porque mantinham relações amistosas com aquele grupo. Após a fixação

dos Xocó de São Pedro entre os Cariri de colégio, os laços uniram os transferidos. Somente ficaram na Ilha de São Pedro, resistindo aos invasores, poucas famílias. (Almeida, 2000 p.278). Nesse interim, começará um processo de dispersão dos Xokó por toda a região do Baixo São Francisco, algumas famílias se deslocaram para o estado alagoano, se fixando em Porto Real de colégio, como supracitado, e outros passaram a viver nas comunidades vizinhas. Impedidos de se declararem índios, são denominados de caboclos, os caboclos da Caiçara, passando assim, a serem conhecidos na região.

A ligação dos caboclos da Caiçara com a Ilha de São Pedro, permaneceu por toda a vivência na Caiçara, com laços fortes, isso devido à forte religiosidade, ainda presente nos Xokó. A ilha de São Pedro sempre serviu de encontro para as orações dos caboclos, uma vez que a igreja estava situada lá, e a terra ser vista como santa, pelos moradores da Caiçara. A ilha de São Pedro, no século XXI, já recebeu duas romarias da terra. Ainda, nos dias de hoje, pode-se observar forte influência do Catolicismo na aldeia, onde os santos católicos são também os santos dos Xokó, como é o caso do padroeiro da aldeia, que é São Pedro.

Em fins de junho, celebra-se a festividade em comemoração ao santo Pedro. A igreja fica cheia de Xokó, que se colocam a adorar o santo Papa (chaveiro do Céu), com cantos e agradecimentos louvam ao santo padroeiro, que tanto ajuda aos mesmos nos momentos difíceis, a festa que se realizou nos últimos dias de junho de 2023, contou com a participação do Frei Enoque, com sua fala baixa, abatida pelas enfermidades que acometem o frade, o mesmo fala com mansidão e carinho: *“Nunca desistam de ser Xokó” ... Continuem sendo Xokó... “lembre-se que vocês não são fortes porque tem o braço forte, é porque vocês juntaram todos os braços”*. A festa de São Pedro é a maior representatividade religiosa cristã, entre os indígenas, que cantam ao Santo papa dizendo:

*Olhe São Pedro, seu querido povo, nós temos São Pedro, temos mundo novo, ele foi roubado pelos ladrões, e foi encontrado em um grutião, em uma maleta em águas pretas e foi conduzido ao batalhão.*

***Refrão: Olhe São Pedro o senhor não está só***

***Vive arrodado pelos índios Xokó(bis).***

*Ele foi emprestado para o museu e ele não percebeu que era traição, e eles disseram este santo é meu, o que aconteceu, é que entramos em questão.*

*Nós temos um frade que no ponto não dorme, quando nós grita ele nos socorre, ele trouxe são Pedro pela mesma trilha, ele é o padroeiro da nossa Ilha.*

*Olhe são Pedro a sua morada, que seja bem-vinda a tua chegada, olhe são Pedro, tudo diferente, cheio de casa e cheio de gente, olhe são Pedro o senhor não está só, vive arrodado pelos índios Xokó.*

**Música de composição de Paulo Acácio que descreve a questão do roubo a imagem de São Pedro.**

**Figura 16:** Imagem do padroeiro dos Xokó



Foto do acervo pessoal

**Figura 17:** Festa do padroeiro são Pedro. 29 de junho de 2023



Foto do acervo pessoal

Há alguns anos a imagem de São Pedro foi presenteada com um cocá. A indígena, Joseane, no meio de uma missa do dia 09 de setembro, sobe ao altar e coloca no padroeiro um cocá, simbolizando o pertencimento do santo católico aos Xokó. As vitórias nas retomadas também são atribuídas ao santo, ao qual, nas horas de pelejas das lutas era clamado com fé e desespero, e ele atendia os rogos do povo sofrido.

A Santa igreja de São Pedro é vista como um templo sagrado, que acolheu aqueles filhos e suas mães, os órfãos da terra, que na época da retomada procuraram, nela, abrigo e calor. Entre os Xokó, a fé cristã caminha ao lado das crenças indígenas, sem questionamentos, o pai nosso é rezado, o toré é cantado e dançado, e como fator presente e marcante na indianidade do Nordeste, a catequese parece ter surtido efeitos, os indígenas aprendem a fé católica, respeitam e temem, mas isso não lhes impede de realizar seus cultos, voltados para os encantos da natureza.

**Figura 18:** A igreja também serviu de morada para os Xokó em 79



Essa fotografia mostra o cotidiano dos moradores da Caiçara quando retomaram a ilha de São Pedro em 1979, as crianças estão dentro da igreja, pois ali foi a morada dos Xokó no início da retomada.

Foto acervo frei Enoque

É importante ressaltar a força que a igreja católica, mais precisamente, a diocese de Propriá, dará na luta de retomada, a mesma entrará na questão ao lado dos “caboclos da caiçara” como eram conhecidos na época, lhes oferecendo apoio e colocando os padres da paróquia, para fazerem mobilizações a favor dos mesmos, sem o apoio da diocese de Propriá seria uma luta ainda mais árdua para os caboclos. Entre as ações desenvolvidas pela diocese é importante citar a mobilização da imprensa local e fora do estado, além de mobilizar a cidade para apoiar a luta. Sendo assim, os índios receberão ajuda na luta, de pessoas de diversas cidades e municípios vizinhos.

Nos primeiros meses que retomam a ilha de São Pedro, as casas são os pés de paus, sem poderem trabalhar, o que comiam, era de doações motivadas pela diocese. “Os conflitos entre os remanescentes dos índios Xokó e a família Brito detentora, na região, de 14 mil tarefas, não são mais sérios e trágicos graças à contribuição de estudantes, intelectuais, trabalhadores, sacerdotes e muitos outros, somados à bravura pessoal e coerência cristã de Dom José Brandão de Castro, Bispo de Propriá, defensor intransigente dos Xokó. E não só deles.” (Figueiredo, 1981, p. 93).

**FIGURA 19:** A história da retomada Xokó começava a tomar os jornais do país



Todos os recortes de jornal apresentados, são do acervo pessoal de Frei Enoque. Todos eles trata-se de denúncias feita pela diocese de Propriá em relação aos descasos das autoridades, em relação ao Xokó. Neles são demonstrados também, as denúncias de perseguição que a diocese de Propriá sofria da família Brito, em decorrência do apoio dado pela igreja local a causa dos caboclos da Caiçara.

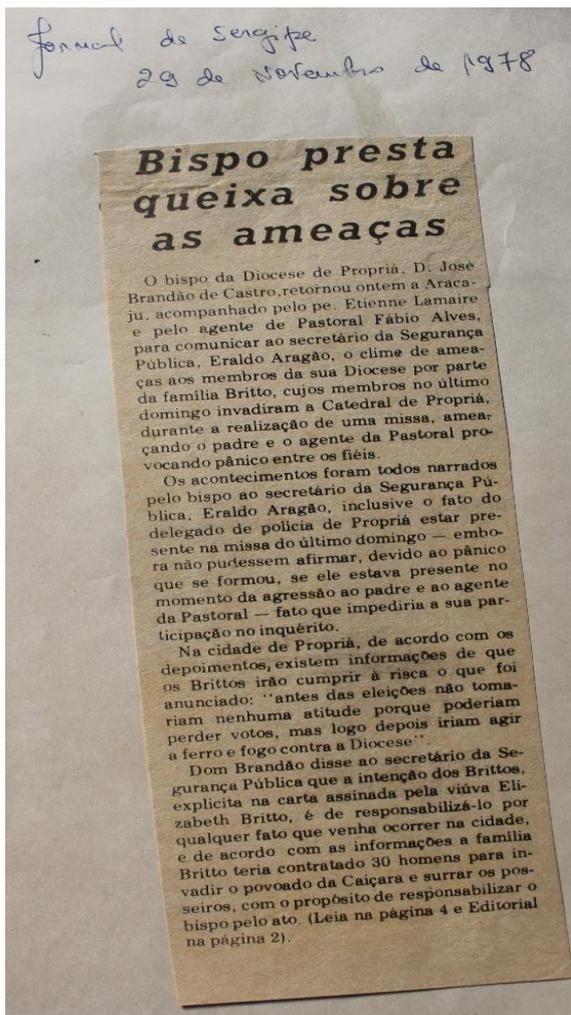


Nesse recorte de jornal fala de uma denúncia registrada pelo Deputado Jackson Barreto do MDB na assembleia Legislativa, sobre ameaças que integrantes da Diocese de Propriá estavam recebendo de integrantes da família, do então prefeito de Propriá, Antônio Guimarães Brito.



Fotos do Acervo Frei Enoque

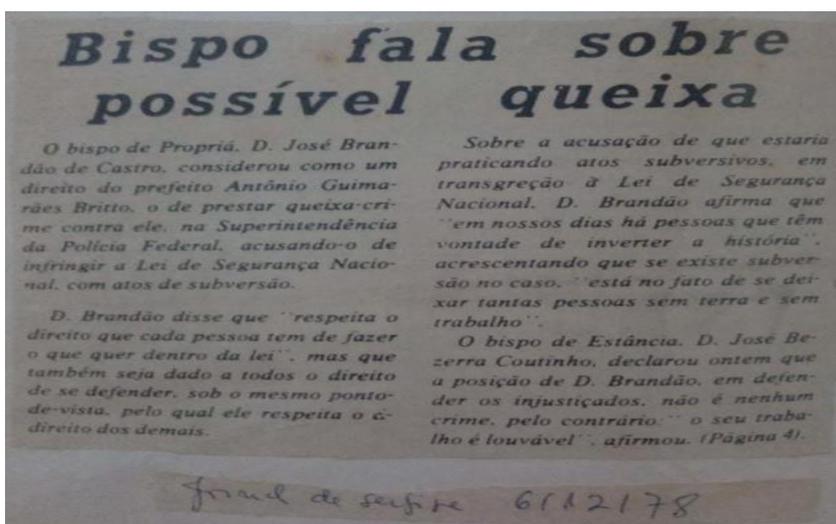
Figura 20: Recortes de jornais denunciando a família Brito



A diocese de Propriá denunciava os abusos cometidos pela família Brito



Jornal de Sergipe Publicava as denúncias e apoio que a Diocese de Propriá recebia



Fotos do Acervo Frei Enoque

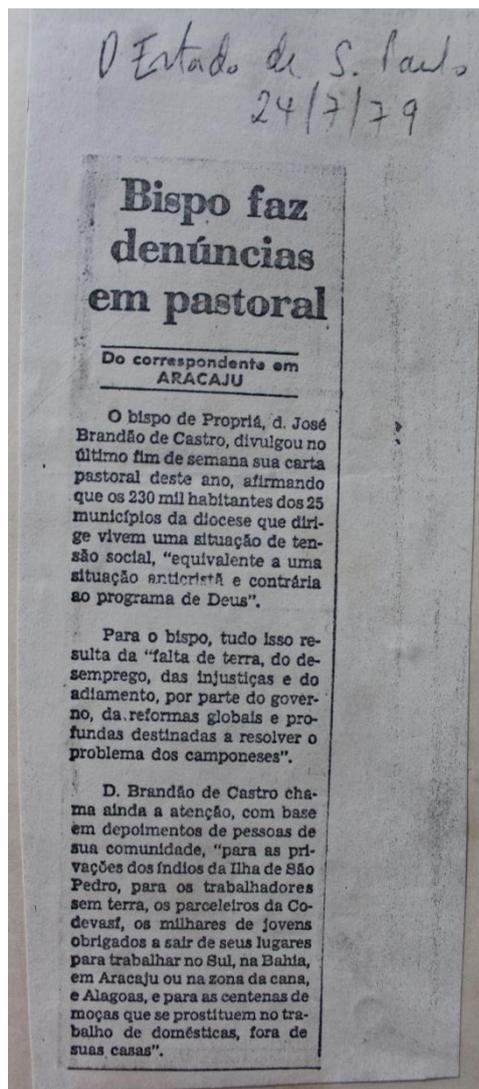
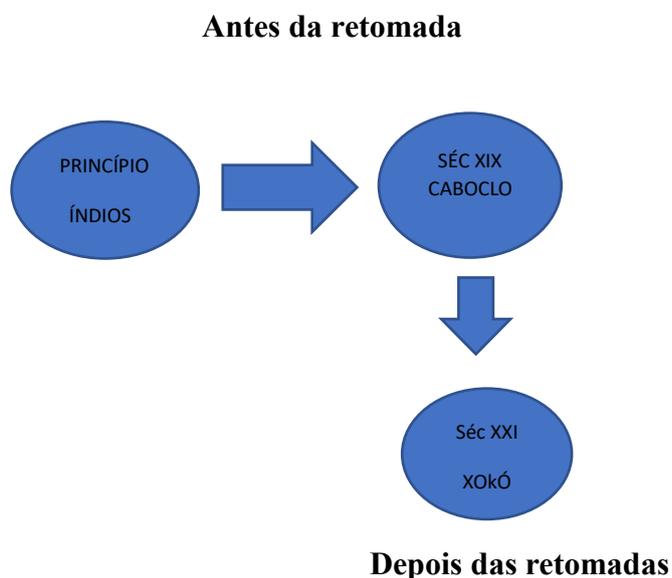


Foto do acervo Frei Enoque

A participação da diocese de Propriá nos processos de retomadas dos Xokó, parece uma reparação histórica vinda do improvável, a mesma ordem que catequizou, civilizou, aculturou e que era responsável, em parte, por arrendamento do território pertencente aos Xokó a fazendeiros vizinhos, compra a briga dos caboclos, se colocando em oposição a uma das famílias mais poderosas do baixo São Francisco. Sem temer retaliações, a diocese de Propriá, entra com apoio aos “descendentes” lhes oferecendo subsídios para se manterem na luta de retomada. É válido ressaltar, que nem toda a cúpula da igreja apoiou a decisão de D. José Brandão de Castro, de ter se colocado ao lado dos indígenas, contrariando o poderio da família Brito.

## 2.1 De Caboclos a Xokó

**Figura 21:** Transformação do índio em caboclo e deste em Xokó



Com suas memórias silenciadas, muitos foram obrigados a assumir uma outra identidade. Os índios passam por um longo processo até chegar ao Xokó atual, até se reconfigurarem enquanto povo etnicamente diferenciado do restante da população que os cercava. “No Nordeste, contudo, os “índios” eram Sertanejos pobres e sem acesso à terra, bem como desprovidos de forte constratividade cultural” (Oliveira, 2004, p. 20). É a viagem da volta, a volta à terra, a uma identidade, cultura e tradições, que embora, sem praticar, o gosto e apreço pelos hábitos de uma comunidade tradicional, que um dia pertenceu aos seus ancestrais, faz desses indivíduos, sujeitos indígenas, sem vivências indígenas, mas com vínculos na ancestralidade nativa que um dia habitou aquela região.

As sucessivas leis legitimavam o fim dos aldeamentos e a consequente extinção dos índios. A elite agrária da região recebe do Estado todo o apoio que necessitava, para retirar daquelas terras os seus primeiros habitantes, e a esses não lhes restam outra alternativa a não ser a de se aceitarem, enquanto mestiços, caboclos, que uma vez índios, se misturaram à população branca e negra, assim, se tornando mestiços, sem-terra e sem identidade. “As populações indígenas em si não lhes restavam, portanto, outros rótulos senão os de caboclos, aculturados, misturados, remanescentes, sobreviventes etc”. (Hohenthal Jr., 1960, p. 547).

No nosso cotidiano a figura do caboclo sempre esteve presente. Quando erámos crianças, na aldeia, sempre que faziam referência ao termo caboclo, uma tensão ficava no ar, nunca o imaginei com o sentido que se tem hoje, o caboclo era alguém que estava encantado, tínhamos temor a ele, tínhamos receios. Os caboclos são índios encantados; embaixo da pele do caboclo omitia-se o índio. Na TI Xokó sempre são cantados torés que fazem menção ao caboclo, um dos mais fortes e temidos, lembro eu, era o “Caboco Lino”. Tal toré, que também é cantado por outras aldeias do Nordeste, é uma descrição dos sentimentos dos caboclos em relação a um passado que ainda estava na sua memória; leis seguidas de leis, lhes tirava o chão, mas não só: como a alma do indígena está presa à terra, se lhes tira a terra, lhes tira a alma.

### **Toré Caboco Lino**

*Caboco Lino, que andas fazendo aqui?*

*Caboco Lino que andas fazendo aqui?*

*Eu ando por terras alheias procurando o que eu perdi.*

*Eu ando por terra alheia, procurando o que perdi.*

*Ônarrê, ônarranarrê, ônarrê, ônarranerrô.*

*Desconheço a origem do toré acima*

Que o homem “inventa” suas realidades, não há dúvidas. Estamos amarrados a teias que nós mesmos construímos, as tradições são algumas dessas teias, mas não podemos esquecer que todas essas criações partem de uma realidade ancestral. O toré foi ensinado e adaptado, não há dúvidas no tocante, tudo isso acontece porque aqueles sujeitos, que faziam tais reivindicações, se reconhecem como herdeiros e são de um passado, que o sangue dos seus antepassados fora a tinta que escreveu essas histórias.

História ceifada por leis criadas pelo próprio Estado, que nada fazendo a favor dos índios, patrocinava a extinção desses, em favor da elite agrária da região. Esses indivíduos foram transformados em caboclos e eles sabiam disso. As memórias um dia silenciadas, falavam nos quintais a seus netos, aos seus filhos. Na posse de alternativas, optam pela luta, primeiramente pela terra, depois pela identidade e a reconstituição da mesma.

Os caboclos da Caiçara nunca haviam estado em contato com tradições indígenas, antes da retomada, como estabelecido acima, a reconstituição da identidade e adaptação de tradições indígenas parte da necessidade que os índios do Nordeste, em especial, tinham em comprovar a etnicidade; se reconstituindo e “recriando” tradições como uma alternativa à sobrevivência, enquanto coletivo indígena.

O sentimento de pertencer a uma ancestralidade estava ali, em algum canto daquelas memórias estavam as histórias dos seus avós. Os povos indígenas têm uma facilidade em retornar as velhas formas. No caso das retomadas, aqui no Nordeste brasileiro, vai haver sem dúvida uma (re)construção, vou utilizar o prefixo (re), por parecer mais legítimos aos olhos indígenas, mas não podemos negar as construções, constituições que implicam em “Aprender práticas” e se adaptar a elas, práticas que um dia foram arrancadas dos seus antepassados e que foram perdidas, as retomadas trazem elas de volta, tem que aprender a dançar o toré e se organizarem como indígenas, e assim fazem.

Os índios Xokó reaparecem no século XX para retomarem o território, chão dos seus antepassados, e a identidade indígena. Com o biótipo diferente daquele em que a sociedade estava acostumada, renasce com cores diferentes, cabelos, pele, cultura e tradições, pois o contato no transcorrer de linhas, entrelaçaram com o negro, branco, e se fundiram, transformando e formando o novo sujeito indígena, no Nordeste do Brasil.

Esses cinco séculos de adversidades, longe de conduzir os povos indígenas do Nordeste à resignação e passividade, os tem levado, ao contrário, através de uma permanente manifestação de vontade a um exercício reiterado de criatividade, em que os vamos encontrar em um processo histórico de autoafirmação enquanto coletividades que se reivindicam como indígenas (Oliveira,2005, p.9).

Em meados dos séculos XX vários povos vão surgir no nordeste brasileiro, região do país que mais sofreu o processo colonizador, com reivindicações pelo reconhecimento de sua identidade. Igual a uma planta que foi podada, a um descuido do jardineiro, logo lhe aparece novos galhos, aos caboclos antes índios, se dizem descendentes diretos dos primeiros habitantes daquela terra, retornam forte, para retomar o que ancestralmente lhes pertence, igual a estátua de murta, citado em uma metáfora no sermão do espírito santo do padre jesuíta, Antônio Vieira, em 1657. A estátua de bronze, que seria o ocidental enrijece, petrifica e nunca mais volta as formas anteriores, o que não ocorre com a estátua de murta, que seria o “nativo” fácil de moldar,

a um pequeno descuido do jardineiro em podá-la, ela logo cresce galhos e volta à sua forma natural. (Viveiros de Castro, 2002).

A inconstância é uma constante na natureza selvagem. (Viveiros de Castro, 2002, p. 187). Os anos de convivência com diversas culturas não foram suficientes para transformar caboclos em brancos, mas esses em indígenas; de índios a mestiço, de caboclos a Xokó, como se 100 anos fora uma noite, suas memórias, sua identidade e sua cultura são despertadas e resgatadas. Ressurge no sertão sergipano, no final dos anos 70, vestígios de indígenas, que haviam se misturados, como relatava os censos do século XIX, se misturado, mas não exterminados. Os remanescentes Xokó se encontravam lá, nas margens direita do velho chico. Em finais dos anos 70, os caboclos da Caiçara passam a lutar por uma identidade que, os mesmos, alegavam ser sua, a identidade indígena. Cobravam do Estado brasileiro o reconhecimento dos índios Xokó, como sendo na época, os que sobreviveram ao massacre dos indígenas de Sergipe.

Em relação aos processos de retomadas, que se tornavam fortes e comuns no Nordeste do Brasil, no século XX, o antropólogo norte americano, Hohenthal Jr, destaca uma forte mistura racial daqueles que reivindicavam o reconhecimento da identidade indígena, para tanto ele enfatiza: “Estes indivíduos, que reivindicam ser “índios puros”, evidenciam em sua maior parte uma mistura racial continuada e de longo tempo com membros das raças primárias caucasoide e negroide. Excetuando-se uma escassa e linguisticamente suspeita de lista de palavras nativas, em geral os idiomas aborígenes estão irreparavelmente perdidos”. (Hohenthal Jr., 1960, p. 560.)

Um fato ocorrido em 1978 irá provocar mudanças na forma de ver e pensar o mundo dos então resignados, caboclos da Caiçara, isso ocorre quando o padre que celebraria a missa na ilha de São Pedro adoece e o frei Enoque é enviado para realizar a celebração.

*Em 1978 estava fazendo 100 anos da morte de frei Doroteu de Loreto, e o Bispo achou por bem celebrar a missa de 100 anos da morte do último frade, lá na ilha, e certamente tava viva a coisa, todo mundo dizia que tinha acabado a ilha (índios), ali tinha os (co)caboclos e eles não cantava mais os cantos deles, cantava o samba de coco, os cantos dos negros, mais do mucambo” aí a gente (os padres que o acompanhavam no evento) começou dar a atenção a tudo aquilo. ...Foi assim que começou”. Tinha um time lá, o São Pedrinho, eu era novo e jogava bola com eles (os caboclos) e ali comecei a ouvir algumas histórias que comecei a despertar para a coisa. (Entrevista realizada pela autora com frei Enoque Salvador de Melo em outubro de 2022)*

A vida na Caiçara pouco se diferenciava dos municípios vizinhos, a economia da comunidade girava em torno da cerâmica e pescaria (como alternativa). A Caiçara era ocupada por 22 famílias, que tinham na sua arte (cerâmica) o pouco de que necessitavam para sobreviver, as panelas de barro, presente desde os primórdios na vida dos Xokó. Os Caiçareiros eram praticantes da cultura popular da época em que o reisado, o samba de coco, entre outras manifestações, serviam de entretenimento nos finais de semana dos caboclos; as festas sempre com zabumbas, violão, cavaquinho e álcool. Frei Enoque fala que no primeiro contato com os caboclos, eles foram resistentes à presença dele, segundo frei Enoque, isso porque eles (os caboclos) gostavam de farra e álcool, a presença do frade, ali, iria impedir seus divertimentos, cita frei Enoque em risos. *“Então fui embora com essa impressão dos índios e eles ficaram com a impressão do padre”*. Frei Enoque.

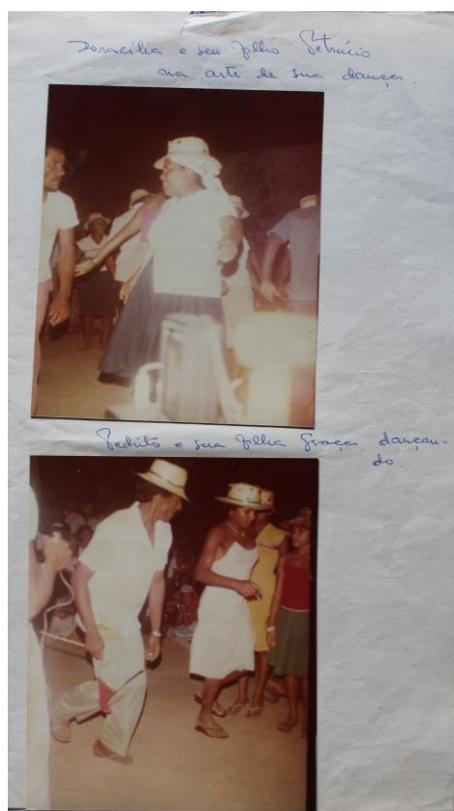
**Figura 22:** Reisado das caboclas da Caiçara



O reisado é uma manifestação do folclore, o mesmo fazia parte das diversões dos caboclos da caiçara. Todo mês de dezembro as caboclas faziam apresentações na Caiçara e nos povoados e cidades vizinhas.

Foto do acervo Frei Enoque

**Figura 23:** Samba de coco: Diversão dos caboclos da Caiçara/acervo frei Enoque



Duas fotografias que são registros feitos pelo frei Enoque do Samba de Coco que era dançado entre os caboclos da Caiçara. O samba de coco dos “Negros” também fazia parte das diversões dos Caiçarreiros.

Foto do acervo Frei Enoque

Em 1978 a ilha é cercada pelos moradores da caiçara, Girleno Clementino de 73 anos, idoso da aldeia, participou ativamente da luta de retomada, o mesmo fala que algo de concreto precisava ser feito, então decidiram por fazerem a cerca da ilha de São Pedro. Em entrevista com Girleno, ele fala da vida na Caiçara, da chegada dos padres na ilha e do incentivo para a luta, vinda da diocese de Propriá, do CIMI e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Município de Porto da Folha – Sergipe.

-Girleno qual foi o momento que vocês souberam que eram índios e que tinham direito aquela terra?

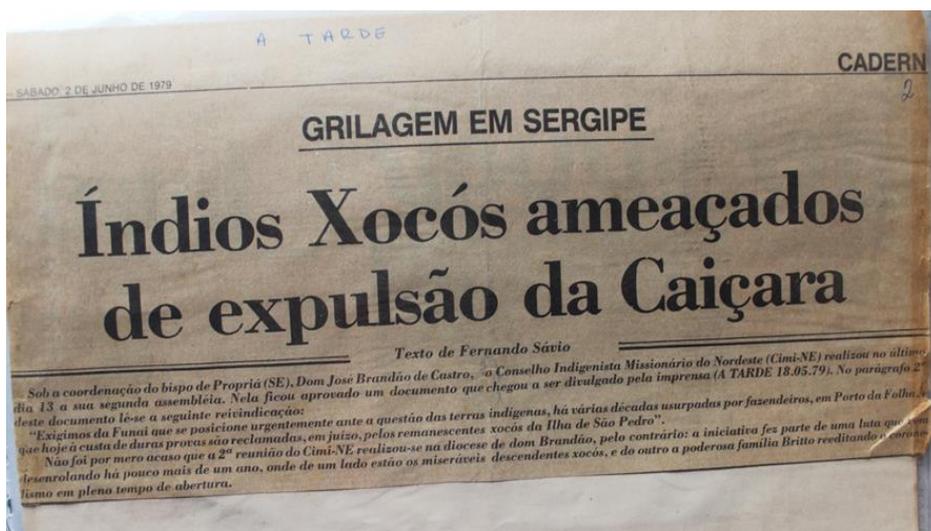
Girleno:

*Olhe...toda vida se soube que a terra caiçara era terra indígena e que a gente era descendente desse povo, a gente sabia disso, só que não tinha possibilidade de ninguém discutir sobre isso, por conta da repressão que podia vir de lá (dos Britos)pra cá(para os caboclos), como aconteceu quando a gente veio pra aqui...tinha pessoas do tronco, primitivas que sabia, como a dona “Siurinha” que sabia, mais*

sempre pedia para calar a boca quando era questionada sobre o assunto, por conta dos Britos.... bom isso se sabia mais ninguém se falava. Era proibido falar. Mais em 1970 chegou uma missão em Porto da Folha, quando eles chegaram em porto da folha fizeram um trabalho com as comunidades, e na primeira vez que estive aqui começaram a cutucar, mais o povo dizia que os índios tinham ido pra Colégio (....) com essas memórias fragmentadas, os padres começaram a pesquisar na Bahia sobre a descendência. Meses depois já esquecidos, os padres retornaram e com algo concreto para dizer que éramos descendentes desse povo, mas minha avó disse: olhe é melhor vocês pararem com isso, se eles souberem (os Britos) a gente vai ser expulso de lá, depois de muitas conversas, reuniões em porto da folha escondidos, o pessoal passará a aceitar a questão, mesmo com medo, foram se encorajando. (Girleno Xokó, ex-cacique).

“Os Britos colocaram o Gado na plantação de arroz, aí a gente não tinha o que colher, aí tivemos que vir pra ilha, não tinha outra saída” Oliveira Bezerra Lima, de 78 anos. As narrativas que (re)construíram a história dos atuais Xokó, deram sustentação para as retomadas iniciadas nos anos 70, onde a questão indígena no Estado, parecia estar resolvida e silenciada. Cansados da resignação, vão para a ilha de São Pedro na esperança de saírem da situação calamitosa a qual viviam. Em setembro de 1979 os Xokó entram na ilha de São Pedro, algumas pessoas vão para a ilha na tarde do dia 08, no dia 09 são transferidos todos para a ilha de São Pedro. “Ao invadirem a ilha de São Pedro, reclamando a sua posse ancestral, em fins dos anos 70, os Xokó estavam também reclamando e reestruturando sua vida enquanto “índios”, como um grupo étnico diferenciado” (Mota, 2005, p. 173)

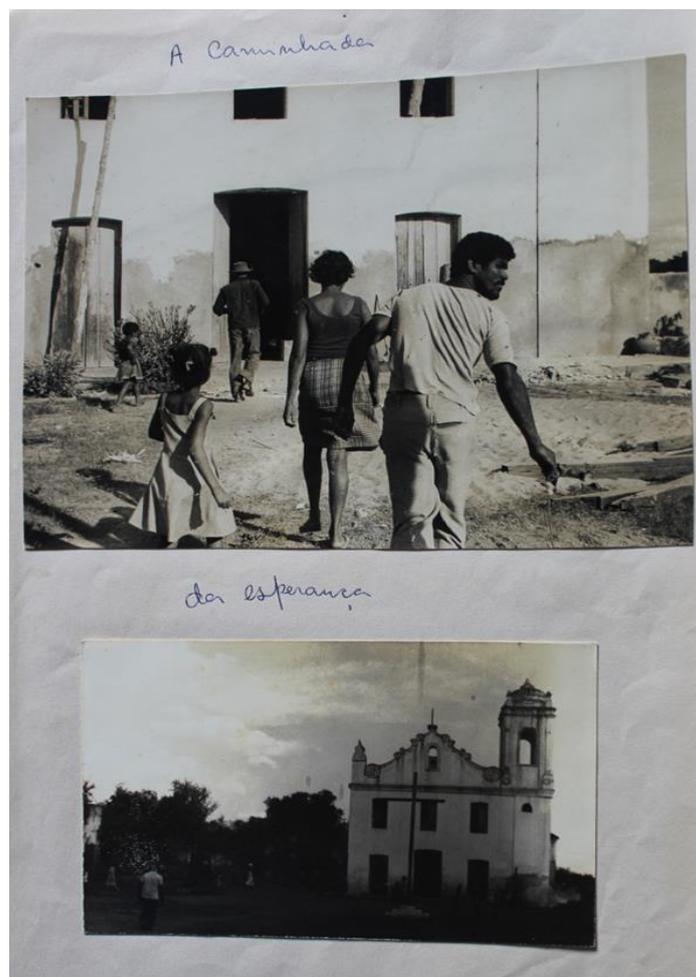
**Figura 24:** Recorte de Jornal. Acervo frei Enoque



Diante das ameaças de expulsão da terra Caiçara, os caboclos retomam a ilha de São Pedro em setembro de 1979.

Foto do acervo Frei Enoque

**Figura 25:** Entrada na ilha de São Pedro. Setembro de 79.



Momento que registra a entrada dos caboclos na ilha de São Pedro em 09/09/79, marcando o início da retomada.

Foto do acervo Frei Enoque

Segundo Grunewald, o ressurgimento e reconhecimento de povos indígenas no Nordeste, se deu por intermédio da informação nas sociedades nativas de que havia um espaço na sociedade brasileira, para eles ocuparem enquanto indígenas e foi, mediante a difusão dessa notícia, que vários povos emergiram no cenário nacional (Grunewald, 2005, p.17). “Essa movimentação no Nordeste Brasileiro ocorrerá em meados do século XX, em que remanescentes do PI, ou de antigos aldeamentos passaram por meio desse espaço que surgirá para essas reivindicações a procurarem se reestruturarem e se organizarem para se estabelecerem enquanto povo indígena, em um espaço curto de tempo, o que se verá são povos tidos como extintos ressurgirem no cenário nacional, reclamando do Estado a terra e o reconhecimento da identidade”. (ib, id)

“O conceito de etnia no século XIX estava muito ligado a aspectos antropo físicos, especialmente à cor, e as confusões então reinantes entre raça e cultura acentuavam-nos. Foi

interessante, porém, observar que o apelo à miscigenação como elemento diluidor de etnia indígena, e por conseguinte critério para sua negação, será adotado”. (Dantas & Dallari, 1980, p. 166). No Nordeste as populações que reivindicavam o reconhecimento da indianidade, pouco ou nada se pareciam com indígenas, como se conhecia no senso comum: muitos brancos, a maioria com traços e culturas negroides com forte influência nas manifestações folclóricas.

Grunewald destaca a ausência, nos anos 30, de estudos sobre as populações indígenas do Nordeste, destacando os trabalhos de Estêvão Pinto (1935-1938) na década de 1940, os estudos de Carlos Estêvão de Oliveira em (1942) e de Roberto Lowie (1946a, 1946b), esses autores, segundo o mesmo, assim como os folcloristas, percebiam os elementos dessas populações como “sobrevivências” de uma vida indígena já profundamente transformadas pelas frentes coloniais brasileiras”. (Grunewald, 2005, p. 547)

Os estigmas que cercam os Xokó de Sergipe são muitos; estigmas que visam, unicamente, diminuir a força de suas conquistas, reivindicações e de sua legitimidade. Ofensas, que colocam em xeque sua etnicidade. As retomadas no nordeste do Brasil, até hoje desvelam indígenas, que na posse de possibilidades reivindicatórias, buscam junto ao Estado o reconhecimento de sua identidade. Todas as reivindicações previstas em retomadas, partem de indivíduos que se reconhecem em um passado ancestral, por isso, chama-se retomada, pegar de voltar aquilo que te pertence originalmente ou ancestralmente. Retoma-se o território, a identidade negada pelo Estado, o direito das práticas culturais que os ligam aos seus ancestrais. Se os Xokó de Sergipe não são indígenas, pelos mesmos critérios, não existe indígena no Nordeste. Somos todos filhos das retomadas. Eles fazem a viagem de volta a cultura e identidade. Porque do território, ainda que como caboclos trabalhadores da terra de “outrem”, os Caboclos da Caiçara nunca saíram.

Segundo frei Enoque, uma das coisas que o incomodou quando esteve na ilha pela primeira vez, em 1972, foi a miséria e o mandonismo dos proprietários locais. Os caboclos não podiam falar de suas ascendências indígenas, assim como não podiam contrariar os interesses do coronel. Após a visita de frei Enoque é que se passará a cogitar uma luta pela reconquista das terras. Frei Enoque ressalta que os caboclos ficaram temerosos com a ideia. “*Essa luta não tem futuro não, uma luta contra os Britos, contra Pacheco, é sem futuro*” (Reação dos caboclos com a proposta de Frei Enoque).

O tempo passava e a situação para os caboclos não mudava, miséria, maus tratos, humilhações eram constantes na vida dos Caiçareiros. Sem saída, são empurrados para as

retomadas, a fim de mudarem a situação em que viviam. O caboclo já não aceitava a resignação e entra no processo em busca da terra e do reconhecimento da identidade.

Em entrevista com Oliveira, da Ilha de São Pedro, o mesmo fala: “*A gente plantava arroz, na colheita de 4 sacos, 3 era dele e 1 nosso, mas a gente pegava emprestado o ano todo, aí não ficava com nada; na pescaria se você pegasse 3 peixes os pequenos eram pra gente e os melhores dele, era três um, dois pra ele e um pra nós. Tinha daqueles que ficava sem nada com a mão na cabeça porque entregava tudo, entrava ano, saia ano e nada melhorava*”. Conforme a memória do povo Xokó, as terras reivindicadas pelos Xokó “pertenciam” ao fazendeiro, João Fernandes de Brito (popularmente conhecido como coronel João Porfírio de Brito), em um regime próximo à servidão que sustentou o feudalismo no período medieval, os caboclos viveram ali por anos, a fio, na condição de negarem suas origens e obedecer aos “donos”.

Com a retomada da ilha de São Pedro, que vai ocorrer em setembro de 1979, as tradições que se considerava fundamental para um grupo indígena ter sua identidade reconhecida, vai ser incorporado no cotidiano dos Xokó da Ilha de São Pedro. O toré vai ser buscado como forma de legitimar a originalidade dos povos tradicionais, principalmente, no Nordeste. Quanto a isso Grunewald destaca: “O toré, como sinal diacrítico maior da indianidade na região, tem também histórias descontínuas, difusas, esquecidas, lembradas, recontadas, reinterpretadas, construídas, imaginadas e, obviamente, vividas”. (Grunewald, 2005, p.14)

Frei Enoque cita que: “*A apreensão do toré por parte dos índios foi graças à prática do samba de coco dos negros do Mocambo, eles dançavam e na hora de aprender o toré, facilitou*”. “O toré é uma forma de dança e cânticos que essas comunidades apresentam tanto como uma performance religiosa quanto como folguedo, ou brincadeira” (Mota, 2005, p. 174-174). Clarice Novaes da Mota estabelece ainda, que do ponto de vista dos Xokó, o toré de brincadeira é praticamente inexistente, desde que começaram a buscar suas raízes e suas tradições através das cerimônias vinculadas ao Ouricuri (ib., id., p. 174).

Clarice Novaes Mota esclarece que o toré passou a ser reincorporado a qualquer manifestação que estivesse ligada à corrente de pensamento, que buscava restaurar os rituais indígenas de celebração da natureza, baseada em um misticismo telúrico e uma liturgia “da terra” (ib., p. 178). As práticas do toré, do Ouricuri nascem, em parte, da necessidade dessas populações, que se dizia descendentes dos antigos habitantes do aldeamento, se firmarem perante os órgãos que faziam o reconhecimento dessas aldeias e que exigia que tais práticas fizessem parte do cotidiano dos povos, que reivindicavam o reconhecimento de sua indianidade.

O Ouricuri, como citado acima, também vai ser incorporado nas práticas culturais dos Xokó, dessa forma passam a buscar os conhecimentos em relação, ao mesmo, enquanto ritual sagrado. Segundo Mota, em 1984 o pajé Raimundo Xokó foi convidado para participar de um Ouricuri dos Kariri-Xocó, segundo a autora seria nessa ida, aos Kariri-Xocó, que o pajé aprendeu os torés dançados durante a grande festa de iniciação e de afirmação da fé indígena. Seria a partir deste momento, que os Xokó dariam início a uma verdadeira revolução no sistema de suas crenças, pois o Ouricuri voltou a reger grande parte de suas vidas. (Mota, 1984, p. 178).

A retomada das terras lhes trouxe algo mais, que um chão para pisar e morrer. A retomada trouxe identidade e existência para esse povo, o toré se transforma no elo que os indígenas têm entre carne e espírito, natureza e encantado, o toré proporciona aos Xokó da atualidade um contato com o mundo dos encantados. O Ouricuri, prática que também foi adotado pelos Xokó, é o ponto mais “fino” na tradição atual, é a área que todos ficam receosos de falar. É no Ouricuri que os Xokó se encontram, atualmente no primeiro sábado do mês, para fazerem suas “obrigações” junto à natureza e aos encantados. Quando questionado sobre ter havido ajuda de outros índios no resgate do Ouricuri, o pajé, Jair Acácio, responde: *“Não, teve algumas orientações, mas a principal busca foi dos Xokó, que procurou resgatar a sua própria cultura”*.

De acordo com Geertz, cultura é a "teia de significados que o homem teceu", e esta "teia" tem uma "superfície enigmática" à qual devemos ter algum acesso. (Geertz 1989, p.15) Geertz, acredita que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e, a cultura, seria essas teias e a sua análise. (ib; id). São essas linhas que correm e entrelaçam a trajetória dos Xokó de Sergipe, desde o momento que tomam conhecimento de sua ascendência indígena, buscam retomar o território tradicional de seus antepassados, conquistam, lutam pelo reconhecimento da identidade, resgatam os saberes, as memórias, as tradições que eles acreditam que te pertencem, se constituindo assim como povo tradicional.

O toré quando é praticado, é o momento que o guerreiro entra em contato com a força da natureza, que tem o poder de trazer cura e paz para aqueles que procuram, o momento da dança do toré é um momento fino, onde a ancestralidade indígena se manifesta, fazendo o ambiente ficar puro e leve. Por essa razão não existe toré sério ou toré de brincadeira, no sentido indígena todo toré tem que ser respeitado, dançado e praticado, a fim de que as tradições se mantenham vivas no dia a dia da aldeia.

Em relação ao toré, segundo Dany Xokó:

*“O toré hoje é a manifestação mais sagrada que temos. É um ritual de canto e dança que nos aproxima de Deus (Inhaderú), hoje praticamos ele em qualquer lugar, e principalmente em nosso solo sagrado do Ouricuri, é lá, em meio a natureza, que ele é ensinado, por inspiração divina. A cada pisada fortalecemos a nossa fé!”.*

O contato e aproximação dos Xokó com sua ancestralidade, através do toré e do Ouricuri, proporcionará aos mesmos novas descobertas, uma nova forma de organização da cultura e tradição voltada para a força da mata e a crença nos encantados.

Para Cristiano Xokó:

*“O toré, é de fundamental importância para a identidade e fortalecimento da cultura da aldeia Xokó. Não é apenas uma dança. Ele traz consigo atributos que envolvem trajes, pinturas, cânticos, sentimento e espiritualidade. É também uma demonstração de resistência e liberdade. Sem o toré, a aldeia Xokó se torna um lugar qualquer, comum, sem um testemunho atual, de uma comunidade tradicional”.*

Para Souza:

A identidade Xokó não se limita à participação na retomada, mas foi um momento pelo qual eles iniciaram essa “redescoberta” do passado enquanto parte de um processo de construção dessa identidade em outro momento, o que nos leva a pensar sobre aspectos essencialistas envolvidos na construção de uma identidade (Souza, 2016, p. 58).

Segundo o antropólogo Hohenthal Jr., os povos indígenas estabelecidos no Nordeste, mesmo submetidos à mistura interracial contínua e de longa duração, apresentavam uma surpreendente persistência das tradições, graças ao “conservantismo e inércia cultural”, o que lhes teria permitido reconstruir, em parte, as culturas locais (Hohenthal Jr., 1960, p. 76). “Esses cinco séculos de adversidades, longe de conduzirem os povos indígenas do Nordeste a resignação e passividade, os tem levado ao contrário através de uma permanente manifestação de vontade, a um exercício reiterado de criatividade, em um processo histórico de autoafirmação enquanto coletividades que se reivindicam como indígenas” (Grunewald, 2005, p. 9).

A retomada da terra proporcionará aos Xokó a introdução de novos hábitos culturais e comuns às demais aldeias indígenas. Dessa maneira o que se entendia como pertencente aos nativos que habitaram a Ilha de São Pedro, há mais de um século, é incorporado no cotidiano

Xokó, a fim dos mesmos darem legitimidade, por meio dessas manifestações culturais, as suas reivindicações, passando dessa forma, por um longo processo de retomada de culturas ancestrais e de sua identidade.

*“Ser índio é o modo de identificação social de um indivíduo, é ser aceito por um povo e, principalmente, ter em suas veias o gosto de lutar pela preservação e manutenção de uma cultura; é ter amor em dançar um toré, em balançar um maracá e isso não se define pela aparência física, mas pelo ser índio que está em cada um de nós”. (Fala de Daniely Xokó).*

Beatriz Góis Dantas (1997) também destaca que, na medida em que se percebem como tendo uma origem vinculada às populações nativas da região, articulando internamente certos elementos de uma vivência coletiva, os Xokó constituem-se como comunidade indígena. Ser índio é pertencer a uma dessas comunidades e ser por elas reconhecido.

Nas duas fotografias abaixo, frei Enoque faz comparação entre duas gerações do povo Xokó. A primeira fotografia, trata-se da visita que frei Enoque, junto com Dom José Brandão de castro, Bispo de Propriá e Padão (João de Deus), morador da Caiçara, fazem a Josefa Canicor (Zefeinha) e Mãezinha, ambas morando em Ilha do Ouro, município de Porto da Folha. Ele buscava a história das memórias silenciadas. Abaixo temos a juventude, à qual Frei Enoque já se referia como Xokó dançando o reisado.

**Figura 26:** A geração dos Xokó no olhar de frei Enoque.



Imagem do Acervo de Frei Enoque

Na medida em que as retomadas se tornavam uma realidade entre os Xokó, frei Enoque buscava por testemunhas de uma história silenciada, memórias para reconstituir a história e a identidade dos Xokó. Na busca dessas memórias, Enoque chega em um passado distante dos Xokó; em ilha do Ouro, no município de Porto da Folha, onde foi a última parada dos Canicós, proibidos de retornar à Caiçara, se estabelecem definitivamente em tal povoado, às margens do velho Chico. Frei Enoque buscou, na memória viva dos antigos Xokó, vestígios que pudessem dar legitimidade às reivindicações dos então caboclos da Caiçara; em ilha do ouro, ele conversou com a Maria Josefa Canicor (dona Zezinha), com a Mãezinha e a Cabocla; essa última, em Porto da Folha-se/SE. Essas três mulheres receberam o frei e contaram a história que ele procurava saber “elas, ajudaram aos Xokó contando a história” (Frei Enoque).

A história que a senhora, Josefa Canicor, narra a seguir, foi a história que ouvi meu pai, José Valmir (In memoriam), contar a vida inteira, história que ele ouvia da mesma. Ele tinha orgulho de voltar e pertencer às terras dos seus avós, eles não conseguem fazer a viagem da volta, mas seu neto sim, ele retorna à sua terra e parece ser parte da mesma, como se não houvesse distinção entre terra e homem, meu pai amava a nossa terra, sem temor, andava pelas terras dos caboclos, com sabedoria falava dos mistérios do cemitério dos caboclos, que João Canicor, seu avô, contava.

Em uma entrevista realizada por Frei Enoque em 1978,<sup>14</sup> Zefinha Canicor (Maria Josefa Rosa), relata que teria saído da Caiçara por conta das pressões que sofria, por parte do fazendeiro:

“Uma vez João foi pegar barro por aí. João foi pegar uma lata de barro do outro lado, aí passou com a lata de barro, aí Antonio Brito estava na ponta da ilha: "João Canicor" - aí João disse "Senhor!" "Vou lhe fazer uma pergunta. Aí ele disse: "Sim, se souber respondo". "Bom, aqui é uma assinatura, esta aqui é a minha e esta aqui é dos cabocos. Por quem você fica? Por quem você assina?". Aí João disse - "Pelos cabocos. Aí ele ficou ruim com João e arruinou e pronto e morreu mal com João.”

Depois desse episódio, segundo Zefinha, Antônio Brito proibiu que eles produzissem suas panelas de barro. Como a única forma de sobreviver na Caiçara era as panelas de barro, feita pelas caboclas, subentende-se que a proibição era uma estratégia para que, dessa forma, eles se dispersassem para outros locais, a fim de encontrarem outro meio de sobrevivência, fora das possessões do fazendeiro.

A entrevista continua:

Frei Enoque: Aí teve que sair de lá?

Dona Zefinha: Tá!

Frei Enoque: depois voltou?

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada por Frei Enoque Salvador Melo, em Ilha do Ouro (Porto da Folha), com Dona Zefinha Canicor, Mãezinha e outras pessoas. A fita foi gravada à noite, na casa de Dona Zefinha, no dia 25 de setembro de 1978. Optei por manter a escrita tal qual encontrada na transcrição da entrevista. João Francisco Rosa (João Canicor), na época da entrevista era o falecido marido da entrevistada.

Dona Zefinha: Voltei! Saí bem umas três ou quatro vezes. Botava pra fora, eu dava um mês, dois... Voltava pro São Pedro.

Frei Enoque: E por que ele botava pra fora de novo?

Dona Zefinha: Porque a gente num queria fazer o que ele queria.

**Figura 27:** Fotografia retirada do acervo pessoal de frei Enoque Salvador de Melo



A fotografia ao lado trata-se de um registro raro de Zefinha, esposa de Manuel Canicor, foram feitos pelo Frei Enoque. Essa fotografia trata-se de uma outra visita que ele a fez em Ilha do Ouro, na ocasião ela é referida pelo frei como a descendente Xokó mais velha. A imagem em que ele fala de netos e bisnetos, logo abaixo, trata-se dos meus pais e irmãos.

A luta não termina com o fim das retomadas, ela recomeça, o prefixo *re* estará presente, sem dúvida, na história dos povos originários; de forma geral, estamos sempre resignificando nossas práticas, transformando-a como forma de sobrevivência, enquanto coletivos. Na reconstituição ocorre o juntar cacos, fragmentos, memórias; na busca dessas memórias, o desejo de se constituir ou reconstitui-se, enquanto povo indígena, enquanto nação etnicamente

diferenciada. Os Xokó passam por um longo processo de assumir identidades, construir e reconstituir tradições, culturas e hábitos de uma comunidade tradicional.

Enfim, os anos 70 chegam e trazem uma esperança para os indígenas que habitavam a Caiçara, sucumbidos pelo coletivo caboclo. A resignação parece não mais estar no consciente dos caboclos, que não mais aceitando ter dono e patrão, decidem pela retomada, é a **RETOMADA**, é o retomar vidas, território, identidade e a ré existência, nascemos/renascemos como sujeitos etnicamente diferenciados. Com a conquista da ilha de São Pedro, em dezembro de 1979, renasce em Sergipe a questão indígena, aqueles que como caboclos viviam nas terras que foram usurpadas, retomam para si a terra dos seus antepassados e passam a serem reconhecidos como os índios Xokó de Sergipe.

### 3. A Retomada do Território Xokó

“As retomadas consistem em processos por meio das quais coletividades indígenas recuperam áreas tradicionalmente ocupadas que se encontravam em posse de não indígenas.” (Alarcon, 2018 p. 19). Para os Xokó, retomar é pegar algo que lhes fora roubado, é tomar para si aquilo que por direito lhes pertence e lhes fora negado. Mas também é categoria nativa que articula direitos, mobilização coletiva, história, ritual e cultura (Andrade, 2019).

Dois fatores importantes marcaram o segundo lustro da década de 70 e fizeram com que florescessem os movimentos indígenas brasileiros. O primeiro fator foi a realização das assembleias de chefes indígenas e, mais tarde, os encontros de lideranças indígenas a nível regional, nacional e internacional, organizados pelo Conselho Indígena Missionário (CIMI). Neles, os líderes dos diversos grupos, manifestavam seus pontos de vista sobre a política indigenista e expunham seus problemas, quase todos envolvendo entraves fundiários. (FUNAI, 1990 p. 01).

No final dos 70 os caboclos da Caiçara entrarão em um período que marcará suas histórias, com a visita constante da igreja católica na pessoa de frei Enoque, frei Roberto e frei Angelino, com o apoio do sindicato de Porto da Folha e do CIMI, os caboclos da Caiçara verão uma porta para aqueles problemas que enfrentavam por séculos, geração após geração. A retomada Xokó que se iniciará no final dos anos 70, será uma das primeiras do país. Quantas comunidades de caboclos, com hábitos às vezes comuns, por vezes tão diferenciados,

sobreviviam pelo interior do país, trabalhando em uma terra que, por muitas gerações, foi o seu solo, sendo eles pertencentes a uma terra que “não” lhes pertence.

**Figura 28:** Momento em que os caboclos da Caiçara cercam a ilha em 1978.

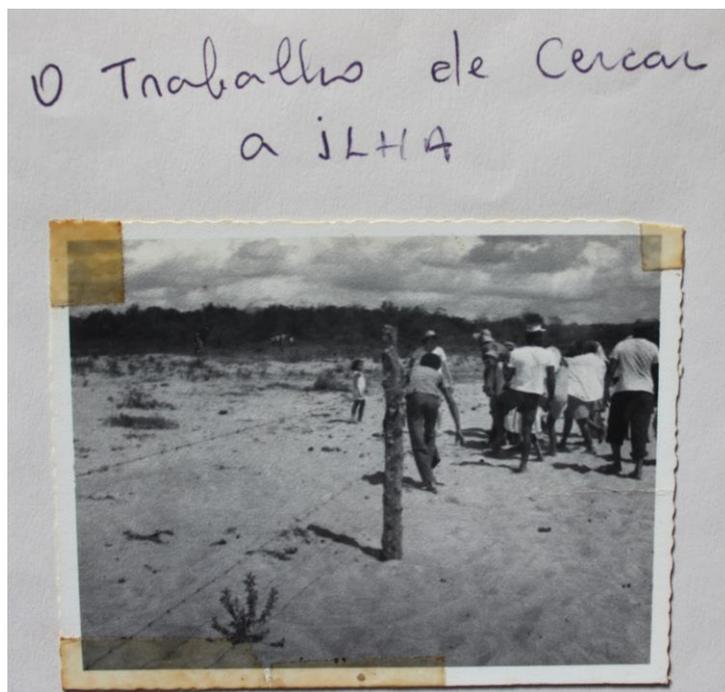


Foto do acervo de Frei Enoque Salvador de Melo.

Em setembro de 78 a ilha de São Pedro é cercada. “*Precisávamos de algo concreto, então resolvemos cercar a ilha de São Pedro*”, Gileno Xokó. Em setembro de 1979 toda a população de 23 famílias, que ainda residiam na Caiçara, fará a transferência para a ilha de São Pedro. Os caboclos da Caiçara são empurrados para fora, a terra que lhes viu nascer, não lhes verá morrer, na ilha de São Pedro está a esperança de mudarem suas vidas, mas na Caiçara estão as suas histórias, suas raízes fincadas na terra. Paulo Acácio (In memoriam) é um poeta da terra, ele usa a poesia e melodia, presente em suas músicas, para descrever a vida na Caiçara, para expressar sua amargura e saudade de sua querida Caiçara.

**Figura 29:** Ocupação da ilha de São Pedro em 79



O jornal fala da ocupação pelos Xokó da Ilha de São Pedro, em 1979. Era uma forma também de denunciar o descaso das autoridades em relação à questão e uma estratégia para conter a fúria dos Britos.

Imagem do acervo Frei Enoque

### Saudade Da Minha Terra

Eu saí da minha Terra/ com a dor no coração/ nunca mais tive alegria/ choro por noite e dia/ e dela tenho afeição.

### Refrão: Saudade da minha terra/ que saudade da minha terra(bis)

Na noite, que eu me lembro/ daquele velho torão/ eu passo a noite acordado/ com uma garrafa de lado/tocando meu violão.

Quem é que não se lembra/ daquela terra tão bela/ eram os homens cavando barro/ Vadinho botando no carro/ pra as mulheres fazerem panelas.

Dela não posso esquecer/ pois tem uma coisa que me dói/ é um pé de tamarineiro/ de a gente fazer brincadeiras/ na frente da casa de Enói.

Eis que não me esqueço/ daquela velha tradição/ zabumba, toré e reisado/ tanto que era falado/ nas serestas de violão.

Essa terra que eu falo/ é minha querida Caiçara/ dela eu tenho um segredo/ dela eu falo sem medo/ nem que eu leve tapa na cara.

**Paulo Acácio**

Em dezembro daquele mesmo ano (1979) o governo do Estado de Sergipe desapropria a Ilha de São Pedro em favor dos Caboclos. Sobre esse dia, com a voz embargada por choro e muitas lágrimas, seu Oliveira, de 78 anos, em entrevista realizada em outubro de 2022, fala:

*“Ah minha filha aquele dia não gosto nem de falar... Eu me emociono... Nois tava aqui bem cedo. A gente tava na ilha, e de repente uma canoa, então todo mundo ficou com medo, quando o homem desceu da canoa mostrou um pano branco (medida estabelecida pelos índios para os visitantes e Xokó que estavam longe para não serem confundidos com pistoleiro) então Antônio pai de Neneu disse é paz. Assim a gente disse é de paz, a gente viu o pano branco então era paz. Aquele homem era Zé Rui que veio avisar. Aquela canoa trazia a notícia que a ilha de São Pedro tinha sido desapropriada pelo governo do Estado de Sergipe. Naquela manhã a ilha quase se acaba de tanto tiro. as espingardas estava tudo pronta, porque a gente tava ali pra morrer. A justiça era pra tirar a gente. Quando Zé Rui disse que a gente tinha ganhado, quem tava com as espingardas atiraram, e os vizinhos acharam que era nosso fim, a ilha foi coberta por fumaça”. Relatos de uma entrevista realizada com Oliveira em outubro de 2022.*

Dezembro de 1979, a virada de chave na história dos Xokó, que recebendo a ilha não adotaram a resignação como forma de continuarem a viver, a vitória da Ilha de São Pedro foi o combustível e impulso para as demais conquistas que sucederam a de 1979. As retomadas dos Xokó divergem das demais retomadas que ocorreram no Nordeste brasileiro, uma vez que não houve mortes decorrente da retomada, pelos relatos, houve momentos de tensão e de muita correria, mas sempre tudo acabava em paz. Para retomar o que está na posse de não índios, não é fácil; o “invasor” não aceita devolver aquilo que alega ter comprado, quando se sabe que na verdade foi dominado pela força do poder, que o dinheiro lhes dava. Roubavam, estendiam cercas e usurpavam as terras dos nativos que ali viviam. “Nesse processo de liberação entre o colonizado e o colonizador dar-se-á por meio da violência. O homem colonizado liberta-se na e pela dor”. (Fanon, 1968, p. 66).

A violência, como se sabe, perdura; junto dela, ao contrário do que se poderia pensar à primeira vista, considerando os avanços no movimento indígena e nos estudos junto a esses povos, boas doses de silêncio e incompreensão persistem também. (ALARCON, 2013, p.19).

Em entrevista com o frei Enoque, ele ressaltou esse detalhe na história que ajudou a escrever. *“A luta dos Xokó foi uma luta bonita, porque não teve sangue.”* (Frei Enoque). Embora não tenha ocorrido “derramamento de sangue” as lutas de retomadas são violentas, nesses processos de reconquista existe a violência psicológica e a simbólica, essas não ferem o corpo, ferem a alma.

No dia 30 de outubro de 2022, em uma manhã, me dirigi a casa de seu Oliveira Bezerra Lima, de 78 anos, como já citado acima, ele estava tomando café, mesmo assim, me convidou a entrar e se sentar, perguntou o que eu queria. Ele disse que estava velho, que a memória falhava muito, não sabia se podia ajudar. As memórias são de fundamental importância no resgate e manutenção das histórias. A preservação delas mantém um povo vivo. Nas entre linhas dessa conversa, perguntei sobre a vida na Caiçara e ele começou a puxar suas memórias. Seu Oliveira falou das humilhações que sofreu, dos maus tratos e da fome que passou na Caiçara. Perguntei sobre a retomada da ilha, ocorrida em 1979:

*“Eita minha filha ali foi um dia de” juízo”, criança, velho, tivemos que sair de lá com tudo, era uma coisa; ou a gente ficava lá passando fome, ou vinha pra cá pros pés de pau para conseguir as terras, decidiram vir, mas eu não gosto de falar daquele dia não”.* (Entrevista com Oliveira em outubro de 2022).

Por diversas vezes, naquelas horas que ficamos ali, nossa conversa era pausada pelas emoções de seu Oliveira, que chorava ao relatar a vida e os acontecimentos que marcaram, não somente sua história, mas a do teu povo também. Embora com mais de 40 anos de retomada, falar dessas questões ainda fere a alma de quem vivenciou aqueles momentos difíceis da história dos Xokó de Sergipe.

O fim dos anos 70 e início da década de 80 constituíram um marco importante para as sociedades indígenas, pelo espaço político conseguido por elas. Os movimentos indígenas cresceram, tomaram força, tiveram voz e se fizeram ouvir por todos os segmentos da sociedade

nacional. Os meios utilizados para alcançarem seus objetivos foram específicos e peculiares a cada movimento indígena. (FUNAI, 1990, p.2).

#### 4. Frei Enoque: o Frei dos índios

**Figura 30:** Frei Enoque na festa do padroeiro, em junho de 2023, nos Xokó.



Foto do acervo pessoal da autora

Nas narrativas da aldeia, o frei Enoque sempre está presente. Cresci vendo os mais velhos lhes oferecer almoço e o que de melhor tinha em suas casas. Até então, não entendia a presença de um homem branco dentro da história de um povo oprimido. Com o passar do tempo, o respeito e adoração que os mais velhos atribuíam ao frei só se acentuava, até que entendi o peso e importância dele no cotidiano Xokó.

*“Eu queria dar muita saúde pra ele se recuperar, ele merece ser aplaudido por a gente, ele dizia coisas com a gente e a gente baixava a cabeça, não tinha coragem de responder” comenta Oliveira; ele continua: nois tinha ele (frei Enoque) como um pai” (Entrevista com Oliveira Xokó em outubro de 2022)*

A visão indígena sobre o frade é de respeito e gratidão. Na sexta feira da paixão do ano de 2023, 30 indígenas foram a Aracaju fazer rituais na frente do hospital, pedindo pela saúde do frade que se encontrava em uma sala de UTI, depois da visita, o quadro de saúde do frei veio a melhorar. O sacrifício dos indígenas em terem saído em um dia “fino” parece ter dado resultados, a melhora do frei é comemorada e atribuída aos encantados, que acompanharam os guerreiros até o hospital, onde levaram saúde e esperança para ele.

A presença marcante de frei Enoque nas narrativas indígenas decorre do fato dele ter participado na linha de frente das retomadas. Lutou ao lado dos Xokó pela terra e buscou a reconstrução e reconhecimento da identidade indígena. Nos dias em que a saúde do frade apresentou um agravamento, a comunidade ficou tensa, todos pareciam aguardar, sem acreditar, uma notícia indesejada sobre a vida do frei.

Esses dias foram marcados por orações na igreja de São Pedro, onde as lideranças falaram da importância daquele homem para os Xokó, pedindo que todos naqueles dias fizessem sacrifício pela saúde do frade. Girleno: *“Tudo que temos devemos a ele; frei Enoque foi o “maior Xokó”*. Emocionado, Girleno, continua falando da trajetória do frade entre os indígenas, ressaltando sua participação chave na retomada.

Em 04 de dezembro de 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial, nascia na pequena cidade de Cachoeirinha, Pernambuco, Enoque Salvador de Melo, mas como em sua cidade natal não possuía cartório, Enoque foi registrado na cidade vizinha de Belo Jardim. Filho mais velho dos agricultores, João Salvador da Silva e Sebastiana Maria de Melo, Enoque, por motivos desconhecidos, foi criado por sua tia materna, dona Maria José de Melo. Ainda em 1970, quando era estudante, Enoque e frei Roberto seguem para a diocese de Propriá, localizada no alto sertão sergipano, esta era administrada pelo então Bispo, Dom José Brandão de Castro. (SANTOS,2015).

Frei Enoque participou junto aos Xokó nas questões das retomadas, com ele, o frei Angelino, frei Juvenal e o Bispo de Propriá, Dom José Brandão de Castro tomaram a frente das questões dos indígenas contra uma poderosa família do baixo São Francisco. Partindo desses fatos, procurei no frei Enoque, figura da igreja, que mais se destacou nas questões dos Xokó, respostas para muitas das minhas perguntas.

Em outubro de 2022 já havia começado a entrevistar algumas pessoas na aldeia, mas precisava conversar com aquele que, segundo os Xokó, é o pai deles, é o grande responsável

por todas as conquistas e transformações na vida dos caboclos da Caiçara. Fui à Poço Redondo, local onde reside Frei Enoque, para fazer-lhes algumas perguntas sobre a história do povo Xokó. Poço Redondo fica a algumas horas da Ilha de São Pedro, cheguei por volta das 12 horas e 50 minutos, indicaram onde era a casa de frei Enoque, me dirigi até lá. A porta estava fechada, mas a janela se encontrava aberta, alguém estava lá. De repente a porta se abre, era a cunhada do frei, ela pediu para eu entrar e aguardar porque o frei estava tirando um cochilo. Ali, naquela casa, me deparei com muitas fotografias de pessoas que fizeram parte do passado dos Xokó, como a do Bispo Dom José Brandão de Castro.

De repente, um sino ecoava naquele corredor, era alguém que dava sinal para outrem, suspeitei que era o frei. Seu irmão sai e vai até o quarto, poucos minutos depois frei Enoque surge no corredor. Quando me viu parou e ficou a olhar, olhos firmes e lacrimejados. Disse que era Xokó; ele balançou a cabeça, fazendo o gesto de quem já sabia, me apresentei, disse o motivo da minha visita, ele me acolheu bem. Falei da minha pesquisa, ele me sugeriu diversos documentos dele, que estava em posse de Girleno. Então ele disse que ajudaria no que fosse preciso, mas antes pediu para sentar-se perto dele, porque ele não ouvia direito. Sentada ao seu lado, pedi para que falasse do primeiro contato com os caboclos da Caiçara e ele assim fez. Frei Enoque começou a falar, daquele primeiro contato que ocorreu em junho de 72, na festa do padroeiro São Pedro. Falou de suas impressões sobre os caboclos da Caiçara, segundo o frade: *“fui recebido friamente por eles, porque achavam que eu ia estragar a festa”* e sorriu.

Frei Enoque chegou, ainda, rapaz na Ilha de São Pedro; havia acabado de se ordenar padre. Hoje aos 80 anos e com muitos problemas de saúde, sua memória um meio embaraçada, mas firme no que contava; descrevia cada momento do primeiro contato com os caboclos. Falou do meu pai, do toré que ele dançava, falou da minha bisavó e da contribuição dela na reconstituição da cultura Xokó, com os ensinamentos do toré.

A voz trêmula e cansada. A conversa ganhava espaços em silêncio, seus olhos firmes para mim, me contava cada passo daquele início de luta. O frei contou que foi à Ilha do Ouro, foi lá que encontrou Zefinha. Dela e de mais duas senhoras, a Mãezinha e a Cabocla, conseguiu as evidências que necessitava, para dar força à questão. Falou do que o incomodou quando esteve na Ilha de São Pedro, pela primeira vez: o fato dos caboclos trabalharem de 3/1 e a situação de miséria em que viviam. Por diversas vezes parava de falar, os olhos lacrimejavam e voltava a puxar suas memórias. Já se ajeitando para levantar-se, ele falou sua última frase para

mim: *“A Chave da luta dos Xokó está na consciência; em saber que braço forte não é o dinheiro, mas, todos terem consciência que um braço ajuda o outro”*.

Aquela quinta feira, 20 de outubro de 2022, terminava de forma diferente, sabia que a entrevista com o frei era essencial nas minhas pesquisas, era a chave, mas não fazia ideia do quanto seria tocada por aquelas palavras. Aquelas memórias do indivíduo, que fez sua história entre os Xokó, mas não só isso, ele ajudou a escrever uma nova história para um povo que vivia resignados na miséria, conformados com a situação com a qual viviam; começando dessa forma uma nova história, não mais de caboclos que viviam em terras alheias, porém de indígenas que reivindicavam suas terras, que foram usurpadas por fazendeiros.

Em dezembro de 2022, o frei fez 80 anos, uma missa foi celebrada em sua homenagem. Os Xokó vão prestigiar o frade que, naquele local, vai receber homenagens do povo sertanejo, povo, que vê em Frei Enoque o símbolo de bondade e coragem, por ele chegar no sertão sergipano e se incomodar com a miséria que presencia. Por essa razão, se coloca ao lado do pobre sem-terra, do índio sem território e sem identidade, entra em lutas, a fim de transformar a vida do sertanejo, e o sertanejo reconhece essa força. Por isso muitas comunidades do sertão, representadas pelos seus líderes, foram saudar o frei, onde fizeram homenagens e agradecimentos a ele.

Por fim, frei Enoque segue com a saúde debilitada. Oferecer ao meu leitor um pouco da história desse homem, no meio da história do Povo Xokó, é o mínimo. Sabemos que muitos “espinhos” os Xokó suportaram, na luta árdua de retomada, mas o homem que ensinou aos resignados caboclos da Caiçara a lutarem, foi Frei Enoque. Ele mostrou que não era normal, nem natural a situação que os caboclos da Caiçara viviam, ele se incomodou, e não se acomodou, partiu para a luta, mostrando todos os caminhos da luta para os caboclos. Aqui estamos nós, indígenas da etnia Xokó.

### CAPÍTULO III

No terceiro e último capítulo, abordaremos um dos momentos considerados pelos Xokó como o mais importante em sua história contemporânea. O capítulo leva o nome: Na busca dos mistérios não revelados. É um capítulo que mostra a busca dos Xokó de Sergipe pelos conhecimentos do sagrado Ouricuri e a revelação do Cacique da Natureza, ocorrida em 03 de maio de 2003, onde, segundo os Xokó, irá proporcionar mudanças nas estruturas locais da aldeia, tanto no que diz respeito aos assuntos políticos, quanto culturais e religiosos. É no sagrado ritual do Ouricuri que os Xokó vão descobrir os mistérios, que, até então, não conheciam. Dessa maneira, como o assunto é de grande importância para os Xokó, e como sou uma Xokó, não poderia ignorar tal evento em minha dissertação. Para tanto, o capítulo foi dividido em 4 partes. **1. Ouricuri: De volta à terra de Itamariná**, falo de um retorno, como acreditam os atuais Xokó, a uma volta aos hábitos dos seus antepassados. A partir do ritual do Ouricuri, a natureza lhes dá o Cacique de Itamariná, esse é considerado o local sagrado e encantado, na visão dos Xokó. Então, nessa primeira parte, falarei da descoberta do Ouricuri pelos Xokó e a partir dessa descoberta, a revelação do Cacique da natureza. Na parte **2 Última fase da retomada Xokó: maio de 2003**, é uma parte descritiva, não de minhas experiências enquanto Xokó, mas de outrem que as vivenciaram e relataram a mim. Será uma descrição do momento da revelação do Cacique, vista e entendida por mim, como a última etapa das retomadas Xokó. Na parte **3. Jurema: o alimento da fé**, fala sobre a importância da bebida e do seu surgimento entre os Xokó. Na parte **4. Xokó e a natureza pós revelação**; faz uma abordagem, que trata das mudanças que a revelação do cacique da natureza vai trazer, para a aldeia Xokó, encerrando o capítulo com um texto sobre o cemitério dos caboclos, pois visou mostrar as visões acerca do antigo cemitério, e como depois da revelação essa relação vai ser modificada.

## CAPÍTULO III: NA BUSCA DOS MISTÉRIOS NÃO REVELADOS

### 1. O Ouricuri: De volta à terra de Itamariná

Não largo o meu cocar<sup>15</sup>,  
não largo meu maracá,  
na tribo eu sou um guerreiro,  
pintado de ITAMARINÁ,  
o Ouricuri vive em mim;  
quem viveu vai lembrar,  
a força que ainda reina,  
para sempre irá reinar

**Figura 31:** Serra do Surubim



Em primeiro de maio de 2023 recomencei as entrevistas, que havia pausado para dar início a escrita do primeiro capítulo; lembro que fui até o cemitério dos Caboclos, pois seria sobre o

---

<sup>15</sup> O toré acima é de produção dos Xokó. E fala de Itamariná, uma expressão bastante recorrente que surgiu junto com a revelação. No ritual do Ouricuri, o cacique bá é chamado de Cacique de Itamariná. O toré acima mostra a relação íntima entre Xokó e Ouricuri. Os pintados de Itamariná são um grupo de jovens que assim se identificam, eles se consideram os guardiões de sua cultura e tradição, mantendo a força da natureza no meu do seu povo.

contato ancestral e atual que os Xokó têm com o dito cemitério, o qual dissertaria a partir daquela data. Falar sobre os caboclos é especial para mim, já que meus pais e avós eram chamados de caboclos, mas eles falavam deles como se fossem um outro ser, que não fossem eles. Então, começava esse novo ciclo com muitas interrogações; os caboclos, antes índios e agora Xokó. Tenho muito respeito pelo memorial e imemorial que o lugar representa, não é apenas um local, mas tudo que ele, sempre, simbolizou para mim: O local onde os caboclos (índios) estavam enterrados, porém não era só isso, era todo o misticismo que foi criado em torno do lugar; onde se recebiam curas, assopros, onde há mal assombros, onde os cabocos assustavam, a quem desobedecesse aos limites impostos pelas lendas.

Naquele primeiro de maio, não por acaso, aproveitando o ensejo da saída ao cemitério, passei pela casa de seu Gírleno, ele estava como ficava todas as manhãs, em sua cadeira de balanço, embaixo do pé de tamarineiro, a olhar para baixo, tomando sua fresca de cada dia. Todos os dias ele se põe a ficar naquela cadeira, olhando o transitar quase inerte da sua aldeia. Quando o dia está para sol, custa-me a acreditar que exista lugar mais quente; aproximei-me dele e ele começou a rir, eu sabia que estava o incomodando naquele momento, em que o próprio, chama de “momento de descanso.” Uma criatura, a qual ele viu crescer, se aproxima com muita seriedade e te pede uma conversa. Embaixo daquele tamarineiro, como sempre, começamos a conversar, mais uma vez, sobre a história que ele ajudou a tecer os fios.

É sabido que o processo de retomada iniciado em 1979 foi o início para uma luta bem maior, daqueles que se diziam indígenas descendentes do último grupo de Xokó que habitou a Caiçara, mas não só descendentes, eles eram os índios que o Estado transformou em caboclos. Queriam, a partir de então, recobrar o reconhecimento de sua indianidade. Já foi muito falado no transcorrer de linhas que, na Caiçara, dominada pela família Brito, os caboclos eram praticantes da cultura popular, onde o Samba de coco e o reisado eram as principais diversões dos caiçareiros. Em 1979 renasce a questão indígena em Sergipe, a reivindicação partia, exatamente, da região onde os censos registravam os últimos descendentes dos nativos, já sendo tratados como misturados, acaboclos e confundidos em meio à população.

Como nasceria os aspectos culturais e tradicionais, ora exigidos, para que os retomados Xokó tivessem esse reconhecimento efetivado? Muito já falamos do processo de apreensão do toré, agora precisamos adentrar para saber como nasceu o Ouricuri dos Xokó contemporâneos de Sergipe. O reconhecimento da indianidade partia de o grupo ter ou não Ouricuri, uma vez que, nesses espaços, era praticado o “verdadeiro” toré; então o Ouricuri passa a ser critério para

tal reconhecimento. (Grunewald,2005, p.17). Algo me deixa inquieta com tal medida, mas a função do historiador não é questionar os fatos ocorridos, o que eu me pego a pensar é na diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil, que foi totalmente ignorada quando tal critério foi adotado. Mas quando se trata de uma minoria devastada e ignorada, a pergunta é: o que foi levado em conta na história das minorias do nosso país?

As práticas ritualísticas do toré e Ouricuri não serão critérios para o reconhecimento da idianidade Xokó, as pesquisas realizadas por Dantas e Dallarís publicadas no Livro Terra dos índios Xokó, em 1980, fora um subsídio importante para efetivação desse reconhecimento, assim como os levantamentos feitos pela antropóloga da FUNAI Delvair Mellati. O Ouricuri dos Xokó vai começar exatamente por exigência, não do SPI, mas dos próprios Xokó, que serão questionados pelas demais aldeias.

Toda aldeia e todo índio têm que ter Ouricuri. Essa indagação ouvi minha vida toda. Nos dias de hoje essa expressão ainda existe, principalmente para alertar aos jovens sobre os perigos que corre nossa nação, se eles não lutarem pela manutenção de sua cultura e tradição. Como sou Xokó, mulher, mãe e professora estou sempre ocupando um lugar que, talvez, não me pertença, dentro da vida dos meus alunos, que é o de alertar para um futuro incerto, caso não continuarmos no Ouricuri. O nosso ritual sagrado do Ouricuri pode ter nascido por obrigação e necessidade de afirmação, mas hoje tenho a plena convicção que o ritual do Ouricuri fortalece nossas raízes.

Em conversa com Gírleno, ele se mostra bem claro, quanto a descoberta do ritual do Ouricuri: *“Entre idas e vindas, conversas e reuniões decidimos por fazer o Ouricuri, Sempre orientado pelos parentes de Kariri-Xocó”* Gírleno Xokó. Ele cita:

*“Em relação os Ouricuris por aí, são muito restritos, principalmente colégio que é povo que tem uma parte de gente daqui e a gente nunca teve acesso. Uma das vezes Raimundo foi a colégio, foi para ver o ambiente físico do Ouricuri, não foi participar, foi ver como era. Ele voltando falou da recepção que teve lá, o pessoal tava curioso [...], mas não aconteceu nada depois desse encontro”.*  
(Entrevista com Gírleno Xokó).

Gírleno fala de uma visita, que foi retratada por Clarice Novaes da Mota, onde ela cita que o pajé Xokó teria ido a colégio para participar do Ouricuri dos Kariri-Xocó, onde teria

recebido algumas instruções sobre o ritual. “O pajé Raimundo foi convidado para participar de um Ouricuri dos Karir-Xocó. Lá certamente aprendeu os torés dançados durante a grande festa de iniciação e de afirmação da fé indígena, conseqüentemente de sua identidade enquanto da Terra”. (Mota, 2005, p. 178). Segundo a autora, seria a partir dessa visita do pajé Xokó aos Kariri-Xocó, que o povo Xokó dará início a uma verdadeira revolução nas suas tradições e crenças (ib;id). Como podemos perceber, existia uma caça ao “tesouro”, os Xokó de Sergipe continuavam na busca por retomar sua cultura.

“Quando finalmente o pajé Raimundo foi recebido como convidado especial do Ouricuri, a ocasião foi tida como de grande honra para ele. No entanto, ele não teve, na ocasião, permissão para reproduzir nada do que aconteceu dentro da ilha de São Pedro, já que os Xocó de lá ainda não estavam devidamente preparados. Mas ele poderia começar a trazer as mensagens que estava aprendendo a receber, a fim de re-acostumar seus parentes sobre os velhos caminhos dos seus ancestrais” (Mota,2007, p.104).

Quinta feira, 18/01/2024, fui até Colégio conhecer e, conseqüentemente, entrevistar o pajé Júlio Suíra, com o qual tive o prazer de conversar e conhecer um pouco mais de nossa história, que por vezes, é uma história em comum com a do mesmo. O pajé me recebeu gentilmente e se prontificou a me receber, quantas vezes eu precisar; voz cansada e passos lentos, homem sábio que por algumas horas que estive, ali, sentada com ele, modificou todo o meu modo de ver nossa história e a construção dela. O pajé Kariri-Xocó fala que, na época, eram apenas cinco aldeias, contando com os Xokó. Ele fala que estavam ajudando uns aos outros, uma luta em que os pequenos precisavam se ajudar. Então a ida do pajé Xokó até as possessões religiosas dos Kariri-Xokó, era uma forma de ajudar aos parentes de Porto da Folha a se erguer culturalmente, *grifos meus...* Perguntei ao pajé se ele lembrava dos Xokó, procurando neles (os Kariri-Xocó) conhecimento sobre o ritual do sagrado do Ouricuri; ele pausou e olhando para o telhado, como quem puxava suas memórias, fala que foi procurado pelos Xokó naquele contexto e cita:

*“Eu disse a eles: Ali tem origem, Ali tem origem. Eu insinuei. Vocês não podem pegar. Não pode sair nada daqui pra lá, porque já veio de lá pra aqui, vocês têm que usar lá, a origem de lá, o modo de vocês. Aquilo ali já sabe, para a pessoa ir pra lá pra fazer sua penitência, seu modo, tem que se concentrar em três dias, de coração e alma limpa, entregar a Deus, primeiramente. Quando chegar lá faz suas preces, dançar o toré do modo de vocês, pedindo a Deus e ao ambiente garantia, que são cobertos”.*

Descobri naquele momento, que o segredo descoberto e experienciado pelos Xokó, há 20 anos, é uma experiência secular entre os Kariri-Xocó. Eles me pareceram bastante íntimos com

tudo que lhes perguntava, não era novidade, nem segredo, no entanto, eram bem cautelosos ao falar dos assuntos do ritual sagrado do Ouricuri. Acredito que os caminhos foram diferentes, até porque os dois povos viveram processos diferentes, cada povo tem uma maneira de realizar seus rituais, como ressaltou o pajé; contudo os caminhos podem ser diferentes, mas o destino não. Todos buscam na natureza uma força ancestral encantada, é por meio dessa força, que se mantêm firmes e fortes na caminhada do ritual sagrado do Ouricuri. Essa força que está encantada que, segundo o pajé, é viva; é ela também que protege o Ouricuri e a todos aqueles que acreditam neles, nos encantados da natureza.

No Ouricuri dos Kariri -Xocó é proibido à participação de outros indígenas, apenas os Fulni-ô podem participar do ritual, isso devido a relação secular entre os dois povos, fora essa exceção, não é possível outro povo ter conhecimento, nem pisar na terra sagrada do Ouricuri dos Kariri-Xocó. De acordo com o Senhor Girleno, o pajé Raimundo não teve acesso ao ritual, presume-se que ele tenha visitado o Ouricuri em um dia fora dos rituais, uma vez que se entende o ritual, não o espaço físico na mata, mas a realização de rituais indígenas pelos participantes deste, dessa forma, o pajé Xokó retorna para aldeia com novidades, todavia, essas novidades não provocam mudanças em relação à realização do ritual. A formação cultural dos Xokó partiu de um esforço deles mesmos, em buscar sua reconstituição enquanto povo, mas também contou com a colaboração dos Kariri-Xocó de Alagoas, nos quais os Xokó têm muitos amigos. Existe um esforço e uma colaboração mútua dos povos retomados, como ressaltou acima o Pajé Kariri-Xocó. Embora sendo de estados diferentes, o elo ancestral ainda unia os transferidos aos que permaneceram na Ilha de São Pedro.

Nos anos 90, o cenário nacional viverá algumas mudanças em relação às organizações indígenas, que começaram a surgir por todo o país. Nesse contexto, Girleno fala da criação da Apoime e de sua primeira assembleia, que será realizada na Ilha de São Pedro. Ele começa falando:

*“Em 1991, quando começou a organização indígena, a APOIME foi efetivada aqui, foi a primeira assembleia aqui na ilha de São Pedro, então foi tendo mais aproximação com os índios. Comecei a frequentar; conversar com o povo de colégio, eu dizia gente me forneça algum elemento para que a gente possa começar, mas eles sempre diziam que não podia dizer, que a gente dançasse o toré em algum lugar e pedisse a proteção divina para orientar vocês, e a gente começou, quando eu cheguei tivemos uma reunião e a gente começou em um dia de sábado no campo de lá de baixo onde hoje é a escola”*

Será a partir daí que os Xokó viveriam a experiência do Ouricuri, depois de muitas buscas e conversas com os parentes de Kariri-Xocó. Girleno cita, que reúne o pessoal e todos

concordam em começar as atividades ritualísticas. No antigo campo de futebol, onde hoje é o Colégio Indígena, foi lá o espaço mais afastado, nas possibilidades dos Xokó, para começarem a prática do ritual. Gostaria de falar um pouco de como esses rituais, que ainda estão vivos em minhas memórias, ocorriam, e como os mais velhos, na pessoa da tia Enói, alertava-nos, se caso zombássemos do ritual. Em noites de lua cheia, me recordo do campo de futebol, foi lá onde a prática do Ouricuri começou, ficava a poucos metros do centro da aldeia, nem todos participavam do ritual, mas os que iam eram bem-dispostos nas danças que ocorriam no recinto, naquelas horas não se tratava de um campo de futebol, mas do Ouricuri, onde estávamos aprendendo os rituais indígenas. Uma roda gigantesca era formada. A lua, muito clara, proporcionava uma noite agradável e, muitas vezes, tensas.

Embora eu fosse uma criança, na época, recordo-me que nesses rituais, o pajé Raimundo servia a jurema para todos. com o calor que fazia, muita poeira e cansaço, levava-me a procurar a jurema, mais para saciar minha sede e aliviar minha garganta seca, do que para outro fim. A lua era a grande atração dos rituais, que aconteciam na ilha. Eu sempre me perguntava pelos mistérios, tão aclamados pelos mais velhos, que eu não conseguia ver, nem sentir, naquele contexto. Creio que nem eles conseguiam ver ou sentir algo.

Quando a Jurema passa a ser uma prática rotineira nos rituais, nem todos poderiam beber da água sagrada, preparada pelo pajé. Lembro-me que os mais velhos sempre falavam, que moça de corpo aberto<sup>16</sup> não deveria tomar da Jurema, devido ser amarga, pois poderia causar alguns efeitos, não agradáveis, nela. Então, mesmo já sendo uma bebida considerada sagrada, existia essa restrição. Entretanto, cabe ressaltar que essa restrição não acontece nos dias de hoje, cabendo a cada participante do ritual decidir o momento de tomar a jurema. A jurema nos dias de hoje significa cura e purificação, isso independe do corpo está “aberto” ou “fechado”, inclusive tenho usado bastante a expressão “beber da jurema para ‘fechar’ meu corpo”, logo a bebida tem uma nova configuração para mim, e certamente, para muitos Xokó.

A busca incessante dos Xokó pelos mistérios não revelados, mostram-me, hoje, que eles não sabiam o quê, mas existia um mistério no ser indígena. Recordo-me, também, quando numa tentativa de tornar o Ouricuri, um mistério, os Xokó pendem para um terreno que ficava do lado de cima, e onde hoje é um campo de futebol, como foi o primeiro espaço do Ouricuri, por ter ficado na parte de cima, os ventos não levariam os cantos e rituais aos que não participavam,

---

<sup>16</sup> O corpo aberto na linguagem dos Xokó, é a moça que estiver “doente” mulher menstruada, ela está de corpo aberto. A mulher menstruada deveria evitar a jurema, isso quando surgiu o Ouricuri entre tal povo.

eles os levariam para o além. Relembro-me de alguns rituais e a figura de tia Enói, como sendo, o que eu tenho de mais memorável daqueles rituais realizados a poucos minutos de nossas casas.

A tia Enói era a rainha, sempre pronta com os sermões, todos, com o intuito de nos mostrar os caminhos que ela considerava certos; lembro de muitas crianças como eu, jovens e a maioria adultos, participando dos rituais; meu pai sempre participou dos também, eu ficava olhando seus passos, para não o perder de vista. Tinha receio de retornar para casa sozinha, era um retorno sofrido, uma vez que, várias histórias sombrias eram contadas, em torno do terreiro, por aqueles que não dançavam, mas iam, para ficar à margem da roda a contar histórias. Minha mãe sempre reclusa de absolutamente tudo, na aldeia, nunca participou do ritual, não me lembro de tê-la visto algum dia dançando um toré, é uma mulher encabulada, que a introversão sempre foi uma marca dela. Para participar desses eventos eu ia na sombra do meu pai, da minha tia, quando participava ou da própria tia Enói, que era a referência.

Os anos se passam, os mistérios não foram revelados, os Xokó não conseguiam achar o que os seus ancestrais perderam. Por isso decidiram, mais uma vez, retirar o Ouricuri dali e levá-lo a outro espaço. Em entrevista com Girleno, ele me relata o momento que teria recebido um “toque” de Deus, para retirar o ritual daquele local, ele fala claramente em um pressentimento e externou esse sentimento aos demais, que não se opuseram, acordando para a mudança, que vai ser efetivada em 17 de fevereiro de 2001, onde em um dia de sábado à noite, os Xokó colocam os pés na Serra do Surubim. Seria a Serra do Surubim, a terra de Itamariná? Sobre a ida ao morro do Surubim, para realização do ritual Girleno Xokó cita:

*Eu tive uma ideia, foi Deus que me deu essa ideia, foi um toque, um toque de Deus para a gente sair do campo e ir para outro local secreto, então sugeri que procurássemos o terreiro dos antigos, chegando lá tinha um limpo que nunca nascia mato, tinha uma roda, que todo canto nascia mato, mas lá não nascia, então limpamos e ficamos lá, no nosso íntimo sabíamos que estávamos procurando alguma coisa, nosso íntimo sabia que tinha um mistério que precisava revelar. E um certo dia, a gente se preparando para ir, nesse dia eu tinha ficado porque tava limpando um milho, depois chegou Jair e disse padrinho Girleno vamos subir que o movimento lá não está normal não. E quando eu cheguei eu gritei que eleições de Cacique nunca mais. Eu nem sabia o que tinha acontecido. E Zezé me disse olhe Girleno, nosso cacique foi revelado.”*

Quando os Xokó vão para a serra do Surubim, local onde o Cacique da Natureza “desceu”, eles sentem uma energia diferente, sentem que estão mais perto dos mistérios que seus parentes Kariri-Xocó falaram, embora, se negando a dar informações sobre o ritual do Ouricuri aos retomados Xokó, que naquele contexto não sabiam de práticas religiosas, as quais pudessem ligá-los à natureza; aqueles dão apenas pistas, como falou Girleno, dá a serra do

Surubim como um caminho. Com muita propriedade em tudo que me falava, o pajé Júlio Suíra falou das histórias que ouvia dos seus antepassados, sobre a morada na Caiçara. No meio de uma conversa sobre o pajé Raimundo, ele soltou uma frase: “*O morro do surubim, ali é lugar sagrado*” e continuou: “*Ali, aquele morro do Surubim, ali é como se diz, poucos tem conhecimento ali, agora eu tenho esse conhecimento, aquele morro é sagrado, tem poder*”. Perguntei de onde vinha esse conhecimento sobre o local que falava e ele respondeu que lá, no morro do Surubim, foi o antigo Ouricuri, ele ouvia essas histórias dos antepassados, que foram para colégio na busca de refúgio. O morro do Surubim é visto, depois da revelação, como um lugar sagrado e poderoso para os Xokó. Foi lá na serra do Surubim, que os encantados usaram os gaviões para derramar a força do Cacique, no jovem Xokó.

O termo encantado vai surgir entre os Xokó, depois da revelação ocorrida em maio de 2003, o termo vai ser usado, então, para se referir a um ancestral Xokó, que está aos proteger. Em entrevista que realizei com José Nunes de Oliveira, cujo nome indígena é Nhenety, dos Kariri-Xocó, perguntei sobre a relação do povo dele com os encantados, era uma forma que buscava de aproximar as atividades ritualísticas dos dois povos, através desse ser, o encantado, que surge a partir do Ouricuri. Senti que ele não queria falar sobre o assunto, primeiro me disse que aquilo era tabu entre seu povo, perguntei se era visto como negativo e ele disse, que dependia como cada povo via, entendi que ele falava das construções que existem acerca dos encantados. Sobre o tema, o pajé Kariri-Xokó fala em entrevista a Clarice Novaes da Mota:

O Ouricuri foi e sempre será nosso, porque os encantados da floresta, nossos avós, ainda vivem lá. Eles moram nas árvores, nas moitas, nas folhas e nas ervas. Não podemos tirar nenhum deles da mata sem primeiro pedir permissão. Eles são os donos do Ouricuri, nós não! (...) (Mota, 2007, p.70)

Sobre os encantados, assim como o Pajé Júlio Suíra, que acredita que seus ancestrais se encantaram, o Pajé do Povo Xokó, Jair Acácio, na linguagem indígena Tuayri, fala que os encantados são seres do bem, são os ancestrais Xokó. Ele ressalta: “*Os encantados não têm poderes, o criador tem poderes, mas a força dos encantados desce com calor e guia os atuais Xokó pelos caminhos que os leve a preservar suas tradições; são eles que os ilumina e faz cantar e dançar o antigo toré*”. Antes de 2003 nunca havia ouvido essa expressão: encantados; não se falava. De certo modo, o jeito que o parente José dos Kariri-Xocó falou de tabu, de início, fiquei confusa do entendimento deles sobre o assunto, fiquei com receio de aprofundar,

mesmo assim, insisti sobre os encantados, foi então que ele falou sem mais explicações que, encantados é o nome dado pelas misturas das crenças e religiões.

Os encantados são a ancestralidade que não vemos, mas conseguimos sentir e ouvir. Encantado é alguém que está na raiz, é a origem, um dia muito longe esteve matéria, que se encantou, esse é o encantado, se encantou nas árvores, na mata e se manifesta nos pássaros, eles estão por toda a mata e como falou o pajé: só quem acredita pode identificar um encantado. Esse sentimento é ainda mais nítido no Ouricuri, sentimos uma força que vem de uma caatingueira, de um gavião que passa no céu, é dessa forma, usando os elementos da natureza que conseguimos comunicação com os encantados da natureza.

Sobre os Encantados o pajé Júlio Suíra fala:

*Ouricuri é a vida do índio, a proteção dele, é o Ouricuri, os sobreviventes do Ouricuri não são mortos não, é do pai eterno, são entregue ao nosso senhor, nosso senhor Jesus cristo, que é o dono do mundo. Quem acredita gosta muito deles, passa por qualquer um de nós, assim, mas a pessoas não conhece, são vivos, são vivos, e esse povo é que toma conta do Ouricuri e da caça e do pão dele, o que eles querem é que a pessoa sempre acredite e cumpra o dever deles. Os encantados não são mortos, eles são vivos, eles se encantam para... não sei, mas eles passam junto de nós, ao vivo no meio da gente, mas tem gente que não conhece, não vê, ele tem a missão de proteger o povo dele. (Entrevista realizada em janeiro de 2024)*

Sobre os encantados Andrade 2008 também destaca:

Os encantados ou encantos são seres vivos, que não passaram pela experiência da morte e, portanto, distinguem-se dos espectros dos mortos [...] por terem passado por um processo volitivo de encantamento (suplantando a imperatividade da morte), que os transformou em pessoas invisíveis (ANDRADE, 2008, p. 244).

Portanto, no segmento cultural dos Xokó, que se formou em 2003, os encantados passam a ser visto com grande prestígio, pois esses entendem que seus ancestrais se encantaram nas matas. Uma caatinga, uma imburana, um mandacaru e qualquer árvore que emita essa energia pode ser considerada um encantado, se a força dele está ali, logo o encantado está. O pajé Xokó relatou-me um acontecimento, que podemos dar comprovação ao que estou afirmando. O mesmo fala de um episódio que ocorreu na serra do Surubim, muito antes dele

ser pajé. O pajé na situação era Raimundo, que faz um discurso sobre a chegada do futuro pajé dos Xokó e nessa celebração o pajé Raimundo passava um ramo de catingueira pelas mãos de todos os Xokó, sendo que a parada final foi nas mãos daquele que, hoje, é o nosso pajé. Sobre aquele dia, o pajé Jair fala que, ao pegar no ramo de caatinga, sentiu todas as sensações de pegar em uma mão humana. Ao mesmo tempo em que pegava o galho da catingueira, de olhos fechados, Jair Acácio, que na época era apenas mais um guerreiro do cacique revelado, sentiu que *“não era apenas um ramo de catingueira, era na mão de um encantado que eu segurava”*.

Ser o campo oferece-me muitas vantagens. Esse relato do pajé Jair, consegui em uma manhã de aula vaga, no colégio indígena no qual trabalho; ele como é agente de saúde, fazia uma visita rotineira na escola, foi aí, que juntamente com a secretária da escola, que é minha amiga, prima e madrinha, começamos a conversar sobre os caminhos do nosso povo. Foi uma conversa longa: falamos dos processos eleitorais que elegiam o pajé, falamos do nosso antigo modo de fazer toré e Ouricuri e, ao final, falamos da revelação do cacique da Natureza, que de certa forma é o centro de minhas pesquisas nessa etapa final. A antropologia tem me permitido descobertas, tenho descoberto uma nova Ianara, que tem transformado os velhos conceitos formados. Essas experiências que vou escutando no transcórre de cada etapa é um desafio para mim. É desafiador, enquanto mulher, filha, mãe, esposa e Xokó; falar, sem pecar, sobre um dos maiores acontecimentos de nossa história contemporânea.

No próximo tema, falo do reencontro dos Xokó com sua Ancestralidade. É a chance de um recomeço para um povo, para uma cultura e suas tradições. Quando comecei a escrever sobre a revelação do Cacique Bá, estava muito ansiosa e cheia de receios sobre o que eu iria falar, sobre o que eu poderia falar. Em uma certa noite, tive um sonho de quando ocorreu a revelação, nesse sonho uma voz dizia que a revelação foi a última fase da retomada dos Xokó. Entendi o sonho como um direcionamento, de como iria escrever as próximas linhas de minha dissertação. No dia 03 de maio nascia um Cacique e Renascia, com sua força, o seu povo. A cultura do Povo Xokó vai ser reconfigurada, se não transformada, pois tudo que haviam apreendido por cultura e tradição depois de 79, vai ser modificado com a revelação, fazendo surgir o sentimento de pertencimento e uma ligação forte com a natureza. Então a revelação do Cacique Xokó passa a ser um grande marcador da história recente desse povo, dando início a última retomada.

## **2. Última fase da retomada Xokó: maio de 2003**

Com a retomada do Ouricuri novos horizontes vão surgir para os Xokó, a caminhada à procura de segredos e de ensinamentos vai transformar os entendimentos sobre o ser indígena entre os Xokó. Algo me chama a atenção sobre uma passagem de Clarice Novaes da Mota (2005), a autora fala que seu primeiro contato com os Xokó, levou os mesmos a pensarem que ela estava ali para ensinar a cultura indígena ou ajudá-los na recuperação de uma tradição, ora perdida. Cresci em um ambiente de procura. Sempre ouvia alguém falar, vocês têm que procurar a cultura, manter a cultura; nós, jovens e crianças, futuro da aldeia, tínhamos que proteger o que a retomada nos devolveu, então, nossa missão era aquela: segurar as conquistas dos nossos pais, buscar caminhos de preservá-las.

Naquele momento de sua história eles estavam começando a se re-identificar com seus ancestrais Xokó. No entanto, eles estavam definitivamente tentando definir sua identidade Xokó. Eles pensavam que eu, sendo uma antropóloga (mas também acreditavam que eu era uma freira, já que tinha chegado com frei Enoque), poderia ajudá-los nesta questão (Mota, 2007, p.39)

Na aldeia, sempre tivemos uma visão clara do quanto nos distanciávamos dos preceitos, ora estabelecidos para o biotipo indígena, sempre soubemos que olhos puxados não tínhamos, cabelos lisos, a maioria também não possuía, entre várias características que remete ao nativo do Brasil, não condiziam com nossa realidade. Mas crescemos em um ambiente de resistência, tudo era uma luta sem fim, noção de preconceito e racismo só tínhamos quando saíamos da nossa Ilha, pois víamos dedos apontarem para os chamados índios de mentira, que éramos nós, os Xokó de Sergipe eram os índios de mentira. A história era o laço mais forte que unia os ancestrais Xokó com os recém retomados, história comum a história genocida, sobre qual se construiu nosso país.

A terra é de índio, a história é de índio, mas o povo não parece com indígenas, não com aqueles que o colonizador matou. O imaginário do povo Xokó, sobre a antropóloga Clarice vir ensinar a cultura, em 1983, foi o que durante muitos anos eu ouvia, fulano vem ensinar a cultura, beltrano veio ensinar o ritual, os torés. Sem dúvida a consciência dos Xokó em relação a um povo diferenciado estava em seu subconsciente.

O encontro com o ritual do Ouricuri, relatado acima, os Xokó não mais modelarão a sua cultura, mas esses vão ser moldados pelo ritual sagrado do Ouricuri. A caminhada a outros povos na tentativa de “aprender e apreender algo” vai cessar, na medida que entram em contato com o Ouricuri, com os mistérios que a mata guardava. Novos caminhos vão ser abertos pelo ritual do Ouricuri, os mistérios não revelados, vão ser revelados sem nenhuma cautela, apenas

exigindo que esses permaneçam no crivo do que é mistério, do que é segredo. Os torés que se seguem, descrevem todos os acontecimentos do dia da revelação, todos os elementos presentes naquele instante foram descritos nas letras dos cantos abaixo.

### **O cacique Bá Reinou**

Cacique bá reinou

O dia foi aquele

Que Marajó gritou:

É ele, é ele...

E o pajé gritou...

É ele, é ele...

E a rainha gritou:

É ele, é ele...

As crianças " gritou".

É ele, é ele...

E a natureza falou...

É ele, é ele...

### **Nasci no dia 03 de maio**

Eu nasci no dia três de maio...

Na serra do surubim...

Eu sou pereiro, balanço e não caio...

Porque Tupã habita em mim

### **03 de maio**

Três de maio...

Surgiu na mata.

Três de maio...

Ô rê a rá...

Três de maio...

Ô lê meu cacique...

Três de maio...

Cacique ba.

### **A casa de pedra**

Uma casa de pedra...

Um pé de babão...

E uma catingueira...

Um cacique da mata...

No pé da fogueira.

Ele cantava, ele encantava...

A tribo inteira...

Um cacique da mata...

No pé da fogueira.

*Todos os toré acima foram feitos por Xokó, depois da revelação do Cacique*

**Figura 32:** Cacique Bá, setembro de 2022



Foto do acervo pessoal da autora

Os dias se passam e é chegado o dia do ritual, era 03 de maio de 2003, era de costume a ida para o ritual, ser à tarde, nesse dia foram pela manhã, não dormiam no Ouricuri, nesse dia resolveram pernoitar por lá.

O cenário estava pronto para a chegada do Cacique da natureza, foi a primeira vez que ouvimos a expressão Itamariná, o cacique de Itamariná chegou e reinou. O espírito ancestral desceu, no então jovem Lucimário Apolonio, derramando a força do Cacique sobre ele. Nascia naquele momento um cacique e junto com sua força renascia um povo, o povo Xokó. As narrativas, que serão apresentadas a seguir, trata-se de um dos momentos mais marcantes da história contemporânea do povo, do qual disserto e do qual também faço parte. Todas as descrições fazem parte de entrevistas e de vários depoimentos, que consegui em uma celebração alusiva ao dia 03 de maio, realizada em maio de 2023. Não descrevi, aqui, minhas experiências sobre o ocorrido, tenho em mim, que revelar o que vi estaria, talvez, transgredindo a regra do segredo do Ouricuri, mas como são relatos de outras pessoas, não estaria, eu, traindo o segredo, assim como não vejo os entrevistados e os relatos, como tais. Maio de 2003:

***Cacique Bá:** “quando eu me acordei me veio na cabeça o nome de duas pessoas, Deus mandou eu chamar Mauricio e Denison, aí assim que me levantei, eles foram as primeiras pessoas que primeiro vi na rua, eles menino, e fomos para o Ouricuri.*

*Quando cheguei lá sentei em uma pedra que até hoje tá lá que eu chamo de pedra do surgimento, pois eu estava sentado nela no momento, aí comecei a falar nomes de lideranças xokó que já se foram, como uma pessoa que está morrendo, do nada falar sobre as pessoas que já se foram e de repente uma nuvem de gaviões se aproximou veio, veio até que fizeram uma roda encima da gente, era uma faixa de 20 a 30, muitos gaviões, eu disse olhe, eles baixaram uns 4 metros, fizeram uma roda como se tivessem dançando toré, um gavião desceu de peixinho e bateu as asas e eu recebi o banho espiritual que contagiou a aldeia toda”.*

Nesse ponto da entrevista perguntei a Bá se naquele momento ele se tornou Cacique, ele disse que sim, mas nem ele sabia, apenas algumas horas depois é que se terá a afirmação de que ele é o Cacique, pois até então todos estavam sem saber o que estava acontecendo. Perguntei a Bá sobre o dia da revelação ter sido um reencontro, ou encontro com a ancestralidade Xokó.

*Isso, claro que sim, mesmo porque o alicerce da gente, para a gente se inspirar, era contada a história dos nossos guerreiros que já se foram. Então esse surgimento veio com esse passado, com a força que eles deixaram nas matas, no Ouricuri, o surgimento veio acompanhado com a força desse povo, o desejo deles de ser livres, libertos de praticarem sua cultura, então essa espiritualidade veio de uma força deles e quando eles contavam a história da rainha, as boas vontades deles de serem livres cantando o toré.*

Ainda sobre o momento da revelação, em uma celebração realizada na igreja de São Pedro, em maio de 2023, vários depoimentos e até uma encenação sobre a revelação foi feita, para que todos pudessem depois de 20 anos entender como tudo aquilo aconteceu e modificou a aldeia. O relato de Denisson Santos Silva (Den), foi o mais impactante para mim, até mais do que a encenação. Ele conta a história que viu começar:

*Denisson: Numa sexta-feira à noite eu, Bá e Mauricio combinamos de ir no sábado cedo para o Ouricuri, subimos a serra, chegando lá fizemos a parada lá naquela imburana, que é um dos pontos mais forte da nossa caminhada. Bá já estava diferente, lá sentamos nas pedras e ficamos a conversar, Bá saiu para orar quando voltou estava muito diferente, os olhos azulados parecendo olhos de pássaro, 10 minutos depois a gente olhou pra serra do Surubim e vinha de 12 a 15 gaviões, e aí vinham, quando chegou encima da gente, fizeram um círculo. Eu nunca vi uma coisa daquela na minha vida, de repente um gavião sai do meio dos outros, desce e fica em cima de Bá, naquele dia, naquela hora foi derramado o espírito santo em cima de Bá, naquele momento só me lembrei do banho do espírito santo em Jesus Cristo, naquele momento Bá recebeu o espírito de Cacique. Bá estava transformado, naquele dia, naquela hora o espírito santo desceu nele.*

Anisio: *“Aquele gavião representava o espírito santo, assim como Jesus precisou que uma pomba viesse, e que o espírito santo representava aquela pomba”*. (Falas dos Xokó na festa de 20 anos do Cacique da natureza dos Xokó realizada em 03 de maio de 2023).

A relação dos Xokó com a natureza, com os encantados e com o sagrado indígena nascia ali. Minha escolha em abordar essa passagem da nossa história envolve muitas coisas, primeiro fiquei encantada com tudo que ouvia e vi naqueles dias, os torés descrevendo a revelação sempre me foram muito inspiradores, e um detalhe, o toré do Caboclo Lino, que cantavam antes da revelação, sempre mexeu com meu imaginário, enquanto Xokó, mas penso que mexia ainda mais com a historiadora, agora Antropóloga. Lembro-me que esse toré, como supracitado, já foi muito temido, ainda assim, quando todos temia, ele já me causava curiosidade e muito apreço.

Lembro-me de uma vez que esse toré foi puxado no ritual, nessas alturas já tínhamos o Cacique da natureza, eu fiquei ali, à margem da roda do toré, que acontecia em torno da catingueira e do pote de jurema; o Caboclo Lino foi puxado por dois irmãos, Dona Evalda e Petrúcio (in memoriam), eu estava ali, adolescente, imaginando-me, escrevendo essas andanças do Caboclo Lino, fiquei a observar a letra acompanhada por uma forte emoção. Pois bem, muitos anos se passaram e estou aqui escrevendo, não apenas a trajetória do Lino, mas a de todos os indígenas transformados em caboclos, que a história dele representa. Um andarilho como Inocência Pires e todo o seu clã, os Canicor, e tantos outros que foram obrigados a saírem de suas terras, foram expulsos de sua terra mãe, os que ficaram, não ficaram. Os Xokó foram sucumbidos pela alcunha de caboclos da Caiçara, esses agora eram órfãos de terra, sem poder falar de forma alguma sobre sua ascendência indígena, como critério, para permanecerem na Terra. Quando perguntei ao Bá sobre uma possível participação das rezas católicas na hora da revelação, ele responde com convicção: *“não, não fizemos nem uma oração da igreja, nem canto, nem pai nosso, nada, tudo foi acontecendo da forma que te falei”*. Sobre o surgimento do cacique, Bá destaca ainda:

*Não foi reza católica, não foi ninguém que disse ele é o cacique...Eu falo de surgimento, muitos diz que é revelação, eu falo de surgimento do cacique. Eu estava deitado na rede, Jair que era o Cacique e Temá, que sempre foi um guerreiro forte do*

*Ouricuri, teve aquele momento que olhei para eles e eles começaram a contar minha história, falar sobre eu ser um menino que sempre puxava os toré, depois contaram a história do meus pais, quando terminaram de contar a história, Jair começou a gritar é ele, é ele, é ele, e Temá também começou a gritar, no entanto nenhum deles dizia o que, mas eu movido por uma força, balancei a cabeça (Bá faz o gesto que sim), e ai eles disseram o nome Cacique, é ele o Cacique. (Entrevista com o cacique Xokó, Lucimário popularmente conhecido como bá, em outubro de 2023).*

Esse momento relatado por Bá, foi posterior ao banho espiritual dado pelos gaviões. Nesse momento foi quando, de fato, é dado conhecimento a outras pessoas, que os Xokó tinham um novo cacique, agora revelado pela natureza, presenciado pelos guerreiros do cacique. A entrevista realizada com Bá, proporcionou-me revisitar uma história que vi acontecer, à margem dela, estava do lado de fora, na época tinha 14 anos, não participava do ritual, mesmo estando na aldeia. Vi a revelação com indiferença, era uma adolescente e, portanto, não dei muita importância. No mês de junho, daquele ano, comecei a participar do Ouricuri. Foi então que comecei a ver, mas sem compreender muito, tudo aquilo que acontecia.

Depois de alguns meses participando do ritual do Ouricuri é que, verdadeiramente, amadureci minha ideia sobre ele. Quando Bá começou a contar aquela história vi, em suas expressões, de quem acredita e vive aquela força depois de 20 anos. Todas as pessoas com quem conversei, principalmente, as que presenciaram o momento da revelação, apresentam relatos idênticos, divergindo apenas em poucos pontos, sem alterar o resultado. Embora os cultos religiosos cristãos estejam presentes nos rituais Xokó, eles não estiveram presentes e nem foram o provedor da revelação, essa ocorreu inteiramente através dos cultos indígenas e por meio deles.

Em maio de 2003 os Xokó escutaram expressões nunca, antes, ouvidas; o linguajar, assim denominado por trazer a língua ancestral, o muripé abandy ianderú, Itamariná e tantas outras que os fizeram ouvir, os gritos da ancestralidade Xokó. Foram expressões que passaram a fazer parte dos rituais; guerreiros e guerreiras se diziam mensageiros do Cacique, um Cacique que eles entendiam não ser desse mundo material, ao menos sua força não era. Como já mencionado, a revelação marca o renascimento cultural dos Xokó. Daniely relata os acontecimentos daquele dia, da seguinte forma:

*A revelação do Cacique Bá e a Renovação Espiritual do Povo Xokó aconteceu numa manhã de sábado, no dia 03 de maio de 2003. Mesmo sem imaginar o que iria acontecer, já estávamos sendo avisados que algo estava para acontecer. E sem explicação todos resolveram ir para o Ouricuri, naquela manhã, coisa que não era de costume, já que o horário de ida era sempre à noite. Uns foram na frente, entre eles o Cacique Bá, e os demais chegaram depois e perceberam que o Ouricuri estava diferente. O Cacique Bá já tinha recebido um "banho espiritual", por meio da presença dos pássaros, os gaviões. Mas nada ainda havia sido revelado, somente quando todos chegaram aconteceu a Revelação, lá na casa do Pajé Raimundo. Bá estava ao centro, deitado na rede, cheio da força espiritual e todos à sua volta, houve um grande relato sobre a história do Povo Xokó, a história da vida do Cacique Bá e então, a Natureza revelou que a partir daquele momento, Bá seria o nosso Cacique e diante disso todo o Ouricuri foi tomado pela Presença do Espírito Divino, uma força sobrenatural que desceu até a aldeia. Para nós este fato nos trouxe grandes conquistas!! Passamos a ter mais inspirações para produzir nossos artesanatos, para compor nossos cantos, enfim para nos organizar e viver como Povo Indígena. (Daniely Xokó).*

Novos hábitos vão surgir, novos torés vão aparecer para ligar os Xokó à ancestralidade indígena à qual acreditavam pertencer, o sentimento ancestral também nasce com a revelação, o sentimento de pertencer e ser aquela terra, de ser protegido e guiado pela mãe natureza. O Cacique de Itamariná trouxe esperança para um povo, trouxe criatividade e espírito nativo, mostrou que o indígena precisa dos seus encantados e têm encantados, que protege e dar forças aos que ainda não se encantou. Esses fatos fazem-me retornar ao meu sonho. Seguramente, a revelação por trazer todas essas mudanças, para o povo em questão, pode ser vista como a última fase da retomada Xokó, que é quando eles retomam a essência do sujeito indígena que lhes faltava.

### **O gavião**

Gavião é o nome popular dado ao grupo de aves pertencentes à família *Accipitridae*. São aves de rapina com visão e audição apuradas, bico curvo e garras fortes para capturar as presas. Ave da fauna brasileira, está presente na caatinga. O gavião passou a ser um animal sagrada na religião dos Xokó, a partir de maio de 2003. Na imagem abaixo temos o desenho (feito com pintura indígena) nas costas do pajé, Jair Acácio, nas entrevistas que tive com ele, ressalta, essa participação da ave no retomar das vivências dos Xokó. Foi ela que trouxe o espírito de cacique, para o então jovem Lucimário Apolonio.

Sobre o Gavião Bá ressalta:

*“O gavião significa hoje pra mim e creio que para os Xokó o espírito da cultura, foi ele que trouxe a espiritualidade para os Xokó, ele foi usado pela natureza para reinar sobre a gente”.*

**Figura 33:** O gavião como símbolo de força para os Xokó



Foto do acervo pessoal da autora

O pajé Jair fez o desenho do pássaro, para a grande festividade do dia 09 de setembro, como a festa envolve rituais de cunho indígena, ele acredita que a força do Gavião o acompanha, para a realização da grande festa, como supracitado. Durante um almoço na casa do Pajé, ele foi cercado por curiosos que queriam saber a procedência do desenho, foi aí que ele ressaltou a importância dessa ave no ritual do teu povo. Os gaviões desvelaram os mistérios que tanto os Xokó procuravam, eles mostraram um cacique para aqueles, a revelação do cacique irá encerrar um período na história desse povo, dando início a uma outra, agora moldada pela força da natureza, a qual os Xokó acreditam que tem que obedecer, começando assim um novo recomeço em suas histórias.

### **3. Jurema: o alimento da Fé**

A Jurema mostra o mundo inteiro a quem bebe: Vê-se o céu aberto, cujo fundo é inteiramente vermelho; vê-se a morada luminosa de Deus; vê-se o campo de flores onde habitam as almas dos índios mortos, separada das almas dos outros. Ao fundo vê-se uma serra azul; veem-se as aves do campo de flores: beija-flores, sofrês e sabiás. À sua entrada estão os rochedos que se entrechocam esmagando as almas dos maus quando estas querem passar entre eles. Vê-se como o sol passa por debaixo da terra. Vê-se também a ave do trovão, que é desta altura (um metro). Seus olhos são como os da arara, suas penas são vermelhas e no alto da sua cabeça ela traz um enorme penacho. Abrindo e fechando este penacho, ela produz o raio e, quando corre para lá e para cá, o trovão. (Nimuendaju, 1986, p.53).

Na caatinga brasileira a planta que leva o nome de Juremeira, é uma planta de porte médio, um arbusto que chega fácil a 2m de altura, planta que resiste aos longos períodos de estiagem; é também uma planta medicinal, devido suas cascas serem usadas na cicatrização de ferimentos. Desde o período pré-colonial as populações nativas do Brasil faziam uso de bebidas, feitas de cascas de plantas, alucinógenos que faziam o indivíduo entrar em transe, em comunicação com os encantados. O conhecimento do preparo de bebidas, com forte teor alucinógeno, está nas culturas dos povos nativos, as quais são usadas em diferentes situações ritualísticas.

Durante o período colonial, foi registrado queixas de padres e bispos em relação aos índios fazerem uso da bebida jurema, considerada por eles bebida demoníaca que tirava os nativos do seu natural, sendo dessa forma uma transgressão o uso de tal bebida. A introdução da Jurema nos rituais era parte do simbolismo, que estava em torno das cerimônias nativas, onde era possível o sujeito experimentar outras dimensões da vida, em carne e em espírito.

Carta do [governador da capitania de Pernambuco], Henrique Luís Pereira Freire de Andrada, ao Rei [D. João V], sobre o uso que fazem os índios de uma bebida chamada Jurema, informando a prisão de índios feiticeiros em nome do Santo Ofício, e a conveniência de se criar uma Junta das Missões da Paraíba. (Arquivo Ultramarino<sup>17</sup>)

(...) ditos no dia 14 de novembro de 1739 aos índios da aldeia, no destrito das Bananeiras, de que o dt. Capitão mor remeter um treslado, se nem os nomes dos mortos e feridos se declaravam nos autos que se fizerão nella nem se pronunciou mais

---

<sup>17</sup> Registro da primeira perseguição à Jurema identificado no APEJE- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. ( Nimuendaju, 1986)

que um reo havendo testemunhas que depoem contra outras mais (...) ... (...) índios entre aquelas gentes, que parece nenhum escrúpulo (...). (Arquivo Ultramarino<sup>18</sup>).

A jurema se configura como uma bebida utilizada, principalmente pelos índios do Nordeste, onde transforma o ato de ingerir a bebida em forte reafirmação da identidade tradicional. “Para manter suas terras e o que eles consideram ser sua cultura tradicional, os Kariri-Xocó de Alagoas desenvolveram uma relação especial com um complexo ritual mágico religioso, utilizando espécies botânicas como mediadores” [...]. “No entanto, para sobreviverem, os dois grupos fizeram uso extenso de uma ideologia da ancestralidade. Esta é uma ideologia étnica que produz categorias étnicas e classificadores dentro do contexto de relações interétnicas. É através desta ideologia envolvente da ancestralidade que cada grupo construiu uma teoria da existência humana e do cosmo, reclamando seu direito como “índios”. (Mota, 2007: p. 22).

Os rituais indígenas são marcados pelo uso da bebida jurema, onde o pajé é incumbido, pela força da natureza a se retirar para o mato, no qual fará o preparo da bebida. Bebida sagrada para os indígenas, onde ingerir aquele líquido representa a purificação da alma. Muitas são, as pessoas, que buscam na bebida jurema a cura para algum mal que traz no seu corpo físico, outros buscam a cicatrização da alma. “Com certeza não descobri a jurema, mas a jurema me descobriu” (Mota, 2006 p. 12). A bebida é feita com água e as entrecascas da jurema, fica repousando em um pote de barro pequeno, ali o pajé faz seus rituais de pajelança, invocando o espírito da mata para derramar sua força e luz durante a preparação da bebida, para que todos que dela beberem sejam purificados e curados a partir do contato com ela.

Na aldeia Xokó, a bebida é feita no ritual sagrado (Ouricuri), é lá que o pajé faz o ritual da jurema, a bebida pode ser levada a outros espaços, como já ocorreu, a fim de deixar os guerreiros mais fortes com sua cultura e protegidos. A jurema se configura como sagrada, com forte poder de cura, limpeza espiritual e aproximação com os encantados, que na visão Xokó é a ancestralidade nativa que ronda os mesmos.

Segundo Rodrigo Grünewald (2019):

---

<sup>18</sup> Textos originais transcritos paleograficamente do parecer da Coroa portuguesa para o governador de Pernambuco, bispos e padres dando as diretrizes do que eles devem fazer com os índios que usavam a Jurema e que, portanto, apresentavam problemas espirituais e comportamentais. (Nimuendaju, 1986)

Nas entrecascas das raízes encontram-se largas concentrações do alcaloide N, N-dimetiltriptamina (DMT), que é considerado um alucinógeno pela medicina moderna. Já para seus experimentadores, ela é tida como um enteógeno, tendo em vista sua capacidade de promover experiências místicas” (GRUNEWALD, 2019, p.114)

Em um estudo realizado sobre o uso da jurema, entre os Kariri-Xocó e os indígenas de Sergipe, Clarice Novaes da Mota, vai mostrar o cenário em que a jurema é utilizada como figura central<sup>19</sup>. Dentro dos rituais indígenas existe a centralidade na bebida jurema, é nela que é depositada toda a força dos espíritos da mata, que na crença dos indígenas está de forma encantada e que o uso da bebida poderá torná-los tão fortes como seus ancestrais (Mota, 2006). Do seu experimento com a jurema, Mota explica que ela lhe mostrou o Brasil místico e mistificado (Mota, 2006, p.12). Segundo a autora “a jurema é mais do que um ícone, uma figura emblemática: É a consciência atualizada de realidades passadas e presentes que constroem o futuro das populações formalmente tribalizadas ou que, através do culto, se tribalizam novamente, em busca de sua sobrevivência social”. (ib., p. 08).

Na ilha de São Pedro os Xokó passam a fazer uso da bebida, jurema, depois das retomadas. A retomada da terra, ocorrida em 79, vai possibilitar aos Xokó conhecê-la e introduzi-la na sua organização cultural, prática tida como tradicional dos seus ancestrais e necessária para o reconhecimento da indianidade. A utilização da jurema, a princípio, nasce dessa necessidade, a de se firmarem enquanto indígenas. Atualmente o uso da jurema é um importante marcador da religiosidade Xokó, que para ser completa, o ritual da jurema passa a ser essencial.

Em entrevista com Girleno, ele ressalta que em 1993 já faziam uso da jurema nos toré, mas sem frequência, sendo que esse uso passa a ser predominante nos rituais Xokó, a partir de 2003, onde temos um divisor histórico na história contemporânea dos mesmos, que será a revelação do cacique da natureza<sup>20</sup> e o conseqüente renascimento da cultura Xokó.

---

<sup>19</sup> No primeiro trabalho, Clarice Novaes da Mota e José Flávio Pessoa de Barros apresentam um esforço de análise do personagem mítico conhecido como jurema entre os Kariri-Xocó de Alagoas e Sergipe e nos cultos afro-brasileiros, notadamente no Candomblé de Caboclo e na Umbanda do Rio de Janeiro. Através de observações etnográficas sobre os rituais onde se cultua a jurema, tanto como divindade, como o espírito incorporado da “cabocla Jurema”, os autores desenham o cenário onde a jurema é celebrada. (Mota, 2006, p.08).

<sup>20</sup> Cacique da natureza é o termo utilizado pelos Xokó para designar o cacicado de Bá (Lucimário Apolonio Lima) que se iniciou em 03 de maio de 2003 por meio de uma revelação da natureza.

Segundo Girleno:

*“A gente em 1993 quando estava acampado em São Geraldo, nós já estávamos fazendo a jurema, nas noites que tinha o toré a gente fazia a bebida e tal, mas sem tanta frequência, no entanto a introdução definitiva da jurema nos rituais Xokó começou em 2003 como bebida própria do ritual”.* (Entrevista realizada em março de 2023).

Dessa mesma necessidade, a busca pelo conhecimento dessa bebida fará com que os Xokó criem possibilidades existenciais enquanto indígenas. A jurema é a bebida sagrada e com poderes sobrenaturais, uma bebida vermelha em um pote de barro é trazido pelo pajé para o centro do ritual, todos esperam por um pouco da bebida sagrada, que é servida em uma casca de coco, alguém que sente dores no peito ou em outro membro do corpo, pede que o pajé banhe com a jurema aquele local, o doente crê que a jurema feita pelo pajé se derramada ali, no lugar enfermo, obterá a graça da cura. Os rituais feitos pelo pajé no preparo da jurema, fazem dela um medicamento precioso e milagroso para os indígenas.

*A jurema é a bebida sagrada para o povo Xokó. Que para ter o poder de cura, precisa ser fervida pela oração, geralmente feita pelo pajé. Essa fervura é espiritual. Durante esse processo, todas as forças da mãe natureza desce sobre ela, e em uma profunda concentração de forças positivas, ela é apurada, podendo curar doenças físicas e espirituais.* Anísio Xokó.

Medeiros 2006 destaca:

É o caso do uso ritual da Jurema, uma forma de culto, ligado ao uso de espécies botânicas (entre as quais a espécie *Mimosa tenuiflora*, anteriormente chamada de *Mimosa hostilis* Benth.) para a fabricação de uma bebida sagrada capaz de levar o ser humano a percepção e a comunicação com outros níveis de existência (o “mundo espiritual”, o “mundo dos ancestrais”, o “mundos dos encantados”), assim como desempenhou o papel de elemento de ligação e de coesão grupal ou étnico nos momentos das guerras e das lutas, do período colonial, até os nossos dias (MEDEIROS, 2006, p. n/p).

**Abaixo dois torés Xokó que fazem referência à importância da Jurema para os Xokó:**

*“Essa água é de Aruana. Aruana é o índio da gema. O índio da gema é quem canta, que a água santa é jurema.”*

*“Jurema, juremou, foi no terreiro da jurema que o índio se curou... foi no terreiro da jurema que o índio se curou”*

*Netinho xokó*

Desde a introdução do uso da jurema nos rituais, o significado de tal prática vem se transformando, isso se configura na forma de pensar e ser dos Xokó, atualmente. A bebida jurema é o alimento da fé. Eles usam a jurema buscando se firmarem na fé, nos encantados. A bebida serve para a cura e o batismo entre os indígenas em questão. *“A Jurema é nossa bebida sagrada, ela não representa uma divindade ou parte de uma, assim como a hóstia e o vinho no catolicismo, a tomamos porque acreditamos que ela pode nos curar de todas as formas, física e espiritual.”* Paulo Júnior Xokó.

#### **4. Os Xokó e a natureza pós revelação**

Posso falar com propriedade sobre esse período, que reflete até atualmente na vida dos indígenas de porto da Folha. Depois da revelação uma onda se espalha pela aldeia, algo está diferente, todos com um desejo de resgatar algo que eles consideravam perdido, eram rodas de conversas sobre a cultura, danças e muita tensão na comunidade. A força que desceu junto com o cacique, colocou a comunidade em uma desordem que parecia não ter fim; passados alguns dias, mais precisamente 10 dias, a aldeia estava calma e todos pareciam aceitar sem questionamentos o novo cacique que chegara.

Esse chegou abruptamente, mesmo assim todos aceitaram ou ao menos fingiram aceitar, porque não tinha outra alternativa. Eu recordo das ausências de aulas no colégio e a proibição de visitas na aldeia, naqueles dias. Depois do dia três de maio, uma busca por tudo que ligasse aqueles aos ancestrais, que um dia habitaram aquela terra, passou a ser feita constantemente. Começaram a surgir, aos poucos, inovações na cultura, de imediato mudaram as vestimentas e os ornamentos envolvidos no ritual indígena.

A natureza passa a ganhar outro significado para os Xokó, um simples pássaro no céu passa a ser um sinal bom ou ruim, merece a atenção. O Gavião, pássaro que em bando veio entregar a força do Cacique ao Bá, passa a ser sinônimo de bons ventos, boas novas, ver um gavião passa a ser a esperança para os Xokó. Às vezes fico me pergunto, como pode ter acontecido uma mudança, em massa, tão rápida? A busca pelo Ouricuri aumentou, as pessoas buscavam aquele espaço como se buscasse a cura para sua doença.

Como já relatei acima, não tínhamos costumes e quase nenhuma tradição indígena, tudo muito precário, e as eleições, como citado, só desintegrava o grupo. Acredito que nossos ancestrais vendo o apagamento definitivo de sua etnia, uniram forças em favor daqueles que ainda levavam o nome e o território, que um dia lhes pertenceu, desce, trazendo uma força ancestral sobre o então Cacique Bá, com todos os ensinamentos dos quais seu povo necessitava para reerguer e manter sua cultura. Teria os Xokó alcançado a terra de Itamariná? Teria o Caboclo Lino de fato encontrado o que havia perdido?

Passados 20 anos da revelação, seus reflexos ainda estão em nossas vidas, foram marcas boas que hoje nos dá segurança para um futuro, faz-nos acreditar em um futuro. Se aprendemos a ser índio? Talvez. Se aprendemos o ritual do Ouricuri nos moldes Xokó? Tenho certeza que sim. Se antes nosso pajé foi tachado de pajé de mentira pelo pajé Kariri-Xocó<sup>21</sup>, acredito que tal pajé já entende que Raimundo (In Memoriam) não era um falso pajé, mas o pajé que conseguiu ser para seu povo ou o pajé que a herança colonial e genocida o permitiu ser. Nunca vi alguém amar tanto um ofício como o pajé Raimundo, tinha amor por sua pajelança e a defendia. Homem sereno, sábio e amante de sua cultura, não hesitou em buscar por ensinamentos nos Kariri-Xocó, para melhorar sua cultura, para descobrir outras novas, como o Ouricuri.

Conversei com Tawanã Kariri-Xocó sobre os preconceitos e uma espécie de rivalidade que existia com os Xokó, o mesmo fala de um imaginário que durante muitos anos fora disseminado na aldeia deles, sobre a legitimidade dos indígenas de Sergipe. Ele fala que isso mudou, o mesmo tem lutado e repreendido esse tipo de opinião sobre os Xokó, ele fala: *“É, há muito tempo, desde do meu entendimento, nem todos os indígenas, por não ter conhecimento,*

---

<sup>21</sup> “[...] pois é, como diz a palavra, os encantados vieram e foram embora e eles não sabiam o que fazer com aquilo. Que pena que não tinha um pajé de verdade por ali. (...). Não é fácil trabalhar com eles e aquele povo de lá nem sabe como.” (Mota, 2007, p. 100-101). Esse relato é do pajé Suíra quando informado por Clarice de um evento envolvendo um momento de transe que ela presenciou nos Xokó.

*acreditavam que não ficou índio lá, quando os antigos vieram, todos vieram, muitos acreditavam, mas eu, meu pai, o cacique e o pajé, hoje tivemos a certeza que lá tem índios”.*

É muita presunção ou ingenuidade, acreditar que na terra Caiçara, habitada por caboclos, como eram denominados no final do século XIX, os indígenas se resumissem à família Pires. Se existiam dúvidas entre os parentes, quanto à legitimidade dos Xokó, para mim, enquanto uma Xokó e agora pesquisadora, sempre foi muito clara a nossa ascendência, isso levando em consideração a vivência dos caboclos da Caiçara, assim como algumas artes desenvolvida por eles, como a cerâmica. A nossa retomada foi legítima e estamos a retomar todos os dias, pois 40 anos de existência não supri o apagamento que os Xokó viveram por mais de 100 anos. Quando a família Pires migrou com todo o seu clã para o estado Alagoano, ficaram caboclos índios, a exemplo de Manuel Canicor e tantos outros, a resistir na terra de posse ancestral desses, resistiram para que nós, atuais Xokó, pudéssemos existir e desfrutar dos frutos dessas lutas.

Diante de todas as leituras que havia feito, anteriormente, estava com receio do que ouviria dos meus parentes, sobre a história que hipoteticamente eles ignoravam e não davam legitimidade aos fatos. Hoje compreendo que estamos em processo contínuo e constante de formação, que em tudo nos transformamos. Hoje, como citou o parente, eles “aceitam” e nos respeitam enquanto indígena; agora eles entendem que os indígenas que ficaram, ficaram resistindo e existindo na roupagem de Caboclo para, então, retomarem o nome do teu povo e serem reconhecidos como Xokó. Creio que não é mais novidade, nem segredo, que todos os fatores históricos, antropológicos, socioculturais que envolvem a trama dos Xokó, mostram que viemos sim de uma retomada, renascemos de uma retomada, reaprendemos a sermos indígenas, se um dia nossos avós aprenderam a serem caboclos, por que não reaprendemos a sermos indígenas?

### **O cemitério dos Caboclos**

**Figura 34:** Cemitério dos caboclos



Foto do acervo pessoal da autora

Dentro das mudanças causadas pela revelação, uma merece destaque: é a relação dos Xokó atuais com o então cemitério dos caboclos, que fica na Terra Caiçara. Antigamente o local era visto apenas com um lugar de pagar promessas e de mal assombros, no entanto, após a revelação essa relação irá se modificar. No dia 01/05/2023 fui até o cemitério dos caboclos fazer algumas fotografias e de alguma forma pedir a eles (os caboclos) permissão para escrever sobre sua morada. Lá já fui várias vezes, algumas vezes em andanças, outras em obrigações do Ouricuri, lá tem uma magia, uma força ancestral presa naquela terra, lá é um dos elos fortes entre os “caboclos” e os Xokó atuais.

É em Caiçara, perto da lagoa, que se acha o cemitério em que eram enterrados os antigos caboclos. Pagam promessas neste cemitério, atualmente. (Melatti, 1979, p. 07).

O cemitério dos caboclos fica na antiga sede dos indígenas, já bastante alterado pela mão do homem, é lá que está a sepultura do nosso saudoso pajé Raimundo, que faleceu em 2016. Há 30 anos o ambiente era mais “original”, a mata bem fechada, uma cruz de madeira no centro e uns amontoados de pedras espalhadas em torno da cruz, os mais velhos diziam que ali se tratava de sepulturas de caboclos. Um lugar cheio de mistérios e crenças, onde as rezas católicas e os rituais indígenas se fundiam. Eram as rezas do cristianismo misturadas aos sons dos torés que evocavam os caboclos, uma mescla das duas tradições. De acordo com as pesquisas que realizei na comunidade Xokó, não se sabe o ano de fundação do cemitério dos caboclos, as pessoas que me forneceram as informações são de 70 a 78 anos, todas elas demonstraram desconhecerem a fundação, assim como detinham pouco conhecimento sobre o local, apenas sabiam que era o lugar de sepultamento dos caboclos e que se tratava de um lugar “mal-assombrado”.

O Cemitério dos caboclos tem uma cruz no seu centro. Quando o reconhecimento da identidade indígena é alcançado pelos caboclos da Caiçara, haverá uma reaproximação dos ex residentes caiçareiros com o local, até então, tido como lugar onde apareciam visagens, era uma religião dos elos, ora cortados pelo proprietário da fazenda Caiçara, ora reestabelecidos. É no cemitério dos caboclos que as orações dos atuais Xokó se fortalecem, é lá que eles buscam força e inspiração dos seus ancestrais para permanecerem fortes na luta pela existência.

**Figura 35:** Caminhos que levam ao passado



Foto do acervo pessoal da autora

A ligação com o cemitério antes de 2003 era uma relação de temor e de se firmarem como descendentes dos povos indígenas, que ali estavam enterrados, era um fato que dava legitimidade às reivindicações das retomadas, via-se naquele espaço o local que dava comprovação de que a terra era dos indígenas e aqueles que sempre viveram ali, eram seus descendentes, na condição de caboclos não podiam realizar as práticas dos seus ancestrais. Mesmo sendo um cemitério ancestral, muitas “obrigações” que ocorrem lá é de cunho religioso cristão, sempre nas orações indígenas fica eminente a forte influência do catolicismo que, por vezes, não fazem distinção sobre o Deus propagado pelos ensinamentos cristão e o Nhanderú (Criador, que na linguagem Xokó representa Deus). As duas crenças estão fundidas é praticamente uma só, os Xokó vivem normalmente com as duas crenças, com as duas celebrações, sem culpa, sem questionamentos.

Quando falo dessa maleabilidade dos Xokó com as duas crenças, me reporto a uma passagem da Clarice Novaes da Mota, em que ela cita: “Fica claro que não há contradição nenhuma entre ter cristo e jurema no coração da religiosidade dos Xokó atuais (Mota, 2002, p. 179). Em conversa recente com Girleno, uma liderança idosa da aldeia, que tem muito me ajudado nas pesquisas, ele cita: *“Não deve existir mágoa dos índios em relação a igreja católica, pois tudo que a igreja fez, foi obedecendo a política colonial da época”*. Quando citei a participação da igreja nas lutas de retomada, Girleno ressaltou que foi graças a ela (igreja católica) que se pôde sonhar em ter as terras de volta. *“As terras que nasci e me criei, mas que não me pertenciam”* Girleno Xokó.

Sobre o cemitério dos caboclos, Girleno Xokó fala:

*Tínhamos receio de andar por lá, porque diziam que lá no cemitério dos caboclos, era lugar de malassombro, na época creio que não tinham cemitério, então ali era o cemitério dos caboclos e fica na Caiçara que era o lugar da aldeia. Pessoas vinham de longe pagar promessas no cemitério dos caboclos, pessoas que faziam promessas pra se curarem de enfermidades e alcançando a graça se dirigia com um objeto de barro para oferecer aos caboclos, onde aquele membro feito de barro representava o membro que se encontrava enfermo e recebeu a cura dos caboclos, então era colocado lá no pé da cruz. O cemitério dos caboclos é um lugar cheio de energia, ali, próximo ao cemitério, fica o antigo ritual dos ancestrais, então pode ser que por isso faziam seus sepultamentos ali”. Entrevista realizada em abril de 2023.*

**Figura 36:** Pedras que dão pistas sobre o passado



Foto do acervo pessoal da autora

O cemitério dos caboclos já foi palco dos pagadores de promessas, que vinham de todos os lugares em busca de cura e soluções para seus problemas. No pé da cruz tinha uma dezena de objetos de cerâmicas, que eram oferecidos aos caboclos por alguma graça alcançada. Atualmente, devido à ação do homem, esses objetos têm desaparecido, restando apenas duas ou três peças no local. Aos caboclos que ali estão sepultados era devotada certa crença, então quando os Xokó se viam abatidos por enfermidades, pediam a cura aos caboclos, esses lhes davam a cura. Em contrapartida, para simbolizar o membro do corpo humano que estava enfermo, era feito do barro o pé, dedo, seios e qualquer outra parte do corpo, que representasse o lugar curado, assim, era levado até o cemitério dos caboclos, onde eram feitos os rituais de agradecimento.

Essa troca de favores entre o encantado e matéria era levado muito a sério. Muitas pessoas, mesmo de fora do aldeamento, também acreditavam no potencial dos caboclos encantados. Em muitas civilizações, as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e recebidos (Mauss, 2003, pág. 187).

**Figura 37:** Cruzeiro no centro do cemitério dos caboclos





Foto do acervo pessoal da autora

*Uma certa vez uma senhora de fora havia feito uma promessa aos caboclos, depois da graça alcançada ela não foi pagar a promessa no cemitério como havia dito aos caboclos. Então, em uma certa noite, a dita mulher havia sonhado com uma mata fechada, entrando no varedo de mato, ela falou a conhecidos que reconheceu na descrição dela o cemitério dos caboclos, então ela veio pagar a promessa aqui, eu era menina e acompanhei ela nessa caminhada. (Entrevista com Maria José Apolonio Rosa 68 anos em janeiro de 2023).*

Ao mesmo tempo que o local de sepultamento representava um elo dos Xokó com os antepassados que ali estão sepultados, era também local onde o sobrenatural ocorria. Seu Herilo

Xokó faz alguns relatos sobre a vivência na Caiçara e sobre a forma como os mais velhos tratavam o local de sepultamento dos caboclos. Segundo ele existia muito respeito ao cemitério.

*A gente tinha respeito por nossos antepassados, e por isso meu pai chegou a fazer muito pés de barro para colocar lá, era pra agradecer, agora o quê não sei. “Eu tinha medo, quando criança carregava lenha com minha mãe e tive um arrepio muito grande, me lembro como hoje, foi um psiu bem forte, e sai de lá a toda e minha mãe disse para não retornar mais lá. (Entrevista realizada em abril de 2023).*

O cemitério dos caboclos hoje é cenário, principalmente, dos rituais indígenas relacionados ao toré. Ali é um dos pontos sagrados na visão dos Xokó. É lá que se encontram plantados os seus antepassados. Atualmente existe forte sentimento de apropriação de tudo que tem no local, os antepassados Xokó se encontram ali, quando esses necessitam de forças espirituais é lá que buscam as energias dos seus ancestrais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, fiz uma contextualização de como está organizada politicamente a aldeia Xokó atualmente. É possível identificar como está organizada a comunidade em que tem duas lideranças: cacique e pajé, mas que conta com o apoio do povo, em situação delicada, para a resolução dos problemas internos. Compreendo que o cacique e o pajé governam em consonância com o povo. A ilha de São Pedro é a sede da aldeia, é onde também se concentra o maior número de habitantes se comparado a outras partes da TI, como a Caiçara, onde atualmente residem duas famílias. É na TI caiçara onde se realiza o sagrado Ouricuri, é lá também onde ficam a maioria dos roçados e a criação de gado para leite. Como demonstrado no primeiro capítulo, a aldeia Xokó é bastante pequena, não chegando à soma de 400 pessoas, de acordo com o último levantamento realizado em novembro de 2023. A aldeia tem apresentado um movimento de migração, onde indígenas buscam em outros estados oportunidade de trabalho, enquanto outros saem para estudar. Contudo, é notório que a maioria das pessoas que saem para trabalhar é parte do grupo que não se especializou. Muitos desses jovens, em sua maioria homens, estão retornando para a aldeia e começando os trabalhos com a criação de gado.

A relação entre Xokó e não índio é secular e perdura nos dias de hoje, algo que é de bastante preocupação para as estruturas locais atuais. O casamento de Xokó com pessoas de fora do grupo, tem provocado um aumento considerável de pessoas não indígenas na aldeia, o que levou a comunidade a tomar a decisão de não permitir, que os filhos do conjugue não indígena morassem na aldeia. Essa foi a alternativa encontrada, para conter o avanço de relacionamentos entre Xokó e não Xokó com filhos de relações anteriores. As festas que um dia foram bastante comuns na aldeia já não são mais, ao menos ao gosto da vizinhança, as festas são mais católicas e tradicionais, sendo assim, são comemorações que não contam com muitos atrativos para quem gosta de músicas, dança e álcool. Isso faz com que as festas realizadas na ilha, não tenha participação da vizinhança.

A escola desempenha um papel muito importante no fortalecimento da cultura e na preservação das memórias. Desde 2019 a escola tem em sua grade curricular a disciplina Cultura Xokó, sendo essa uma matéria específica para falar da história deles. De acordo Lei nº 11.645, criada desde 2008, inclui a obrigatoriedade do estudo da história indígena nos currículos do ensino básico das escolas brasileiras. Todavia isso só vai ser efetivada após a criação da disciplina em 2019, onde se é possível trabalhar com a história e a preservação das memórias.

O quadro de professores é composto majoritariamente por indígenas. Atualmente, os professores Xokó, com o apoio do Sintese (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica do Estado de Sergipe), têm buscado elaborar um cargo de magistério indígena, especificamente para o povo Xokó. Os critérios ora estabelecidos no plano proposto é exatamente favorecer os indígenas que residem na aldeia. As demais instituições que existem na aldeia, como CRAS e polo base de Saúde, desempenham também um importante papel no fortalecimento da cultura Xokó. O posto de Saúde é mantido pela SESAI, órgão do governo federal, responsável pela saúde indígena e o Cras é mantido pela prefeitura de Porto da Folha.

No segundo capítulo trago uma abordagem historiográfica em que o principal recurso utilizado foram livros de autores, que esmiuçaram o passado ancestral dos Xokó. Muitos desses pesquisadores, a exemplo da Beatriz Góis Dantas, anteciparam a publicação do livro Terra dos índios Xocó, dela e do Dalmo de Abreu Dallari, a fim de que as informações coletadas por eles dessem comprovação e legitimidade às reivindicações dos caboclos da Caiçara. De certo modo não só ajudou, como hoje reconhecemos e agradecemos o pioneirismo da Beatriz Góis com os estudos sobre o povo Xokó. Então foi um estudo bibliográfico, no qual pudemos conhecer o passado dos indígenas que habitaram a região de São Pedro, assim como todo o processo de apagamento da identidade e cultura deles. Todo o capítulo segue com a história de luta dos caiçareiros, até a porta da retomada em 1979, onde, com a ajuda e incentivo de Frei Enoque, chamado na época de Frei dos índios, os caboclos tomam coragem para iniciar os processos de retomada. Durante a pesquisa de campo tive muita dificuldade de encontrar interlocutores, isso porque os idosos que participaram da luta dizem não se lembrarem de muitos fatos ocorridos, e outros se negam a dar informações. Temo que daqui a uns anos não teremos à nossa disposição, as nossas memórias vivas.

O capítulo em questão relata a saga de frei Enoque em busca de testemunhas e documentos que comprovassem que os caboclos da Caiçara eram donos das terras, para isso pediu ajuda a pesquisadores e divulgou a história de luta dos caboclos em jornais do país. E de caboclos a índios, ressurgem no baixo São Francisco, no estado de Sergipe, em 1979, os índios, que até aquele momento foram dados como extintos. Ressurgem e retomam tudo que ancestralmente te pertencia. É graças à teologia da libertação, vertente da igreja católica, que passa a atuar no sertão sergipano nos anos de 1970, que os caboclos da Caiçara terão o apoio da Diocese de Propriá na luta. Ela toma a frente das questões e protege os caboclos, assim, como procura apoio entre as minorias. Uma luta engajada e encabeçada pela diocese de Propriá,

na pessoa de Frei Enoque, pessoa que na questão do Xokó foi a que mais se destacou. Tentam diminuir as mazelas que acometiam o Sertão nos anos 70.

No terceiro e último capítulo, parto de um evento contemporâneo e que marcou a história dos índios Xokó. Falamos da revelação do cacique, ocorrida em 2003, que vai modificar a forma de ser Xokó, evento que marca a última fase das retomadas Xokó. É o renascimento cultural, onde novas formas de se vestir vão surgir, novos hábitos vão aparecer e um forte sentimento ancestral. Com a revelação vai surgir um novo comportamento na aldeia, relacionado à natureza, é através da retomada do sagrado Ouricuri, que os Xokó terão acesso aos segredos não revelados, aos mistérios que os mesmos não conheciam, começam a prática do Ouricuri e a partir de então recebem a graça proporcionada pelos encantados.

Enfim, conclui-se que a história do povo Xokó está em uma fase de experienciar novas transformações, seja na cultura indígena, na educação, na juventude ou na política, tudo caminha para um futuro bom. A maioria tem noção de tudo que o ser Xokó representa, de toda a luta que se tem em ser minoria em um país. A história atual do povo Xokó é de resistência e todos sabem disso. Sabem que a manutenção da cultura é a grande chave para manter as conquistas das retomadas. Enquanto houver um Xokó nessa terra, haverá resistência e existência, ouvi essa frase de um jovem que falava ao seu povo. Nasceram como caboclos, vão morrer como índios Xokó. O único povo que resistiu ao massacre às aldeias indígenas em Sergipe. As linhas que formam suas teias, os levam para um futuro que é ancestral. Na busca por sua ancestralidade indígena, o Xokó se tornou ancestral.

## REFERÊNCIAS

ALARCON, Daniela. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas/UNB, Brasília, 2013, 343 pp.

ANDRADE, Ugo Maia. *O que podem nos dizer as retomadas indígenas?* Comunicação apresentada na Mesa Redonda “Etnologia dos povos indígenas do Nordeste”, 6ª REA, Salvador, dig., 2019, 15 pp.

ANDRADE, Ugo Maia. Um grande atrator: toré e articulação (inter)étnica entre os Tumbalalá do sertão baiano. *Cadernos de Campo. USP*, nº 10, 2002. p. 79-92.

ARRUTI, José Maurício A. “Agenciamentos políticos da “Mistura”: identificação étnica segmentação negro-indígena entre os Pankararú e os Xocó”. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, nº 2, 2001, pp. 215-254.

ARRUTI, José Maurício A. Da memória cabocla à História Indígena: conflito, mediação e reconhecimento (Xocó, Porto da Folha/SE).

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Itália no Nordeste: contribuição italiana ao Nordeste do Brasil*. Torino; Recife: Fondazione Giovanni Agnelli/FUNDAJ/Massangana, 1992.

BARRETO, Hélia Maria de Paula. *Produção Cerâmica Xokó: a retomada de uma identidade*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

BORGES, André Luiz Mandarino. *Ser da terra: o ambiente na produção do imaginário Xocó*. Dissertação de Mestrado, PRODEMA/ UFS: São Cristóvão, 2003.

BEDIAGA, Begonha (Org.). “Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)”. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

BARLEY, Nigel. *El antropólogo inocente. Notas desde una choza de barro*. Barcelona: Anagrama, 1989.

DANTAS, Beatriz Góis. *Xokó Grupo Indígena de Sergipe*. Aracaju: Gráfica Opção, 1997.

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. *Terra dos índios Xokó: estudos e documentos*. São Paulo: Parma, 1980.

----- . Os índios em Sergipe. In.: DINIZ, Diana Maria de F. L. (org.) *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: UFS/BANESE, 1991, p. 19 - 60.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção perspectivas do Homem. Série política.)

FIGUEIREDO, A. *Os enforcados: o índio em Sergipe*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1981.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Sujeitos da Jurema e o resgate da “ciência do índio”* In: LABATE, Beatriz C. & GOULART, S. L, *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas, Mercado das Letras, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas Províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

HOENTHAL Jr., W. D. “As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco” In: *Revista do Museu Paulista*, N.S., XII, 1960, pp. 37-71.

HOBBSAWN. *A invenção das tradições* organização de Eric Hobsbawn e Terence Ranger Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v. 55)

LARA, Amiel Ernenek M. “*Estar na Cultura*”: os Tupinambá de Olivença e o desafio de uma definição de indianidade no sul da Bahia. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UNICAMP, 2012, 156 pp.

MAGALHÃES, Larousse Soares. Lugar, gesto e memória: persistências no fazer das loiças de barro Xokó. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe - PROARQ-UFS, 2022.

MONTEIRO, Eliana de Barros. “*Eu já vi água ir embora (...) com natureza não se mexe, (...) eu já vi água ir embora*”. Dissertação de mestrado em antropologia. PPGA-UNICAMP, 2008, 203 pp.

MELATTI, Delvair M. 1979. Relatório de viagem aos Xokó da ilha de São Pedro. Brasília: FUNAI / DCPC / DMM / dcs / 07 de novembro (Processo MINTER/10293/79), 205f. Ministério Do Interior Fundação Nacional Do Índio - Funai Retrospectiva Histórica Dos Movimentos Indígenas Na Funai. Delvair Montagner Melatti Funai/Artindia.

MOTA, Clarice Novaes da, Albuquerque, Ulysses Paulino de (organizadores). *As Muitas Faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-brasileira*. 2ª Ed. – Recife: Nupeea, 2006.

MOTA, Clarice N. da & BARROS, José Flávio P. de. (1990), “Jurema: Black-Indigenous Drama and Representations”. *Ethnobiology: implications and applications*, vol. 2, Belém: Museu Goeldi.

MOTA, Clarice Novaes da. *Os filhos de Jurema na floresta dos espíritos: ritual e cura entre dois grupos indígenas do nordeste brasileiro* / Tradutores: Clarice Novaes da Mota, Marcelo Rangel – Maceió: EDUFAL. 2007.

MOTA, Clarice Novaes da. *Performance e significações do Toré. O caso dos Xokó e dos Kariri-Xocó*. In: R. de A. Grunewald (org.). *Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste*. Recife: Massangana 2005.

MEDEIROS, Guilherme. O uso ritual da Jurema entre os indígenas do Brasil Colonial e as dinâmicas das fronteiras territoriais do Nordeste do século XVIII. Congresso Internacional Las sociedades fronterizas del Mediterráneo al Atlántico (ss. XVI-XVIII). Madrid, 2006.

MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade [1926]. In: MAUSS, Marcel, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

NIMUENDAJU, Curt. Mitos indígenas inéditos na obra de Curt Nimuendaju. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 21, 1986.

NEVES, Rita de Cássia Maria. Identidade, Rito e Performance no Toré Xucuru. In *Regime encantado do índio do nordeste* organizador: Rodrigo de Azevedo Grunewald. Recife: Fundaj, editora Massangana, 2005.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *“O nosso governo” : os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero ; Brasília: CNPq, 1988.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito”. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.) *A temática indígena na escola*. São Paulo: Global, 1995, pp. 61-81.

\_\_\_\_\_. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: João Pacheco de Oliveira (org.) *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999a, pp. 11-39.

\_\_\_\_\_. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. João Pacheco Oliveira (org). Rio de Janeiro: Contra Capa/LACED, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 272 pp.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

\_\_\_\_\_. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1978.

\_\_\_\_\_. *O índio e o mundo dos brancos*. Brasília: Editora da UNB, 1981.

OLIVEIRA, A. A. S.; L'ODÒ, Alexandre L'Omi. *TEOLOGIA DA JUREMA. EXISTE ALGUMA?*. Alexandre Alberto Santos De Oliveira (L'Omi L'Odò).

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. *Povo Xokó: Memória/identidade e educação*(recurso impresso) / Valéria Maria Santana Oliveira- Maceió, Al: Editora Olyver, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: Os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 115- 132.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Terras indígenas na legislação colonial. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, 95, p. 107-120, 2000. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67457>. Acesso em: 22/004/2023.

Texto retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132006000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132006000100002&script=sci_arttext) (revista *Mana* vol. 12 n.1).

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. UnB, 1992. A pintura em cerâmica Tupiguarani. *Ciência Hoje*, vol. 36, nº 213, p. 22-28. 2005.

Queiroz, Angelita *A festa da retomada: uma celebração identitária de ser Xokó na Ilha de São Pedro – Porto da Folha/SE / Angelita Queiroz; orientador Fernando José Ferreira Aguiar. – São Cristóvão, SE, 2020. 209 f.: il.*

Restrepo, Eduardo *Etnografía: alcances, técnicas y éticas* / Eduardo Restrepo; Bogotá: Envió editores, 2016.

SCHILLACI, Manuela. *Religiosidade truká e o rio São Francisco (PE): um estudo da violência simbólica das grandes obras*. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UFPE, Recife, 2017, 192 pp.

SOUZA, Jucimara Araújo Cavalcante. “*Nascer como uma algaroba e crescer como um juazeiro*” - organização social e práticas rituais entre os Xokó da ilha de São Pedro. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UFS, São Cristóvão, 2016, 114 pp.

SOUZA, Natelson Oliveira de. *A herança do mundo: história, etnicidade e conectividade entre jovens Xokó*. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UFBA, Salvador, 2011, 150 pp.

JOSEFA, Eliene Dos Santos: Um Religioso Pernambucano No Sertão Sergipano: Trajetória De Frei Enoque E A Questão Fundiária 1942-1986. Josefa Eliene Dos Santos Pag. 41 E 47

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 552 pp.

## **INTERLOCUTORES QUE CONTRIBUÍRAM NO PROCESSO**

Anísio Apolonio Lima-**Poeta Da Terra.**

Ângela Apolonio Rosa Lima- **Diretora Do Colégio Indígena**

Beatriz Góis Dantas- **Antropóloga Pioneira Nos Estudos Sobre O Povo Xokó**

Cristiano Apolonio Lima- **Liderança Xokó**

Danielly Silva Santos- **Coordenadora Do Colégio Indígena**

Elenice Bezerra Lima- **Assistente Social Do CRAS Da Aldeia**

Enoque Salvador De Melo- **Frei Que Contribui Nos Processos De Retomadas**

Euzani Da Cruz- língua Indígena-**Tawanã Kariri Xocó e Fulkaxó**

Girleno Clemente Lima 74 anos-**Liderança Idosa e Lider Dos Movimentos De Retomadas Xokó.**

Herilo Soares Lima- **Idoso Xokó**

José Nunes De Oliveira -Nome Indígena Nhenety- **Interlocutor Kariri-Xocó**

Pajé Jair Acácio Santos- Na língua Indígena **Pajé Tuayri**

Júlio Queiroz Suíra- **Pajé Kariri Xocó**

Cacique Lucimário Apolonio Lima- **Cacique Bá.**

Maria José Apolonio Rosa 68 anos- **Idosa Xokó**

Maria Helena- **Idosa Xokó**

Oliveira Bezerra Lima 80 anos- **Idoso Xokó**

Paulo Dos Santos Lima Junior- **Professor Do Colégio Indígena xokó**

## APÊNDICES



Lagoa grande da Caiçara/Acervo pessoal



Caiçara próximo ao barreiro e ao Cemitério dos Caboclos



*Ceramista Damiana*



*Barreiro da Caiçara*



*Indígena Xokó*



*Setembro de 2017/Acervo pessoal*



*Setembro de 2017 Acervo pessoal*



*Setembro de 2017 Acervo pessoal*



*Setembro de 2017 Acervo pessoal*



*Setembro de 2022 Acervo pessoal*



*Setembro de 2022/ Acervo pessoal*



*Centro da aldeia Xokó setembro de 2022/Acervo pessoal*



*Setembro de 2022/ Acervo pessoal*





*Setembro 2023/ pajé jair/ Acervo pessoal*



*Setembro de 203/ Acervo pessoal*



*Tia Enoi, primeira professora dos Xokó/ Acervo frei Enoque*



*Acervo frei Enoque*



*Louças para queimar/Acervo frei Enoque*



*Ossos humanos encontrados no fundo da igreja em um pote de cerâmica no começo dos anos  
2000/Acervo pessoal*



*festas aos 80 anos de frei Enoque dezembro de 2022/Acervo pessoal*



*Setembro de 2022/ Acervo pessoal*



*Reisado das Caboclas da caiçara reproduzido pelas jovens Xokó dezembro de 2023*



*Celebração da missa setembro de 2023/Acervo pessoal*



*Xokó fumando o cachimbo/ Acervo pessoal*